



Psicanálise em revista – Sociedade Psicanalítica do Recife
Volume 13, n. 1 (2022)

Recife: SPRPE, 2022
Publicada desde 2000
Bianual
ISSN n. 15188256

1. Psicanálise – periódico. I. Sociedade Psicanalítica do Recife

Psicanálise em revista

Órgão Oficial da Sociedade Psicanalítica do Recife

Volume 13 – n. 1, 2022

ISSN n. 15188256

Editora: Sandra Trombetta (SPRPE)

Corpo editorial: Camila Arruda Vidal Bastos
Carolina Cavalcanti Henriques
Eveline Braga Nogueira

Conselho Consultivo: Ana Cláudia Zuanella (SPRPE)
Claudio Castelo Filho (SBPSP)
Mabel Cristina Tavares Cavalcanti (SPRPE)
Maria Arleide da Silva (SPRPE)
Maria Stela Menezes Santana (SPRPE)
Roosevelt M. S. Cassorla (SBPSP e GEPCamp)
Vanda Maria de Carvalho Pimenta (SPRPE)

Secretária Executiva: Elian Alves Carneiro
Produção Gráfica: Bellelis Comunicação
Capa: Mireille Bellelis
Impressão: Gráfica e Editora Liceu
Revisão Final: Ana Maria Leite Paulo

Copyright Psicanálise em revista

Publicação anual

Psicanálise em revista

Rua Belarmino Carneiro, 249 – Torre

50710-340 Recife, PE

Tels.: 81 3228-1756 e 81 3226-0462 | Celular: 81 98609-0196

sprsecretaria@uol.com.br

Sociedade Psicanalítica do Recife

Filiada à Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi)

Diretoria

Biênio: 2021/2022

Presidente: Alirio Torres Dantas Jr.

Secretária: Maria de Fátima Barros Calife Batista

Tesoureira: Magda Sousa Passos

Diretor Científico: José Fernando de Santana Barros

Diretora do Instituto: Maria Arleide da Silva

Comissão de Ensino

Ligia Maria Gomes da Silva Rodrigues

Solange Cavalcanti Furtado

Magda Sousa Passos

Maria Tereza Guimarães Lima

Conselho Consultivo

Carolina Cavalcanti Henriques

Austregésilo Castro

Ana Cláudia Zuanella

Núcleo Filiado:

Núcleo Psicanalítico de Maceió

Diretoria

Biênio: 2023/2024

Presidente: Carolina Cavalcanti Henriques
Secretária: Lígia Maria Gomes da Silva Rodrigues
Diretor Financeiro: Vitor Hugo Lima Barreto
Diretora Científica: Sandra Paraíso Sampaio
Diretora do Instituto: Ana Cláudia Zuanella

Comissão de Ensino
Claudia Galamba
Maria Crisales Lima Rezende
José Fernando de Santana Barros
Vitor Hugo Lima Barreto

Conselho Consultivo
José Fernando de Santana Barros
Maria Stela Menezes Santana
Rosinete Maria de Mendonça Melo

Núcleo Filiado:
Núcleo Psicanalítico de Maceió

Sumário

Editorial

Racismo | 11

Sandra Trombetta

Carta-convite

Racismo | 15

Sandra Trombetta

Homenagem

Entrevista com José Fernando de Santana Barros | 19

Carolina Cavalcanti Henriques

Por que o racismo?

A razão da existência negra em pauta | 27

Ignácio A. Paim Filho e Augusto M. Paim

Qual a família da psicanálise? | 43

Berenice Bento

Racismo

Psicanálise e racismo | 77

Carolina Cavalcanti Henriques

Por quem os sinos dobram? | 91

Leonardo A. Francischelli

**A psicanálise diante do racismo sofrido pela população
negra no Brasil | 99**

Evaldo Ferreira da Silva, Vânia Maria Martins Lopes e

Rosa Maria Batista Dantas

Artigos

Por uma Masculinidade Cuir | 113

Sergio Eduardo Nick

Masculinidades e pensamento dicotômico | 125

Lucia Maria de Carvalho Aragão

Repetições | 145

Maria Letícia Wierman

Ensaio e crônicas

Ser e não ser, eis a situação | 167

Eveline Braga Nogueira

Mulheres invisíveis | 171

Lina Rosa

Preconceitos | 177

Giovanna Albuquerque Maranhão de Lima

Psicanálise e arte

Laços entre os estilhaços da vida | 183

Cristina De Macedo

Aos colaboradores

Normas para apresentação de trabalhos | 185

Editorial

Racismo

Sandra Trombetta

Na pré-história da Bossa Nova, até em seu nascimento, há uma pessoa pouco conhecida, apesar de seu indiscutível talento e importância para o movimento – seu nome é Alaíde Costa. Com voz doce e interpretação sofisticada, Alaíde rompeu parâmetros até então experimentados e, junto com nomes como João Gilberto e Vinícius de Moraes, contribuiu para o desenvolvimento desse novo jeito de compor e cantar a música brasileira. Nas palavras de Ruy Castro, Alaíde foi um mito entre os músicos e respeitada por todos os cantores. Mesmo assim, permaneceu em semi-ostracismo por longos anos, foi solenemente ignorada em turnês internacionais ou datas comemorativas da Bossa Nova, promovidas por grandes canais de tv e jornais de nosso país. Mas a razão para trazê-la até este editorial, além de ser uma talentosa mulher negra brasileira, está em suas declarações, nas quais revela que a causa da sua exclusão na história da música brasileira foi o racismo: “O que sofremos (ela e Johnny Alf, também negro) foi um preconceito racial velado na música. Negro não tinha que cantar rebuscado. Só podia cantar e rebolar” (Costa, 2022)¹.

Temos, assim, a oportunidade de observar o peso do racismo na trajetória de uma artista de inquestionável valor, com o arrefecimento do seu brilho e sua supressão dos círculos mais almejados. Para a nossa sorte, por sua exemplar coerência, Alaíde não se apartou de si, e hoje podemos acompanhar o seu renascimento. Resgatada do limbo por ventos mais favoráveis e almas sensíveis, ela tem participado de lives e gravações, em profícuas parcerias com artistas contemporâneos, em composições originais e interpretações estonteantes.

1 <https://www.google.com/amp/s/veja.abril.com.br/coluna/o-som-e-a-furia/alaide-costa-sobre-ser-esnobada-pela-bossa-nova-preconceito-velado/amp/>

É esse aspecto mais profundo do racismo, nomeado pelo antropólogo Kabengele Munanga de “racismo à brasileira” (2004), que surge nos meios mais insuspeitos e é coberto pelo véu do disfarce, que nos propusemos a estudar em nossa *Revista*. Foi esse o viés que destacamos para os autores convidados a escrever em nosso periódico, em carta-convite logo à frente publicada, para que pudéssemos deixar, em grafia, caminhos para a expansão do pensamento e a transformação do fenômeno. Como pensarmos o racismo no mundo da psicanálise? Estaríamos sensíveis à identificação de sua presença? Saberíamos aquilatar sua consequência em nossas mentes, nas mentes de nossos pacientes ou na estruturação de nossos institutos?

Caro leitor, *Psicanálise em revista* adotou como abertura para seus volumes uma sessão que homenageia grandes personagens da história da psicanálise. Desta feita, a deferência é prestada ao caríssimo Fernando Santana, professor de todos nós, presente desde os primeiros acordes de nossa SPRPE em funções de valorosa importância para a nossa entidade. Coube a Carolina Henriques, nossa atual presidente, realizar essa honrosa tarefa, deixando em nosso registro os dados e os afetos de uma linda e exemplar trajetória.

Em seguida, inspiradas nas cartas em que Freud e Einstein respondem à pergunta “Por que a guerra?”, pedimos a um psicanalista e a uma socióloga que respondessem à questão “Por que o racismo?”, Ignácio A. Paim Filho, junto com Augusto M. Paim, e Berenice Bento, em construções originais e preciosas, ofertaram-nos seus pensamentos.

Na sessão “Racismo”, você encontrará as contribuições de Carolina Henriques e Leonardo Francischelli, com proposições criativas e relevantes sobre o tema e, ainda, o trabalho em equipe de Evaldo Silva, Vânia Lopes e Rosa Dantas que realiza um importante resgate de vários artigos publicados sobre o racismo.

Na mesma linha temática do preconceito, na sessão “Artigos”, os trabalhos de Sérgio Nick e Lúcia Aragão abordam a masculinidade e apresentam novas ideias sobre essa questão tão atual e importante. Letícia Wieman traz a poética que amplia nosso olhar sobre o mundo ao falar que na repetição há possibilidade de continente rítmico de transformação.

Em “Ensaio e crônicas”, um formato mais livre de escrever a psicanálise, Eveline Nogueira, Lina Rosa e Giovanna Albuquerque, com beleza e criatividade, estendem o pensamento sobre a exclusão e o preconceito em áreas afins.

Por fim, em “Psicanálise e arte”, com a poesia que caracteriza a sua escrita, temos a contribuição de Cristina de Macedo que resenha uma bonita peça de Paulo Betti.

Os agradecimentos são múltiplos, a todos que participaram direta ou indiretamente da construção deste número. De um modo particular, agradeço às generosas contribuições dos autores, sem as quais nossa produção não existiria, à equipe editorial, que me acompanhou com dedicação e competência, nas pessoas de Carol Henriques, que sugeriu o tema para este número, Eveline Nogueira e Camila Arruda. Agradeço ainda à Mireille Bellelis, nossa produtora gráfica, e à sempre prestativa Elian Alves Carneiro.

Desejo que o nosso trabalho alcance seu intento e ajude a revelar os esconderijos onde o racismo tem reinado incólume, permitindo que a luz do pensamento favoreça a dissolução da cruel e equivocada hierarquia que, como assinala Munanga, foi estabelecida entre os humanos com base em suas cores e sua morfologia. Boa leitura!

Carta-convite

Racismo

A *Psicanálise em revista*, publicação da SPRPE, divulga chamada para os artigos que comporão seu próximo número em 2022 cujo tema central será “Racismo”.

Os trabalhos deverão ser encaminhados para *sprpsicanaliseemrevista@gmail.com* até o dia 30 de abril de 2022 e as diretrizes para a publicação, iguais àquelas recomendadas pela Revista Brasileira de Psicanálise, poderão ser encontradas nas últimas páginas de nossos periódicos.

O racismo em nosso país, cujas raízes históricas estão assentadas no vexame humano da escravidão, costuma se apresentar em formato diverso daquele que vemos em outras regiões do planeta, nas quais é abertamente declarado. Aqui, no mais das vezes, ele se apresenta sutil, entremeado nas conversas íntimas das famílias, quando membros são classificados pela cor da pele ou tipo de cabelo, embrulhado na seda de um elogio, quando alguém é valorizado “apesar” da cor, ou ainda, nas rodas de piada, quando sua face bruta se mostra mais escancarada, misturando-se ao riso de escárnio.

Essa sutileza, que nada tem de bondade ou delicadeza, talvez caracterize a fisionomia mais perversa do racismo no Brasil desde que permite sua infiltração dissimulada nos campos mais íntimos do nosso ser, impedindo o flanco aberto da confrontação. Talvez herança das masmorras, que em grandes fazendas como a Santa Clara (MG), para o nosso estarrecimento, posicionavam-se no subsolo das amplas salas de refeição da família proprietária. Com apenas o assoalho a separar os dois espaços, barulhos e cheiros das mesas fartas das salas de jantar se uniam aos gemidos e soares dos ferros que acorrentavam homens e mulheres escravizados, num entrelaçamento cruel que perdura até os nossos dias.

Assim, de um jeito desmontado, como que em pedaços, o racismo que habita entre nós foi e permanece sendo empurrado “goela abaixo” de nossas mentes, baralhado aos afetos mais preciosos, aos cuidados da mais

tenra infância, às conversas mansas. E como decorrência de tal peculiaridade, por sua astúcia ou cinismo, torna-se de difícil identificação e frequentemente denegado.

Desde a explosão mundial de um renovado repúdio ao racismo, com o assassinato do afro-americano George Floyd, em maio de 2020, grupos de psicanalistas brasileiros têm se reunido em torno desse nódulo em nossa civilização. *Vidas negras importam*, mote que representa esse movimento, ganhou força e espalhou-se, até mesmo, para questionar o lugar do psicanalista negro dentro dos institutos de psicanálise. O tema é grave e complexo e a psicanálise oferece conceitos como denegação, pulsão de morte ou o estranho que poderão permitir aprofundar o pensamento e, especialmente, favorecer as necessárias transformações.

Nesse sentido, elegemos o racismo como tema para a nossa próxima revista que será publicada no segundo semestre de 2022 e convidamos você para juntar-se a nós nessa valiosa empreitada, com o envio de sua escrita.

Além dos trabalhos sobre o racismo, temos uma sessão para artigos com temas variados de psicanálise e um espaço para ensaios e crônicas, que apresenta a inovadora proposta para textos curtos e criativos, com no máximo duas laudas.

Aguardamos a sua contribuição!

Sandra Trombetta
Editora

Corpo editorial
Camila Arruda Vidal Bastos
Carolina Cavalcanti Henriques
Eveline Braga Nogueira

Homenagem

Entrevista com José Fernando de Santana Barros



Por Carolina Henriques,¹ Recife

PR – Quem é você, Fernando Santana, e que histórias pode nos contar como pessoa, pai, avô, estudante, médico, e sobre sua escolha pela psicanálise? Queremos saber de suas conquistas até a sua idade atual. A palavra é sua.

FS – Nasci em Garanhuns, cidade do agreste meridional de Pernambuco, em 14 de maio de 1943. Cursei o primário no Colégio Diocesano de Garanhuns e no Seminário Menor São José onde iniciei também o curso ginasial. Tinha, portanto, na época, a ideia de me tornar padre. Quando completei 8 anos, nasceu minha irmã. Em 1957, meus pais vieram morar em Recife e fui transferido para o Seminário Imaculada Conceição no bairro da Várzea, lá estudei até o segundo ano clássico. Em 1960 tomei a decisão de deixar o Seminário e conclui o curso no atual Colégio Pernambucano, em 1961. Logo após, assumi o meu primeiro emprego no escritório de Tecelagem de Seda e Algodão de Pernambuco.

Nos meus anos de seminário, pude desenvolver o gosto pela literatura (os colegas me chamavam de “o leitor”), pela música clássica, e pelo cinema. Logo aprendi que a câmera cinematográfica é o principal personagem de um filme à medida que “fala” de acordo com os ângulos em que filma e à medida que se desloca por meio de seus movimentos.

1 Membro efetivo com funções didáticas e presidente da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE). Mestre em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

Em Recife, moramos em bairros populares, com dificuldades financeiras, pois meu pai era motorista de ônibus viajando para o interior e minha mãe bordava para ajudar na renda familiar. Apesar dessa realidade, consegui cursar medicina na Universidade Federal de Pernambuco (fevereiro de 1964 a dezembro de 1969).

Em 22 de fevereiro de 1970, me casei com Marta, a companheira que escolhi para toda a minha vida. Tivemos quatro filhas: Karla, Karina, Kátia e Karolina que me deram 6 netos. Ser pai é uma felicidade indescritível, na medida, inclusive, em que perpetuamos a família e, exercer o papel de avô é um renascimento. Lembro do quanto foi prazeroso carregar minha primeira neta nos ombros, indo atrás dos blocos carnavalescos de Olinda. Espero, ainda, que as ladeiras da “Cidade Eterna” possam me ver carregando nos ombros minha bisneta e meu bisneto. Ser bisavô é a emoção do papel de avô em dobro, um renascer em dobro.

PR – A escolha pela medicina já carregava a busca pela psicanálise? Fale um pouco sobre esse trajeto.

FS – É verdade. Desde a infância, no seminário, admirava a vida de D. Bosco dedicada à educação de jovens e adolescentes e me encantava a sua forma de conversar com os jovens, aceitando-os, buscando ajudá-los a compreender a realidade e a resolver as suas dificuldades emocionais. Ainda no seminário, conheci o Pe. Zeferino Rocha possuidor de uma habilidade especial para tratar com adolescentes. Era um psicólogo nato, uma pessoa daquelas que nos fazem pensar: “quero ser igual a ele quando crescer”. Curiosamente, Pe. Zeferino, anos depois, deixaria o sacerdócio para tornar-se psicanalista. Naquele momento, eu mesmo já havia concluído a formação psicanalítica.

Após sair do seminário, em 1960, assisti ao filme *Uma cruz à beira do abismo* com Audrey Hepburn, atriz preferida na época. Ela personificava uma freira missionária na África, trabalhando como enfermeira em hospital de uma aldeia, com condições precaríssimas. Angustiava-se e sofria terrivelmente com a pobreza e doenças daquele povo. Um médico, que com

ela trabalhava, disse-lhe certa vez, mais ou menos estas palavras: “Não se aflija irmã, a verdadeira doença dos homens é mental, o resto é subproduto”.

Pois bem, esses fatos foram decisivos na minha escolha de fazer medicina, com o intuito de ser psiquiatra. Na época, não tinha muita noção da diferença entre psiquiatria e psicanálise. A opção pela psicanálise consolidou-se quando na Faculdade de Medicina conheci e estagiei com o Dr. Paulo Sette, um psiquiatra psicodinâmico, autodidata, que me ensinou a como me aproximar dos pacientes com transtornos mentais. Tomando-me pela mão, apresentou-me ao Dr. José Lins de Almeida, recém-chegado da França, onde fizera formação psicanalítica. Passei a frequentar seu grupo de estudos psicanalíticos e a trabalhar com ele em psicodrama no ambulatório de Psiquiatria do Hospital Universitário D. Pedro II. Participavam desse trabalho, entre outros, o Dr. Jurandir Freire Costa, Edilnete Siqueira, Aguinaldo Cordeiro e Luís Maia. Foi, sem dúvida, uma experiência muito enriquecedora.

Tornei-me amigo de Lins e, certo dia, convidou-me para um jantar na sua casa, com a presença do Presidente e Vice-Presidente da IPA, Lébovici e Vidlocher, respectivamente. Conversamos sobre a possibilidade de criar em Recife uma Sociedade Psicanalítica. Lébovici encampou a ideia e influenciou o Presidente da Associação Brasileira de Psicanálise para viabilizar aquele projeto.

A ABP criou o Núcleo Psicanalítico do Recife, onde originaram-se as primeiras turmas de análises didáticas em 1975 e os cursos teóricos e clínicos em 1977. Participei da primeira turma do referido Núcleo iniciando, assim, o exercício da psicanálise.

PR – Você tem histórias de um período em Porto Alegre, na tentativa de ingressar na Clínica Pinel. Um dia ouvi de você, algo a respeito, que chamou a atenção, agora estou curiosa que possa contar daquele momento para todos.

FS – Na verdade, minha passagem pela Pinel foi meteórica. Quando estava concluindo o sexto ano do curso médico (1969) decidi fazer residência naquela Clínica que, na época, era muito bem conceituada, sendo talvez a melhor residência de psiquiatria no Brasil. Viajei de ônibus Recife/Porto

Alegre, aproximadamente 96 horas. No dia seguinte à minha chegada, apresentei-me na Pinel. O médico que me recebeu, ficou olhando para mim... e eu olhando para ele... ele olhando para mim... Quando percebi que não falaria, imaginei que deveria ser o grande psicanalista Marcelo Blaya, tomei a iniciativa e disse a que viera. Ele perguntou apenas: “onde parastes?” Onde parei? Ele percebeu que eu não entendera o gauchês, o que queria saber era onde eu estava hospedado. Ah! “Estou na casa do tio de minha noiva”. Era um sábado, ele me orientou a comparecer na segunda-feira a uma das clínicas da Pinel onde deveria passar toda a semana, convivendo com os pacientes internados e residentes, possivelmente orientados a não nos dar qualquer informação a respeito do que deveríamos fazer ou falar. No final da semana éramos entrevistados pelos Drs. David Zimmermann e Marcelo Blaya, quando então fiquei sabendo que o médico que me recebera com aquela “postura e fantasia” de analista era um residente do segundo ano. Nas entrevistas disse que pretendia ir para Porto Alegre já casado. Creio que isso foi crucial para que não ficasse na residência, pois dos residentes era exigido tempo integral e um salário talvez insuficiente para sustentar uma família. Essa orientação certamente mudou, pois alguns anos depois outros colegas casados foram aceitos. Muitos anos depois, conversando com David Zimmermann, disse-lhe que havia sido entrevistado por ele na Pinel. Nessa ocasião, mencionou que não recordava daquele encontro, mas pelo que estava me conhecendo não sabia explicar por que eu não fora aceito para a residência.

PR – Fernando, em que momento de sua vida, você despertou para entrar na IPA? Quais as principais heranças que influenciaram sua entrada?

FS – Ser membro analista da IPA é uma escolha decorrente da sociedade em que optamos fazer a formação psicanalítica. Essa decisão parece-me motivada muito mais por laços afetivos do que por preferências relacionadas a escolas teóricas. No meu caso, comecei a estudar psicanálise com José Lins. Logo nos tornamos amigos e sonhamos juntos em fundar uma sociedade em Recife que fosse filiada à IPA. Assim todos os seus membros tornaram-se automaticamente filiados dessa instituição.

PR – Seu percurso como psicanalista tem nos mostrado um investimento contínuo e incansável nas várias funções já ocupadas até o momento por você. Já passou pela presidência da Associação Brasileira de Psicanálise, atual Febrapsi. Qual foi o ano em que ocupou o cargo e, como nos falaria a respeito daquele lugar, de presidir a ABP.

FS – Fui presidente da SPR (Sociedade Psicanalítica do Recife) em várias gestões e, ao mesmo tempo, fazia parte da Diretoria da ABP/Febrapsi. Assumi o cargo de Diretor do Conselho Profissional dessa entidade em duas gestões sucessivas, depois fui secretário e, eleito presidente para o biênio 2001-2003. Em 1995, quando diretor do Conselho Profissional, a ABP trouxe o 15º Congresso Brasileiro de Psicanálise para o Recife. Em 2003, novamente realizamos em Recife o 19º Congresso Brasileiro. Nossa gestão teve como lema continuar trabalhando para fortalecer a ideia de que a ABP é uma federada. Criamos o projeto de Intercâmbio Científico, uma valorização dos analistas brasileiros objetivando torná-los conhecidos e reconhecidos nas Sociedades filiadas.

Finalmente, ter sido presidente da ABP/Febrapsi foi uma experiência de aprendizado muito significativa na minha vida pessoal e profissional. Além do mais, ter sido o primeiro nordestino a exercer esse cargo foi, sem dúvida, um grande privilégio e uma imensa responsabilidade.

PR – Fernando, oportunamente, no momento desta entrevista, estamos atravessando um período obscuro, com uma pandemia que assola o mundo, ceifando muitas vidas. O nosso país atravessa um tempo muito sombrio, são hoje 550.000 mortes por covid-19. É alarmante o número de vidas perdidas, desemprego, fome e outras tragédias mais. Como você vê a influência da psicanálise neste momento? O trabalho online do psicanalista tem contribuído ou prejudicado esse sofrimento?

FS – De fato, vivemos um tempo difícil, passando por uma crise sociopolítica em que a pandemia descerra o véu que a encobria. Parece ter ficado mais clara a desigualdade social alimentada pela inexistência de uma política governamental de combate a essa realidade, fortalecida pelo neoliberalismo vigente, e sobretudo pela ausência de uma política de

saúde pública consequente, voltada para a qualidade de vida das classes menos favorecidas.

Acreditamos que uma sociedade deva priorizar o equilíbrio e estrutura digna dos recursos públicos, mas essa perspectiva de justiça social está sendo substituída por aquilo que nos anos 1970 Stanilaw Ponte Preta chamava de “o festival de besteiras que assola o país”.

Devido ao isolamento e distanciamento social exigido pela pandemia, buscamos no atendimento online uma forma de continuar atendendo nossos clientes que, apesar de não ser o melhor modo de fazer isso, nos proporcionou a possibilidade de continuar ajudando-os da melhor forma possível, inclusive em suas angústias e agruras provocadas por aquele isolamento forçado. Desta forma, creio que o atendimento online foi benéfico e não vejo como poderia ser diferente. Percebo, ainda, como essa forma de atendimento poderia nos engajar em projetos sociais, ampliando nosso raio de ação, alertando as autoridades sobre a necessidade de uma política de saúde pública, e nos fazendo ver que a psicanálise tem a vocação de ser uma ciência geral da psique.

Por que
o racismo?

A razão da existência negra em pauta

Ignácio A. Paim Filho,¹ Porto Alegre
Augusto M. Paim,² Porto Alegre

Resumo: Por meio de uma revisão dos conceitos-chaves da obra freudiana, os autores propõem pensar a dinâmica do racismo como ideologia de poder e suas múltiplas facetas presentes em nossa cultura, do passado escravocrata até o presente. Perpassando a obra do autor Achille Mbembe, tentam sustentar a tese de que o racismo faz uso de manobras conscientes e inconscientes – orientadas pelo princípio de uma servidão irrestrita – para seguir mantendo seu lugar hegemônico ao longo do processo civilizatório. Ao assumir esse roteiro como indicador, concebem o modelo da melancolia proposto por Freud, enquanto uma neurose narcísica, para fundamentar o postulado hipotético que faz desta um dos fatores dominantes na arquitetura psíquica do povo branco, e sua consequente projeção sobre a alma do povo negro, tornando-se, assim, um sintoma normatizado na sociedade brancocêntrica.

Palavras-chave: racismo, ideologia, melancolia, renegação e forclusão

- 1 Membro titular, com função didática, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).
- 2 Membro associado do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA). Mestrando do Programa de pós-graduação em psicanálise: clínica e cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O senhor começa com a relação entre o direito e poder. Esse é, sem dúvida, o ponto de partida correto para a nossa investigação. Posso substituir a palavra “poder” por aquela mais dura e mais forte que é “violência”?
(Freud, 1933, p. 419).

Aparentemente todo nome carrega uma sina, uma condição relativamente genérica. “Negro” é, portanto, o nome que me foi dado por alguém. Não o escolhi originalmente. Herdo esse nome por conta da posição que ocupo no espaço do mundo. Quem está marcado com o nome “Negro” não se engana quanto a essa providência externa.
(Mbembe, 2018, 264)

Essa narrativa nasce do estímulo produzido pelas inquietações freudianas presente no trabalho o “Por que da guerra?” (Freud, 1932/2010b) – a destrutividade do outro: poder/violência/direito – *substituir a palavra “poder” por aquela mais dura e mais forte que é “violência”*. Intensidade e dureza compatível com denúncia a ser feita quando nos deparamos com a destrutividade insana do humano na natureza e na cultura; e ainda pelas de Achille Mbembe presentes no livro *a Crítica da Razão Negra* (2018) – a destrutividade de um povo: poder/violência/ausência do direito – *Quem está marcado com o nome “Negro” não se engana quanto a essa providência externa*. Providência que constrói a imagem ocidental do negro – uma identidade distópica – pelo estrangeiro europeu, de acordo com seus interesses de colonizador, com suas nefastas ambições de dominar continentes e subjugar corpos e almas. Nesse sentido, pretendemos estruturar nosso pensar visando propor ideias, como um convite à interlocução, que deem algum contorno, em termos psicanalíticos, ao enigmático interrogante: Por que o racismo?

Racismo que se faz presente de maneira ampla e irrestrita em todos os segmentos que compõem a organização cultural, em termos econômicos,

políticos e sociais, com suas replicações na concepção de nossas subjetividades individuais e coletivas. Diante dessa constatação, trabalharemos guiados pela proposição de que o racismo, acima de tudo, é um mecanismo de poder, de uma violência sem fronteiras, executada pelo povo branco. Aquele que tem poder de racializar o outro, fazer dele um subalterno – corpos de exploração – dentro de uma configuração hierárquica que visa um acúmulo de capital, dos mesmos para os mesmos. Nesse sentido, Silvio Almeida declara: “Ser branco é atribuir identidade racial aos outros e não ter uma. É uma raça que não tem raça” (2020, p. 78). Seguindo este pensamento, perversamente paradoxal, podemos dizer que esse postulado sustenta a visão narcísica da branquitude, impulsionada pela deflexão do masoquismo narcotizante (Paim Filho e Terra Machado, 2021) de suas origens: o que sofre passivamente reedita ativamente. Visão que faz do branco padrão de universalidade para a humanidade e do negro um desvio, tornando-o um sub-humano, buscando reduzi-lo a uma condição de animalidade, primitivo/selvagem, violento, ameaçador, limitado na esfera cognitiva, hipersexualizado. Tais condições são necessárias para a manutenção da lógica que visa fazer do homem branco, heterossexual e europeu, o padrão universal – uma das possíveis razões para a existência negra – que autoriza aos “senhores” (sociedade patriarcal branca) que controlam os meios de produção objetivos e simbólicos, a utilizarem-se dos corpos negros como abjetos, explorando-os em todos os sentidos e, quando não mais necessários, descartá-los: “Enfim, a raça é uma das matérias-primas com as quais se fabrica a diferença e o *excedente*, isto é, uma espécie de vida que pode ser desperdiçada ou dispensada sem reservas” (Mbembe, 2018, p. 73).

A massa de trabalhadores – lugar que nos é reservado no mundo – aqueles que têm os mais degradantes empregos, os mais degradantes ganhos, as mais degradantes moradias, as mais degradantes condições de acesso à saúde e à educação... composta na grande maioria pelo povo negro, sobreviventes e descendentes da diáspora africana forçada: herdamos esse nome por conta da posição que ocupamos no espaço do mundo. Assim, sustentarão a estrutura do capitalismo do centro ao periférico, que

visa manter inalterados os privilégios das classes dominantes, em uma lógica brancocêntrica.

Todo esse contexto evoca a refletir o racismo como um processo ideológico, orquestrado pelo Estado e suas instituições, em prol do sistema capitalista, com seus prolongamentos no neoliberalismo, que tem sua origem e destino viabilizado pelos princípios colonial/imperialistas, racistas e escravocratas, com sua superexploração do trabalho, com suas diferentes roupagens – do século 15 ao 21: “A raça é ao mesmo tempo ideologia e tecnologia de governo” (Mbembe, 2018, p. 75). Nesse sentido, façamos um breve parêntese, recordemos que no século 14, a Europa será marcada pela trágica “Trilogia Negra” (fome – peste – guerras), fatores que influenciam o desmantelamento do sistema feudal – revolta dos camponeses (1358) – e marcam os fundamentos de uma nova ordem social/econômica: a ideologia da burguesia. Acredito que a lógica decorrente da “Trilogia Negra” – o que sofreram em si – será implantada pelos europeus nos países colonizados, dos servos brancos aos escravizados negros. Em exercício especulativo, aventamos a possibilidade de que a pré-história do nome/adjetivo Negro, criação do homem branco europeu, está associado ao infortúnio que marcou seus corpos e almas – manchas pretas no corpo das vítimas da peste bubônica – agora reeditado nos corpos e almas negras: o negro como símbolo de degradação do humano. Não esqueçamos que, para Freud, a pré-história pessoal de cada um remete a “uma identificação direta, imediata, mais antiga do que qualquer investimento objetal” (1923/2011a, p. 39), o que poderia ser homólogo a marcar que, no que tange às origens de nossos ideais, o adjetivo Negro é um dos mais antigos registros identificatórios na civilização.

Retomando a relação racismo/poder, como uma *Weltanschauung* não científica, tomamos como referência a compreensão proposta por Chauí: “ideologia é um ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e que esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política” (2004, p. 8). Escutemos a expressão *ideário histórico que oculta a realidade*, que remete pensar em uma criação coletiva – *trabalho de fabulação* (Mbembe,

2018, p. 31) – destinada a negatizar algo em si: a fragilidade que a realidade do complexo de castração revela? Sabemos que uma das maiores *ocultações da realidade* dos supostos países democráticos é o racismo, que se encontra no cerne das estruturas do Estado de direito, no Brasil eternizado no mito, que oculta e revela, da democracia racial com sua inerente relação com a meritocracia. Tais mitos estão conectados com o epicentro da concepção de humanidade, forjada pela branquitude, que tem no ideário do *negro e da raça* os constituintes fundantes de sua ideia delirante de supremacia. Nessa acepção, defrontamo-nos com a seguinte afirmação de Mbembe: “Ambos representam figuras gêmeas do delírio que a modernidade produziu” (2018, p. 12). Delírio – uma verdade que, compartilhada por um ou alguns, é signo de insanidade; porém, quando compartilhada de forma ampla – universal – pelas massas, adquire o status de verdade absoluta – padrão de normalidade.

Pensando em ideologia, recorremos novamente a Silvio Almeida que, em seu livro *Racismo Estrutural* afirma: “o racismo como ideologia molda o inconsciente” (Almeida, 2020, p. 64), como também a Mbembe que alerta: “É necessário, portanto, considerar a raça como algo que se situa tanto aquém quanto além do ser. É uma operação do imaginário, o lugar de contato com a parte sombria e as regiões obscuras do inconsciente” (2018, p. 70).

Essas afirmações serão nossos guias no decorrer das ideias que seguem, visando sua exploração sob a ótica da psicanálise, objetivando elaborar elementos para sustentar a razão negra, enquanto substrato de uma economia psíquica voltada para o sequestro das reservas libidinais do povo negro. Agrego a esta ideia o pensar de Kaës: “O eixo de meu trabalho sobre a ideologia é que ela é seguramente uma concepção-representação do mundo ou de uma parte do mundo, uma *Weltanschauung*, como indica Freud em seu artigo de 1932” (Kaës, 2016, p. 210). Por esse caminho encontramos em Freud a seguinte compreensão, sobre essa concepção de mundo: “é uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante” (Freud, 1933 [1932]/1969, p. 193).

As referidas proposições conduzem-nos a pensar a relação entre o inconsciente recalçado e o não recalçado. O primeiro, como território do desejo atravessado pelo temor do complexo de castração, que aciona o interdito e estabelece a capacidade de renúncia, em nome do sujeito e da coletividade que, por sua vez, compõe a organização social, mediado pela consciência moral e os ideais do supereu, com suas possibilidades de tecer uma perspectiva ética para o sujeito. E o inconsciente não recalçado, território associado ao Eu inconsciente, enquanto substantivo que, diante da realidade da castração, estabelece como mecanismo fundante a renegação e/ou a forclusão, presença de um supereu governado pelos ditames das idealizações, oriundas do mundo externo, que busca manter a hegemonia narcísica, cindindo a humanidade entre os que importam (brancos) e os que não importam (negros). Meio pelo qual mantém operando livremente seus desejos narcísicos de plenitude, em detrimento de uma ordem social calcada no reconhecimento da alteridade.

Especulando sobre a formatação desses dois grandes universos que nos constituem, acredito que o racismo, enquanto elemento também estruturante da psique, se aloja de forma contundente no inconsciente renegado, como também no forcluído. Tal origem, com seus respectivos destinos, determina sua implicação na organização da humanidade, que buscará, de maneira coletiva, pelos que detêm o poder/violência, discriminar entre os eleitos para compartilhar os privilégios que o mundo narcísico pode propiciar; e os eleitos para compartilhar o padecimento de viver à margem de narciso, como seres que carregam a marca de uma castração não simbólica no próprio corpo, com o dever – servidão involuntária – de ocupar o lugar de sustentar o delírio fálico – *ideário histórico* – que estrutura o jeito de ser e de estar no mundo do povo branco. Seguindo essa rota, encontramos em Mbembe:

Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele ou de cor, outorgando à pele e à cor “o estatuto de uma ficção de cariz biológico”, os mundos euro-americanos em particular fizeram do negro e da raça duas versões de uma mesma figura: a da *loucura codificada*. (Mbembe, 2018, p. 13)

A expressão *loucura codificada* induz-nos a seguir associando com algo sistematizado pela cultura e, portanto, “normalizado”, caminhando no sentido de um delírio coletivo – *uma concepção-representação do mundo* – alicerçado em alianças narcísicas: falência da capacidade crítica, presença massiva de *ficções de cariz biológico* – aparência que visa apagar a essência dos sujeitos racializados – teu corpo, tua cor, tua pele: o teu destino. Freud discorrendo sobre as peculiaridades do delírio, em 1930, indo além do individual, adverte quando da sua presença em coletivos:

O caso que pode reivindicar uma importância especial é o de que um número maior de pessoas empreenda conjuntamente a tentativa de criar para si garantia de felicidade e uma proteção contra o sofrimento através de uma reconfiguração delirante da realidade. ... o delírio jamais é reconhecido por aquele que ainda o está compartilhando. (Freud, 1930/2020, p. 328)

A produção ideológica da raça e do negro – *uma hipótese superior dominante* – determinam uma vivência traumática coletiva para os afro-descendentes, ao romperem com o princípio freudiano que faz do corpo, o melhor representante do escudo protetor contra o excesso de estímulos oriundo do mundo externo. Os corpos negros ficam impedidos de exercer sua função de escudo e se tornam alvos. Esse contexto cria uma via facilitada para o acontecer das neuroses traumáticas, advindas das constantes excitações tanáticas do racismo sobre os corpos negros: “Chamemos de traumáticas as excitações externas que possuam força suficiente para romper com o escudo protetor” (Freud, 1920/1996a, p. 153). Diante dessa proposição, é importante sinalizar a existência de três situações relacionadas com o destino da vivência traumática, vinculadas com a angústia, o temor e o terror. Para Freud, a angústia e o temor, enquanto sinais de alarme, são condições que criam vias facilitadoras para descarregar o excesso do trauma, que, portanto, protegem o psiquismo de vir a desenvolver uma neurose traumática. Quanto ao terror, este está vinculado ao elemento surpresa, quando se depara com o trauma, sem condições de descarga. Entretanto, não podemos esquecer que o estado de prontidão está

diretamente relacionado às reservas libidinais do Eu. Reservas que sabemos são constantemente sequestradas pela branquitude. Aqui novamente nos encontramos com a letalidade do racismo e sua função na perpetuação do estado melancólico impetrado à alma do povo negro. Na contramão desse contexto, temos o trabalho da negritude, no sentido do resgate de suas reservas libidinais.

Compreendemos que, na relação destes dois territórios, a força tânica do renegado/foraclusido tem uma peculiar aptidão para se fazer mais proeminente, na construção do racismo como ideologia – *loucura codificada* – à medida que está comprometida com a manutenção de uma única visão de mundo – a eurocêntrica. Aqui nos conectamos com Freud, quando diz que a percepção e o pensamento ficam fora de ação, diante do caráter contagioso/pernicioso da sugestão, sedução e do fascínio sem gestão no coletivo da humanidade: “uma convicção que não se baseia nem na percepção, nem no trabalho do pensamento, mas na ligação erótica” (Freud, 1921, p. 206). Essa ligação erótica, impregnada da letalidade da pulsão de destruição, conjuntamente com seus ataques ao trabalho da percepção e do pensamento – enquanto o reconhecimento das semelhanças e das diferenças desvinculadas de uma hierarquia de valores – são alguns dos elementos que fornecem sustentação ao *pacto narcísico da branquitude* (Bento, 2022): convicção da supremacia branca.

Essas postulações conduzem ao texto freudiano “Neurose e psicose” (1924) que abriga o conceito de “psiconeuroses narcísicas” (Freud, 1924/2016, p. 275), decorrentes de um conflito entre o Eu e o supereu. Compreendemos esta psiconeurose como uma psicose funcional e, seguindo o rastro do pensar freudiano, deparamo-nos com a relação intrínseca que esta mantém com a melancolia que, diante das monumentais exigências do supereu, obriga o Eu a sucumbir na desvalia. Assim sendo, aventamos a possibilidade de que, no quadro “delirante” do racismo, confrontemo-nos com um conflito similar, como a saída do quadro melancólico no qual o povo branco se vê comprimido, pelas demandas de uma cultura impregnada de idealizações. Nesse sentido, concordamos com Freud, quando busca especificar os poderes do supereu, na interação entre o sujeito e as massas:

O passado, a tradição da raça e do povo vive nas ideologias do supereu e só lentamente cede às influências do presente, no sentido de mudanças novas; e enquanto opera através do supereu, desempenha um poderoso papel na vida do homem... (Freud, 1933 [1932]/1969, p. 87)

Como processo coletivo, o povo branco, diante da insuportável dor de ficar aquém dessas demandas – idealizações – do supereu, provoca uma fratura no Eu. Visando sobreviver a tal fratura, impingida pela realidade da castração, vai determinar a criação de um objeto fetiche – corpos negros – balizado pelas *ideologias do supereu, alicerçados na tradição da sua raça*. A referida ideologia, orientada pelo destino pulsional narcísico da *transformação no contrário*, em relação à inversão do conteúdo (amor em ódio), e da inversão da passividade em atividade (masoquismo em sadismo), e sua consequente projeção, é um dos elementos que viabilizam a criação e exteriorizam sobre o povo negro as fragilidades brancas. Fragilidades que, assinalamos, fazem parte da constituição de nossa humanidade. Nesse sentido, o povo branco, na busca de destituir-se desse fator fundante também, paradoxalmente, se desumaniza. Mbembe ao referir-se à ferida deixada na psique do negro, pela ação do branco, recorre a James Baldwin, que se questiona, fazendo uma comparação: “compara essa ferida a um veneno, sobre o qual convém se perguntar o que provoca na pessoa que o fabrica e o destila, e na pessoa a quem é sistematicamente ministrado” (Mbembe, 2018, p. 81).

Portanto, o conflito entre as instâncias eu e supereu, típico das neuroses narcísicas, encontra uma espécie de resolução, na medida em que os ataques marcados pela desvalia – formações delirantes – sobre o Eu, ganha um destinatário sobre os afrodescendentes: “o delírio se apresenta como um remendo colocado onde originalmente havia surgido uma fissura na relação do Eu com o mundo exterior” (Freud, 1924/2016, p. 273). Ao depositar sua melancolia estrutural sobre esse semelhante, não reconhecido como tal, encontra refúgio numa espécie de fuga maníaca: eu pleno, tu castrado... Tentativa de sair da sombra do objeto e passar a assombrar aqueles que transformo em um outro: imagem que reflete o mau/o mortífero em

mim. Com esse cenário em mente, recordamos a anedota³ relatada por Freud, no texto “O eu e o id” (1923/2011a), quando explanava sobre as identificações e o poder transferencial, em seu vínculo com as *neuroses de vingança – ser dirigida contra pessoas erradas* (Freud, 1923/2011a, p. 54): havia três alfaiates e apenas um ferreiro em um povoado. Um crime foi cometido, o castigo era necessário. Este crime tinha que ser punido com o enforcamento. Quem o cometeu foi o ferreiro. Como o povoado não podia prescindir do ferreiro, um dos alfaiates deveria receber a punição, mesmo não sendo o verdadeiro assassino – via facilitada para *destilar o veneno*. Temos aqui a temática do deslocamento, do disfarce e do ocultamento da verdade que, num livre associar nos encaminha para fazermos uma releitura dessa anedota à luz do método presente na racialização do negro, neurose de vingança: o branco, como o ferreiro, se faz único, singular; portanto, seus crimes devem ser expiados pelos negros, como os alfaiates, que são muitos e não singulares. Em termos do processo psíquico, poderíamos dizer que diante das exigências tirânicas do supereu, seus imperativos categóricos, o Eu branco assassino oferece para sacrifício – via identificação – para o supereu o Eu negro, dizendo: “você pode odiá-lo, ele é semelhante a mim”. Nesse mesmo sentido, Freud em 1930, reafirma a disposição do Eu em oferecer um outro indivíduo para receber os ataques do supereu: “como “consciência moral”, exerce contra o Eu essa mesma disponibilidade rigorosa para a agressão que o Eu teria, com prazer saciado em outros indivíduos desconhecidos a ele” (Freud, 1930/2020, p. 377).

Destacamos Mbembe, quando sublinha que este sacrifício, moldado por aqueles que criaram a concepção de raça, não necessita de justificativa, principalmente quando executados sobre aqueles outros, considerados *indivíduos desconhecidos* – “Pode-se, pois, comparar o trabalho da raça a um ritual de sacrifício – aquela espécie de ato pelo qual não se obriga a responder” (Mbembe, 2018, p. 74)

Diante desse contexto, destacamos a elucidação de Freud sobre a projeção, quando diz que ninguém, em especial o perseguidor, projeta no

3 Encontramos uma analogia semelhante no trabalho “A branquitude que nos habita” (J. Lima e R. Degani, 2021).

vazio e que, além do conteúdo – aquilo que não quer saber em si – vai em busca das semelhanças que seu inconsciente, marcado por uma ferida narcísica que nunca cicatriza, lhe indica: “mas não projetam, digamos no vazio, lá onde não há semelhanças, mas se deixam orientar por seus conhecimentos do inconsciente e deslocam sobre o inconsciente dos outros a atenção que retiram de seu próprio inconsciente” (Freud, 1922, p. 196).

A dinâmica racista exemplifica esse processo de forma lapidar – *deslocar sobre o inconsciente do outro a sua atenção* – ao criar o negro e a raça foi possível algo inédito na história da humanidade: ter um outro humano – *lá onde há semelhanças* – e encontrar nesse, o meio pelo qual pode hiperdimensionar as diferenças, tomando por indicador o marcador fenotípico. Marcador associado a atributos que visam fomentar e instrumentalizar a projeção do sentimento de inferioridade do colonizador sobre os colonizados, visando salvaguardar suas frágeis defesas narcísicas, dando guarida às suas perversidades, às *loucuras dos seres humanos*. Em consonância com essa rota, Freud assinala: “Assim as inconseqüências, as excentricidades e as loucuras dos seres humanos apareceriam sob a luz semelhante às de suas perversões sexuais, através de cuja aceitação, eles estariam se poupando de recalcamientos” (Freud, 1924/2016, p. 276).

Nesse processo de *poupar-se do recalcamiento*, cria condições para o aflorar da renegação e da forclusão, com suas potencialidades de exacerbar defesas perversas e fenômenos especulares: o outro, o negro, como espelho.

Dando seguimento aos questionamentos sobre as origens da imagem negra dentro do imaginário branco, Roland Barthes (citado por Ferraz, 2019) formaliza a união de uma ideologia particular a uma imagem coletiva, que resulta no que entendemos por mito; em outras palavras, ao interpretarmos fenômenos por nossas próprias categorias, estamos criando uma mitologia sobre o fato. Esse é o campo da fantasia, do imaginário e/ou ainda dos pré-conceitos: imagens fixadas em significações que pouco condizem com seu objeto propriamente dito. Freud mesmo já havia destacado algo semelhante, quando separa em duas classes os tipos de escolhas objetais: a do tipo narcísica e a do tipo “de apoio” (1915, p. 36); a esta segunda, ainda faz referir como a propriamente dita, uma vez que não considera escolhas

narcísicas de objeto um modo efetivo de relação. Lembremos: os primeiros momentos da formação psíquica não dão suporte ao aparelho por muito tempo e, deste modo, recalque e narcisismo primário ocupam um lugar *essencialmente* de passagem. Este último, em especial, apenas pode oferecer uma relação especular com o outro, ou seja, com uma imagem deste; frágil adaptação de um eu “ainda em formação” (Freud, 1923/2011b, p. 58), em dar conta de um outro que se apresenta em sua totalidade.

Essa compreensão da dialética do narcisismo se torna chave de leitura fundamental no que diz respeito às origens do pré-concebido no aparelho psíquico. Isso nada tem que ver com a filogênese, ou a uma referência a teorias pseudocientíficas do começo do século 20, a respeito de uma condição naturalmente inferior do homem negro tributária de um inatismo; pelo contrário, esse par conceitual – narcisismo primário e secundário – muito antes seria a causa dessas hipóteses, pois nos apresentam que a realidade do racismo é a realidade do infantil, do pueril no branco, que se revestiu de discurso religioso em sua primeira aparição (período colonial), passou a um discurso científico (período renascentista) e, na contemporaneidade, habita o discurso ideológico dominante (período pós-moderno). Transformações essas que apenas respaldam a tese freudiana (1915) de uma sexualidade ampliada que, desde o inconsciente de um Eu resistente à análise e projetor de seus demônios, reatualiza seus ditames, ajustando-os às narrativas vigentes: “Sua força vem da capacidade de produzir objetos esquizofrênicos, de povoar e repovoar o mundo com substitutos, seres a designar, a anular, em desesperado apoio à estrutura de um *eu* falho” (Mbembe, 2018, p. 69).

Por conseguinte, a resposta à questão título deste escrito faz-se plural à medida que pode ser abordada por perspectivas históricas, ideológicas, científicas e, quem sabe agora, psicanalíticas. Demonstrando que, apesar de o mito negro de Neusa Souza (1983) constituir-se em um conceito prestes a completar 40 anos, nos parece que o tempo o fez envelhecer bem, saudável e disposto a seguir operando firmemente nas lógicas que atam nosso laço social, impossibilitando ao negro tanto uma própria imagem fundadora do Eu, quanto o espaço de guerra necessário para conquistá-la: “o mito negro se

constitui rompendo uma das figuras características do mito – a identificação – e impondo a marca do insólito, do diferente” (p. 26).

Em consonância com o pensar até aqui construído ousamos propor, como convite à interlocução, que o racismo enquanto produto de um modo de ser e estar no mundo – uma *Weltanschauung* – arquitetada em torno do pensamento animista e religioso da branquitude, gravita em torno de uma neurose narcísica coletiva, que se estrutura tal qual o modelo da melancolia.

¿Por qué racismo? El porqué de la existencia negra en la agenda

Resumen: A través de una revisión de los conceptos clave de la obra de Freud, los autores proponen pensar la dinámica del racismo como ideología de poder y sus múltiples facetas presentes en nuestra cultura, desde el pasado esclavista hasta el presente. Impregnando la obra del autor Achille Mbembe, intentan sustentar la tesis de que el racismo se vale de maniobras conscientes e inconscientes -guiadas por el principio de la servidumbre irrestricta- para seguir manteniendo su lugar hegemónico a lo largo del proceso civilizatorio. Al asumir este guión como indicador, conciben el modelo de melancolía propuesto por Freud, como una neurosis narcisista, para sustentar el postulado hipotético que hace de ésta uno de los factores dominantes en la arquitectura psíquica de los blancos, y su consecuente proyección en el alma de los negros, convirtiéndose así en un síntoma normalizado en la sociedad centrada en los blancos.

Palabras clave: racismo, ideología, melancolía, negación y exclusión

Why racism? The reason for black existence on the agenda

Abstract: Through a review of the key concepts of Freud's work, the authors propose to think about the dynamics of racism, as an ideology of power, and its multiple facets present in our contemporary culture. Using the work of Achille Mbembe, they try to support the thesis that racism makes use of conscious and unconscious maneuvers to keep maintaining its hegemonic

place over the civilizing process; respecting, for this, Freud's model of melancholy and establishing itself as a narcissistic neurosis that becomes dominant in the psychic architecture of non-black people. Becoming, therefore, a normalized symptom in society.

Keywords: racism, ideology, melancholy, renegade and foreclosure

Referências

- Almeida, S. L. (2021). *Racismo estrutural – Sueli Carneiro*. In D. Ribeiro (Coord.), *Femininos plurais*. Jandaíra.
- Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras.
- Chauí, M. (2004). *O que é ideologia?* Brasiliense.
- Ferraz, P. P. (2019). As metalinguagens de Roland Barthes. *Remate de Males*, 39(2), 849-866.
- Freud, S. (1969). A questão de uma Weltanschauung (Conferência 26). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 22). Imago (Trabalho original publicado em 1933[1932])
- Freud, S. (1990a). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 83-119). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1990b). Psicologia das massas e análise do ego. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 89-179). Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1996a). Além do princípio de prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 11-75). Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1996b). A dissecação da personalidade psíquica (conferência 31). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22). Imago. (Trabalho original publicado em 1933[1932])
- Freud, S. (2010a). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010b). Por que a guerra? In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 22). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933[1932])
- Freud, S. (2011a). O eu e o id. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16). Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2011b). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 15). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)

- Freud, S. (2016). Neurose e psicose. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud* (M. R. S. Moraes, Trad.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2020). O mal-estar na cultura. Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos de Sigmund Freud. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud* (M. R. S. Moraes, Trad.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1930)
- Kaës, R. (2016). A ideologia é uma posição mental específica: Ela nunca morre (mas se transforma). *Jornal de Psicanálise*, 49(91), 207-224.
- Lima, J. & Degani, R. (2021). A branquitude que nos habita. *Pulsão de morte: a inegável existência do mal*. CEPdePA.
- Mbembe, A. (2018). *Crítica da razão negra* (S. Nascimento, Trad.). n-1 edições.

Ignácio A. Paim Filho
ignacio.a.paim@gmail.com

Augusto M. Paim
augusto.m.paim@gmail.com

Qual a família da psicanálise?

Entre a abjeção e a psicose cultural

Berenice Bento,¹ Coimbra

Resumo: Os objetivos deste artigo são: 1) discutir como a ausência da categoria raça no mapa analítico da psicanálise contribui para a reiteração da “psicose cultural” brasileira, conceito proposto para interpretar os efeitos da chamada “democracia racial” e que se caracteriza pela negação continuada da existência de estruturas sociais racistas; 2) analisar a ausência de pessoas negras na cena psicanalítica (seja como paciente ou psicanalista) devido ao (não) lugar que as famílias negras ocupam no mapa epistemológico desse saber. Não se trata apenas da exclusão de pessoas negras, como indivíduos, mas de uma população que é observada sob o signo do abjeto; 3) propor a categoria raça como uma linguagem estruturante do inconsciente dos sujeitos.

Palavras-chave: psicanálise, racismo, família negra, escravidão

Introdução

A paciente chega ao consultório do psicanalista. A sessão começa. Ela diz que o racismo tem sido uma fonte de sofrimento em sua vida. O psicanalista a aconselha a procurar um psiquiatra. Ali não havia nada para ela porque o sofrimento relatado era, na verdade, um surto de perseguição. Não existe racismo no Brasil e a psicanálise nada poderia dizer sobre esse tipo de transtorno. A paciente era Isildinha Baptista Nogueira, psicanalista negra, que recupera esse acontecimento em um evento.² Quem estava em surto?

1 Professora do Departamento de Sociologia (UnB) e pesquisadora do CNPq. Graduação em Ciências Sociais (UFG), mestrado em Sociologia (UnB), doutorado em Sociologia pela UnB/Universitat de Barcelona e pós-doutorado (CUNY/EUA). Atualmente é pesquisadora visitante no Centro de Estudos Sociais/Universidade de Coimbra.

2 Entrevista com Isildinha Baptista Nogueira. <https://www.youtube.com/watch?v=MxspWRYbqW8>.

Quem estava desconectado da realidade e estava produzindo fantasias? De um lado, um psicanalista que inscreve a sua fala no âmbito da democracia racial, do outro, o sujeito concreto que apresenta os efeitos desse mito em sua subjetividade. O psicanalista está apartado da realidade, criou um mundo paralelo. De certa forma, é sobre mundos paralelos que trata este artigo e terá como objetivo aproximar-se dos debates contemporâneos sobre psicanálise e racismo, respaldado em uma análise histórica, uma vez que “o contemporâneo” está circunscrito a um tempo histórico que lhe antecede e o guia. Certamente, não estamos condenados/as a repetir o passado. Não seria possível, contudo, entender a cena do psicanalista que padece de psicose cultural,³

- 3 Chamarei de psicose cultural a incapacidade de os sujeitos elaborarem e vincularem suas vidas cotidianas a dimensões históricas responsáveis por estruturarem as posições diferenciadas dos corpos no mundo, o que termina por produzir verdades sem conexão com a realidade. Na cena, a psicose cultural se efetiva em torno da raça. Essa absoluta falta de vínculo entre a realidade e o discurso não é produzida por um indivíduo, está amarrada a um longo e cuidadoso processo de produção política da memória coletiva e das subjetividades. Por ser estrutural e estruturante, a negação do racismo torna-se um fato banal do cotidiano. Por um lado, convivemos com práticas racistas, por outro, nega-se a existência do racismo. Esse apartamento do real pode nos levar a considerar, por exemplo, a cena do psicanalista como um momento exemplar da atualização da psicose cultural. Não se trata de deslocamento ou negação da realidade que atravesse exclusivamente as pessoas brancas e pardas. O processo de construção das raças estabelece que o branco é o referente de totalidade, aquele que prescindir do negro para se definir, que não precisa conviver com a falta. Seria interessante sabermos quantas pessoas brancas chegam aos consultórios e dizem “a minha raça é um lugar de sofrimento”. Mas essa cena é da ordem do inimaginável. A negação do racismo pode ser também interpretada como a expressão do desejo de que o negro não existisse, uma negação de caráter ontológico. Reconhecer que a existência do branco está vinculada ao negro seria mover-se para o campo da incompletude, da falta, reconhecer-se como ser castrado racialmente, o que retira o sujeito de sua pretensa superioridade e totalidade. O/a branco/a é a lei, a verdade impossível de se identificar como racista. Esse defeito moral não lhes pertence. Quando se diz “raça” a consciência é remetida imediatamente para uma corporalidade negra. Negros e negras têm raça, brancos/as e pardos/as têm humanidade. A psicose cultural dialoga com a proposta de Leila Gonzalez (1984), que caracteriza a sociedade brasileira como padecendo de “neurose cultural”. Parece-me interessante esse ruído que ela provoca, mas acredito que o projeto político hegemônico, baseado, por um lado, na negação do racismo e, por outro, na violência reiterada contra a população negra, termina por produzir um mundo social paralelo, com suas próprias normas e regras, característica da psicose. Essa separação do mundo real das relações étnico-raciais, na perspectiva branca, torna a pessoa negra (e suas múltiplas demandas) invisível. É como se o branco não tivesse interiorizado o princípio da castração da raça. O diferente é o outro. O sujeito da branquitude é construído acima das raças. Certamente, os efeitos da psicose cultural não constituem

conforme discutirei, sem inseri-la em contextos exteriores e anteriores que se atualizam quando ele diz: “no Brasil não tem racismo”. Quais as questões que o corpo marcado, não pela diferença sexual, mas pela diferença racial, traz para cena dos debates sobre os limites e interesses de explicações universalistas e universalizantes sobre constituição do sujeito? Se o corpo racializado apresenta-se no mundo com uma diferença abjeta, valeria perguntar: Como um modelo universal de estruturas psíquicas, fundado na diferença sexual, pode alcançar analiticamente os processos de subjetivação dessas corporeidades? Não será possível realizar esse debate sem puxarmos para o centro da discussão a família e o parentesco.

1. Racismo e psicanálise ou racismo na psicanálise

Os motivos que levam a psicanálise a não escutar o sofrimento psíquico provocado pelo racismo têm sido objeto crescente de debates. A escassa presença de psicanalistas negros/as no corpo profissional seria um dos motivos. Essa ausência fica “mais clara” nos eventos da área. Se há algum negro/negra presente, certamente deve ser servindo cafezinhos. Os negros e as negras não estão nos eventos, não comparecem como pacientes, não fazem formação psicanalítica. Pode-se explicar essas faltas pelo elevado custo da formação em psicanálise e dos altos preços das sessões. Contudo, se supõe que essas ausências não seriam razões para se retirar ou negar a validade do modelo explicativo oferecido pela psicanálise. Esses

exclusivamente as pessoas brancas, porque a branquitude como ideal de beleza, moralidade, inteligência atravessa as subjetividades negras. Cida Bento (2022) também irá acionar o arcabouço teórico da psicanálise para interpretar a recusa sistemática de empresas e prefeituras em contratar pessoas negras. Ela nomeará de pacto “narcísico da branquitude” a aliança baseada na raça branca, mas esse pacto é invisibilizado pelo discurso da meritocracia. Para Rosa Coutinho Schechte e Flavia Gaze Bonfim (2020), o conceito central será o “recalque”: “os analistas no Brasil não escaparam daquilo que toda análise procura desvelar para cada analisando – o recalque. Recalcamos nossa história de longa tradição escravocrata, com seus efeitos psíquicos que se perpetuam com as práticas racistas no Brasil” (Schechter, Bonfim, 2020, p. 05). No entanto, para que haja recalque, é preciso ter o acontecimento que depois deve ser negado. Com o racismo no Brasil não existe esse momento. Não há esquecimento do aprendido porque não há o momento em que aprendemos que somos um país racista ou que o racismo nos constitui no mundo.

argumentos (preservar o cânone da psicanálise) retiram o debate do âmbito epistemológico e nos jogam nos braços da política. Ou seja, basta se propor iniciativas que tornem o acesso mais democrático, um tipo de cota racial nos consultórios e cursos de formação psicanalítica.

Um outro corpo textual dialogará diretamente com a psicanálise para interpretar dores e angústias das pessoas negras.⁴ Aqui, não nos movemos mais na esfera das críticas à ausência/presença negra na cena psicanalítica. A psicanálise é acionada, entre outros objetivos de pesquisa, como uma ferramenta analítica para interpretar o desejo reiterado de pessoas negras em serem aceitas e reconhecidas por pessoas brancas. O trabalho pioneiro de Neusa Santos Souza (1983) sobre a ascensão social de pessoas negras e a alienação que se observa na inserção no mundo dos/as brancos/as por negros/as pode ser posta em diálogo com o debate global iniciado pelo livro *Peles Negras, máscaras brancas*, (Fanon, 2008). Valendo-se do referencial psicanalítico, as pesquisas de Souza (1983),⁵ Nogueira (2017),⁶ Gonzalez (1984), Fanon (2008), Kilomba (2022) apontam porque o ideal de branquitude funciona como o referente moralmente superior e produtor de alienação reiterada da pessoa negra. Esse ideal de brancura, contudo, é inatingível e abre-se um campo fértil de sofrimento derivado das representações negativas, tornando-se imperativo que o espaço terapêutico

4 Embora haja uma produção consistente de psicanalistas negros/as no Brasil com análises consistentes para a relação entre racismo e psicanálise, apenas em 2017 foi publicada uma coletânea sobre o tema. Ver: Kon, Silva e Abdul (2017).

5 O livro de Neusa Santos Souza, *Tornar-se Negro* (1983), faz uma análise de negros que ascendem socialmente e que se afastam dos seus núcleos sociais originários. Esse processo de alienação da pessoa negra já era apontado por Fanon (2008). O ideal regulatório do desejo é ser reconhecido como branco mediante o sucesso econômico, a incorporação de determinadas etiquetas e o uso de adereços que fariam a marca da cor desaparecer.

6 Para Nogueira (1998), o racismo atravessará o psiquismo do negro e irá trazer para o centro do seu desejo o tornar-se branco. Outra vez o ideal de brancura aparece como força regulatória. A autora, a partir da análise de casos clínicos, apontará como esse ideal não é obra de um indivíduo, mas que responde a um projeto familiar, transmitido de geração a geração. Ainda segundo Nogueira (1998), o significante “cor negra” estrutura o inconsciente da pessoa negra. Ainda que se tenha consciência do racismo, os recursos para se lidar com os sofrimentos oriundos das humilhações escapam à agência do sujeito porque se está diante de dimensões históricas, políticas, sociais que escapam à vontade e à consciência do sujeito.

reconheça esse sofrimento e construa caminhos de escuta que contribuam para o paciente significar suas dores.

Nesses textos, há um movimento interessante: por um lado, aciona-se o arcabouço teórico da psicanálise e simultaneamente se aponta o escasso lugar que a raça ocupa nesse mesmo arcabouço. A dimensão racial comparece na organização subjetiva e nas estruturas psíquicas, contudo, a ortodoxia psicanalítica nega-se a considerar o racismo como um conjunto de práticas e discursos violentos produtores de sofrimentos. Quando se busca ajuda para uma escuta especializada, o/a psicanalista, acometido/a pela psicose cultural, desconsidera essa queixa, porque seria na relação sexualidade/família que estariam as explicações para quem somos. Talvez já tenha passado da hora de rupturas mais efetivas e produtivas dentro do campo psicanalítico que se aproximem de abordagens decoloniais, sob o risco desse saber continuar sendo identificado com a ordem produtora de discursos que legitimam as opressões, conforme tentarei discutir. Um saber forjado em contexto colonial não pode ser considerado blindado às “poluições” do mundo exterior. É esse enquadramento exterior às teorias que oferece as condições para que elas sejam formuladas.

Na contramão da ortodoxia psicanalítica, é crescente a produção de pesquisas que se dedicam a vincular as humilhações cotidianas motivadas pelo racismo.⁷ E a surdez do psicanalista é efeito da negação da existência do racismo, conforme apontou Maria Lúcia da Silva (2017), tornando-se ele mesmo parte estruturante desse racismo. Ou seja, atuam sob a égide da psicose cultural. As múltiplas críticas à psicanálise apontam para uma disputa interna nesse campo e que também podem ser lidas como reconhecimento da importância de um saber que busca contribuir para que o sujeito entenda os processos obscuros que habitam seu inconsciente e que,

7 Há uma considerável bibliografia sobre racismo e seus efeitos subjetivos. Sugiro a consulta de Maria Lúcia da Silva (2004; 2017), Roberto Rodrigues (2020), Andréa Maris Campos Guerra (2020), Fábio Belo (2018), Rosane Borges (2017), Jurandir Freire Costa (2003; 2021), Noemi Moritz Kon (2017), Cristine Curi Abud (2017), Kabengele Munanga (2017), Defensoria Pública (2020), Izildinha Baptista Nogueira (2017), Lélia Gonzalez (2018), Neusa Santos Souza (1983), Grada Kilomba (2022).

através do discurso, possa contribuir para que sentidos sejam conferidos para dores ininteligíveis.⁸

Mas se há a recusa da psicanálise em permitir a entrada das estruturas racistas (e da categoria raça) em seu mapa de escuta, tenho como hipótese que há outra recusa, anterior a essa, não dita, não elaborada pela psicanálise. Uma das heranças da escravidão é a negação sistemática de reconhecer às pessoas negras a possibilidade de constituição de vínculos duradouros (como a maternidade) no âmbito familiar e, como efeito dessa negação, o não reconhecimento da possibilidade de as pessoas negras constituírem famílias funcionais. O local escolhido para a psicanálise produzir suas teorias e conceitos foi a família nuclear cristã europeia.⁹ Essa leitura segue com prestígio, tanto no mundo da academia quanto na esfera da política. Então, o lugar reservado nessa estrutura teórica para a população negra seria o da psicose,¹⁰ mas não uma psicose localizável no sujeito negro que entra no consultório psicanalítico. Ao contrário da clínica voltada para

- 8 Ao identificar uma disputa interna à psicanálise em torno da categoria raça, me aproximo da teoria dos campos sociais de Pierre Bourdieu (1996). As noções de ortodoxia e heterodoxia nos ajudam a observar as posições de poder (ou capital intelectual) que cada posição ocupa no interior do campo.
- 9 Embora o eixo temático do presente artigo esteja na relação entre psicanálise e racismo, é importante destacar que as Ciências Sociais e a História são saberes que reiteradamente contribuíram para a representação da população negra como instância incapaz de organizar famílias devido ao caráter promíscuo e desregrado de suas organizações parentais (Slenes, 1999; Bento, 2022). Essa observação é fundamental para contextualizar as discussões que irei apresentar. As críticas ao racismo estruturante da psicanálise devem ser compreendidas como uma parte de uma configuração discursiva (Foucault, 2003) que define os marcos dos seus achados. Os psicóticos (aqueles que não interiorizaram a lei, a interdição) da psicanálise guardam consideráveis níveis de proximidade com os disfuncionais da sociologia funcional (Hita, 2005), os anormais e patológicos (Durkheim, 2007), os degenerados (Roméro, 1988) e os bandidos para o Estado.
- 10 A psicose é provocada pela forclusão do nome-do-pai e refere-se aos processos de não interiorização da lei, ou da ordem simbólica, pela criança. A psicose cultural, conforme apontei na nota de rodapé 6, não se produz exclusivamente no âmbito da família. A força do discurso que nega o racismo opera como uma lei regulatória ancorada e ancoradora de todas as instituições sociais e se consubstancia como discurso oficial do Estado brasileiro que, reiterado, é anunciado por autoridades legais. Em 2020, o vice-presidente Hamilton Mourão repetiu enfaticamente que “racismo é coisa que querem importar para o Brasil”, para negar que o assassinado de João Alberto Freitas, 40 anos, espancado e morto por seguranças no RS, que tinha alguma conexão com a cor da pele (Portal G1, 2020).

as individualidades e singularidades, ou seja, para a análise de como cada sujeito irá relacionar-se com sua biografia, com as pessoas negras, essa diferença desaparece e emerge a população, tornando a psicanálise incapaz de contribuir com essas reflexões porque, para o cânone psicanalítico, não há nada para se falar sobre a experiência do racismo e da raça, uma vez que são dimensões que não contam para definir como nos inscrevemos no campo da cultura, da lei, das normas, do simbólico. Se em outros saberes o racismo é dito, explicitado, na psicose cultural,¹¹ que os psicanalistas contribuem com seu lugar de poder, o silêncio torna-se o texto que precisamos decifrar. Essa recusa deve ser lida como um sintoma de uma estrutura teórica que exclui não uma pessoa, mas uma população que se encontra na esfera pré-ontológica.

A inexistência da categoria raça no escopo teórico da psicanálise repositiva o debate apresentado inicialmente sobre a ausência de negros/as e da falta de escuta para questões vinculadas ao racismo. Tentarei apontar que, ainda que tenhamos a democratização racial na cena psicanalítica, não há garantias de que as questões raciais sejam valorizadas, pois o núcleo duro da elaboração do saber psicanalítico apoia-se na relação sujeito/sexualidade/família.

Quando uma pessoa entra no consultório, ela traz para a cena a sua família. Mas se não existe família, nos moldes do cânone psicanalítico, como se constitui o sujeito, como se produz o ser singular? A psicose é o

11 Seria possível acionar inúmeras situações no cotidiano em que a psicose cultural comparece como estruturante das cenas. A análise dos debates do Brasil sobre os que eram a favor e os contrários às cotas para pessoas negras nas universidades nos oferece um rico e farto material para análise. Uma das retóricas recorrentes dos que se posicionavam contrários às cotas foi a artificialidade do argumento do racismo entre nós, sendo, antes, uma importação do contexto estadunidense. Também podemos observar a psicose cultural operando nos resultados da pesquisa que a Datafolha realizou para racismo. Quase noventa por cento das pessoas que responderam à pesquisa concordam que existe racismo no país (89%), contra 10% que admitiram terem discriminado. Em perguntas indiretas envolvendo situações racistas, 87% foram manifestamente racistas (Turra & Venturi, 1995). Já se passaram quase três décadas da divulgação dos resultados da pesquisa, mas a sua atualidade pode ser conferida nos debates sobre as cotas, que trouxe outras camadas discursivas, entre elas, o da meritocracia como um critério definidor de quem pode acessar as universidades públicas e, mais uma vez, a negação da existência do racismo.

único lugar reservado para pensar os arranjos familiares diversos, as mudanças e as rupturas com as estruturas tradicionais de poder e família. São as definições psicanalíticas de uma estrutura psicótica que estou acionando como um recurso interpretativo para as negações reiteradas da existência de racismo e que estou nomeando de psicose cultural. Aproximo-me do conceito para, logo depois, afastar-me. No âmbito da psicose como característica de estruturas individuais, me distancio. Onde os psicanalistas veem desajuste, déficit, recusa às normas, eu vejo potência de vida e desejo de transformação. Mas como fazer para que o psicanalista da cena inicial saia do seu surto psicótico cultural? A “cura” dele é a mesma para todos nós: reconstruir uma memória coletiva em que a dimensão da raça seja considerada não apenas como um dado, mas como uma linguagem que estrutura nossos inconscientes,¹² o que significa “poluir” o inconsciente pelas condições históricas e por relações de poder.¹³ Para se superar a raça, não há outro caminho que não seja passando por ela.

2. O que falta na cena psicanalítica?

Na teoria psicanalítica, todos/as temos de passar por processos de castração e interiorização das leis para nos tornarmos sujeitos singulares. Por que essa universidade teórica não se apresenta nos consultórios em corpos negros? Pode-se argumentar que não se trata de negar a importância da raça, mas de reconhecer que todos/as temos de percorrer os

- 12 Se para Jacques Lacan (1985) o inconsciente é estruturado como linguagem (“O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem ... E não somente o significante desempenha ali um papel tão grande quanto o significado, mas ele desempenha ali o papel fundamental. O que com efeito caracteriza a linguagem é o sistema do significante como tal” (1985, p. 139), devemos pensar quais os significantes que são valorizados e transmitidos para a criança. Não apenas a diferença sexual, mas a raça está presente em nossas formações primeiras como sujeitos no mundo.
- 13 A filósofa Judith Butler tem uma longa discussão sobre a necessidade de historicizar o inconsciente mediante uma antologia social. Esse debate é especialmente acirrado em relação à posição do campo lacaniano francês, que se posicionou publicamente contrário ao Pacto Civil de Solidariedade entre pessoas do mesmo sexo, principalmente na recusa sistemática de admitir o direito desses casais em adotar crianças (Butler, 2006; 2008).

caminhos que nos levam à separação da mãe e que irão nos cindir dessa relação primordial que demandará um longo trabalho de elaboração por cada um de nós. Teremos de nos confrontar, ao longo de nossas existências, com esse momento da separação que produzirá as singularidades fundadas na diferença sexual como referencial primordial. Para que o segundo corte do cordão umbilical seja efetivado, é imprescindível que haja um terceiro termo exterior à relação de simbiose mãe/filho-a. O elemento que propiciaria o segundo corte do cordão umbilical entre mãe-filho/filha seria o pai, ou alguém que ocuparia esse papel.¹⁴ A universalidade da presença do terceiro termo para permitir que a criança se reconheça como separada e diferenciada da mãe e do pai seria uma lei de caráter universal. E se não existir o terceiro termo?

Pode-se, talvez, sugerir que a raça entraria em outro momento da vida em que a diferença fundante do sujeito, a sexual (primeiro passo rumo à entrada no simbólico), já estaria estabelecida.¹⁵ Essa conclusão mantém intactos os fundamentos da psicanálise que, por um lado, negam a centralidade da categoria raça para se pensar a constituição do sujeito e, em linha de continuidade, nos levam a concluir pelo não reconhecimento das famílias negras que trazem no seu interior a herança da escravidão. Não é possível pensar as estruturas parentais que organizam a vida na sociedade sem referência às formas díspares de organização do parentesco e dos mecanismos de reprodução sexual que atravessam toda a história do Brasil e em que se repetem contextos marcados pela escravidão.

A ortodoxia afirma que a família se torna um arranjo disfuncional quando há a ausência (ou um déficit) da presença paterna e os seres que sairão desse contexto padecerão de profundas crises subjetivas. Não seria, ao contrário, um déficit da psicanálise que não tem instrumentos

14 Não é o objetivo deste artigo fazer uma diferenciação entre as escolas freudiana e lacaniana, mas, principalmente, apontar pontos de unidade que articulam o dispositivo psicanalítico.

15 Eu uso a expressão “pode-se sugerir” como um recurso retórico para lidar com o silêncio da psicanálise em relação à raça. Se nas Ciências Sociais e História há uma abundância de textos de caráter racista, na teoria psicanalítica a raça não comparece.

teóricos suficientes para interpretar as crises,¹⁶ conforme apontaram Triska e D'Agord (2018), uma vez que “toma Édipo como mito universal, quando numa situação clínica onde falha a eficácia interpretativa do mito edípico, deve atribuir esse fracasso a algum déficit da cultura e seus sujeitos?” (2018, p. 5). Mas como pensar em déficit da figura paterna em um contexto histórico em que, por quase 400 anos, a única referência de vínculo precário da criança era com a mãe?

Na cena psicanalítica, um sujeito relata e outro escuta. Quais são os filtros conscientes utilizados por psicanalistas, aqueles aprendidos por anos de formação? O que não é escutado seria uma surdez também provocada por anos de formação? Como o inconsciente do psicanalista é formado? Quais são os filtros inconscientes oriundos da psicose cultural e que opera na cena do encontro? Quais são as ferramentas analíticas disponíveis para escutar sujeitos negros e oriundos de famílias negras? Mas o que é a família negra? Conforme aponte, embora haja importantes reflexões sobre a relação entre psicanálise e racismo, talvez seja necessário dar um passo atrás e nos perguntarmos sobre o lugar que a família negra ocupa na história brasileira, ou: Como essa história informa e prepara a escuta dos/as psicanalistas?

Essas perguntas desdobram-se em outras questões que podem parecer estranhas à psicanálise: eu disse “família negra” e não utilizei o significante universal “família”. Trouxe uma marca e daí deriva-se outra pergunta: qual a família da psicanálise? O segundo ruído está em “história brasileira”. Teria sentido “poluir” a psicanálise com a história?¹⁷ Se eu o faço, não estaria

16 É interessante observar como há uma produção de psicanalistas que tentam trazer novos debates para o interior do campo por considerar que há novas formas de sofrimentos e novos arranjos subjetivos, a exemplo do trabalho de Dunker (2015). Certamente, produzir novas teorias sobre as formas de sofrer não previstas nas teses ortodoxas da psicanálise é fundamental e as empurra para os braços da história e das relações sociais e, o que implica não se contentar em dar a mesma resposta (déficit da figura paterna) para conflitos distintos. E os “velhos” sofrimentos que seguem sendo expulsos do divã e com eles os pacientes, a exemplo do racismo?

17 O debate sobre a falsa pretensão universalista da psicanálise tem como marco o livro do antropólogo Bronislaw Malinowski (1982). O antropólogo não encontrou, na vida sexual dos trobriandeses, nenhum indicador que o autorizasse a afirmar que o complexo de Édipo estava operando para produzir a diferenciação e separação do filho da

tirando a força do método que apresenta leituras regulares para a formação dos sujeitos a partir da primazia da relação diferença sexual/família?

Se a formação da estrutura psíquica está atrelada ao contexto familiar, principalmente à interiorização do princípio da castração (Roudinesco; Plon, 1995), como se formam sujeitos sem a existência desse contexto, a exemplo do que se passou durante a escravidão? A teoria psicanalítica tem como pressuposto que existe um campo visual no qual a criança vê o órgão sexual feminino. Todo o processo de angústias das crianças está ancorado

mãe, ou que se poderia pensar as estruturas psíquicas daquele povo a partir da universalidade da castração. As estruturas de parentesco negavam que o complexo de Édipo seria uma experiência humana que se apresentaria sempre da mesma forma, em todas as épocas e lugares. A pesquisa do antropólogo concluiu pelo caráter não universal dos achados freudianos que estão vinculados a contextos familiares patriarcais e da cultura da moral sexual repressiva, vigentes no momento histórico em que Freud escreveu. Na família patriarcal, o imago do pai concentra a função de repressão e de sublimação. Nas famílias matrilineares trobriandesas, as funções de repressão e de sublimação são compartilhadas entre o pai e o tio materno. A ausência do pai como figura central, que ocuparia o lugar interdição, tem como efeito uma estrutura de psiquismo caracterizado pela ausência de neuroses.

O debate seguiu com Marie-Cecile Ortigues e Edmond Ortigues (1989), no decorrer dos anos de 1962-1966, que utilizaram como fundamento de suas considerações suas experiências na prática psicanalítica em sociedades matrilineares (etnias *wolof*, *lébou* e *sereri*), em um hospital de Dakar (Ortigues; Ortigues, 1989, p. 282). Em defesa da universalidade do complexo de Édipo, Georges Devereux afirmou que nenhum dado etnográfico pôde demonstrar, até hoje, que as proposições psicanalíticas não são universais. No seu entender, a utilização de dados etnográficos para invalidar certos aspectos da teoria psicanalítica, "... a ausência – em nível consciente e sob uma forma culturalmente estabelecida – de um fenômeno que no julgamento dos psicanalistas tem caráter universal exige unicamente a análise dos processos psicodinâmicos que determinam a repressão desse fator ou fenômeno" (Devereux, 1972, p. 69). Franz Fanon (2008) recupera a discussão da universalidade do complexo de Édipo vinculando-a à questão racial, aproximação pioneira: "Alguém poderia nos contestar, com Malinowski, afirmando que o único responsável por esta inexistência é o regime matriarcal. Mas, além de perguntar se os etnólogos, imbuídos dos complexos de sua civilização, não se esforçaram em encontrar a reprodução desses complexos nos povos por eles estudados, seria fácil demonstrar que, nas Antilhas Francesas, 97% das famílias são incapazes de produzir uma neurose edipiana. Incapacidade da qual nos felicitamos enormemente" (2008, pp. 134-135). Para ele, "Muito se falou da aplicação da psicanálise ao preto. Desconfiando do uso que dela poderia ser feito, preferimos intitular este capítulo: "O preto e a psicopatologia", uma vez que, nem Freud, nem Adler, nem mesmo o cósmico Jung em suas pesquisas pensaram nos negros. No que bem tinham razão. As pessoas esquecem constantemente que a neurose não é constitutiva da realidade humana. Quer queira quer não, o complexo de Édipo longe está de surgir entre os negros" (2008, pp. 134-135).

inicialmente nessa visualização. Os meninos concluem que a mãe tinha o que eles têm e que perdeu. Essa falta é interpretada pelo menino como resultado de uma punição. Desta forma, “agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria” (Freud, 1989a/1923, p. 182). Para as meninas, a castração põe em relevo o que não é fácil de ser aceito por ela que irá culpar a mãe e se sentir inferiorizada. Além das meninas, responsabilizam a própria mãe pela falta de pênis, irão atribuir à mãe a responsabilidade por essa desvantagem em relação aos não castrados, levando-a a aproximar-se do pai. Tanto no complexo de castração do menino e da menina e na instauração pela psicanálise do pênis como referente universal,¹⁸ a mãe ocupa o papel central, até o momento em que o menino se separa da mãe pelo medo e a menina pelo ódio. De qualquer forma, o momento de separação da mãe é, em ambos, o acontecimento principal do complexo de castração. E a condição anterior para que o complexo de castração se efetive é 1) ter uma mulher identificável como mãe; 2) acessar visualmente o sexo da mãe. E se essas duas condições não se efetivarem?

A referência ao complexo de Édipo em Jacques Lacan é acrescida por uma ordem simbólica, resultado da intervenção do pai, “não o pai natural, mas do que se chama o pai. A ordem que impede a colisão e o rebentar da situação no conjunto está fundada na existência do nome do pai” (Lacan, 1988, p. 114). A não instauração da função paterna faz com que não seja possível para a criança a organização de sua rede de significantes centrada em um ponto de referência exterior, mas se encontra no próprio “eu psicótico”. Para que a realidade seja acessada, “para que o sentimento da realidade seja um justo guia, para que a realidade não seja o que ela é na psicose, é preciso que o complexo de Édipo tenha sido vivido” (Lacan, 1988, p. 226).

18 Para muitos psicanalistas, uma das grandes contribuições de Lacan foi deslocar a ideia do significante “falo” de referências biológicas ou anatômicas, diferenciando-se de Freud, para quem o complexo de Édipo estava vinculado à percepção da ausência/presença do pênis. Em Lacan, a função do falo estaria deslocada desse referente empírico. Há, no entanto, desconfianças (com destaque para as reflexões de Butler (1993)) de que essa teoria não conseguiu deslocar-se da estrutura binária dimórfica, sendo, antes, recurso retórico para chegar às mesmas conclusões de que há um destino para a formação das masculinidades e feminilidades.

Na constituição do psicótico, o desenvolvimento do complexo de castração caracteriza-se exatamente pela falta da inscrição da experiência da castração. No processo de constituição psíquica, a não interiorização da representação de uma lei (no caso, a lei paterna) é o que Lacan denomina de forclusão. A realidade aí criada é incontestavelmente verdadeira e certa. A rejeição de um significante fundamental faz com que este retorne sob forma de uma alucinação no real do sujeito. A ausência do significante do Nome-do-Pai, que se constitui como o operador simbólico do complexo de Édipo, terá como efeito a relação do sujeito psicótico com sua realidade, marcada por uma ruptura e uma “existência” pré-ontológica. Mas, afinal, por que algumas pessoas se tornam psicóticas? O que faltou para se operar a entrada no simbólico? Certamente, não são estruturas biológicas que predisõem as crianças para determinadas estruturas psíquicas, mas condições e relações exteriores a elas mesmas. A ausência de uma família heterossexual seria uma dessas condições para emergência de estruturas psicóticas?

Outra vez, pergunto: se esses pressupostos que sustentam a teoria não se efetivam? Se a “pulsão do saber” (Freud, 1989b/1908, p. 216) da criança (principalmente a referente sobre a origem dos bebês) não tiver as condições necessárias (a existência de uma família) para se instalar? Caso a criança ou a mãe, no contexto da escravidão, fosse vendida antes de chegar o momento em que as dúvidas sobre ausência/presença de determinada genitália se instauram (entre 3 e 5 anos), como ela entraria na ordem simbólica? Como reinscrever a produção ou constituição do sujeito quando são outros os termos que estruturam a cena de produção do “eu”?¹⁹

19 É interessante observar como a figura do escravo apresenta-se como um recurso reiterado nos textos de pensadores europeus do século 19 e que seguiu ao longo do século 20. O capítulo “Dialética do senhor e do escravo” (Hegel, 1992) tornou-se uma referência para se pensar a produção dialética da consciência como resultado da relação do “eu” com outro. Quando pergunto a pesquisadores/as sobre o porquê da ausência de reflexões que privilegiem as condições existenciais e materiais das pessoas escravizadas, uma resposta recorrente é que se deve ler a relação entre escravo/senhor como uma metáfora. Eu nunca cheguei a entender muito bem essa negação de se aproximar da realidade da vida das pessoas escravizadas e a escolha por trazê-los para a teoria como “metáfora”. Textos da Sociologia e Antropologia irão privilegiar a figura do selvagem, personagem que guarda parentesco próximo ao do escravo.

A estrutura analítica fundamentada na triangulação (pai-mãe-filho) pode conduzir à ampliação do raio de “foraclusão”. Não se trata de estruturas psíquicas que negam o simbólico, mas, ao contrário, como a vinculação e a determinação da produção do sujeito em enquadramentos familísticos terminam por reiterar a abjeção de corpos que habitam estruturas sociais que não são reconhecidas como família. E aqui está o motivo pelo qual a psicanálise não tem interesse pela questão da raça. A raça remete à população negra, que tem sua existência atrelada à condição de pessoas escravizadas. O que a psicanálise tem a dizer sobre uma população que não se constitui no contexto familiar? A abjeção não se restringe ao negro, mas à (não) família negra, porque foi a ausência de condições exteriores à criança que não a permitiram fazer as passagens necessárias para se perceber como castrada. É impossível, portanto, pensar a produção do sujeito sem fazer referência ao mundo exterior que irá lhe constituir. Essa exterioridade é múltipla e o que seria considerado para psicanálise como estruturas que não favorecem essas passagens, e que o resultado, na foraclusão, deve ser invertido: a foraclusão como conceito que pode nos ajudar a entender o que leva a psicanálise (e de outros saberes, a exemplo das Ciências Sociais) a não levar em consideração outras possibilidades para produção dos sujeitos.

Politizar os conceitos de foraclusão/abjeção significa entender como eles têm sido acionados pelos saberes estabelecidos para patologizar não exclusivamente indivíduos, mas populações. A ausência não é de pessoas negras, mas da categoria raça na construção teórica da psicanálise. Portanto, ainda que haja a democratização do acesso à psicanálise de pessoas negras (seja como psicanalista e/ou pacientes), se a raça não for habilitada como uma categoria que opera na formação dos nossos inconscientes, a psicanálise seguirá sendo um campo do saber que contribui para a reprodução da psicose cultural.

A ortodoxia psicanalítica tem sido um dos saberes fundamentais para seguir reproduzindo que é necessária uma estrutura de família triangular para que se admita a produção do sujeito.²⁰ O que a psicanálise chama

20 Durante décadas ativismos gays e lésbicas organizaram lutas pela despatologização de suas identidades sexuais. A família heterossexual foi a norma mediante a qual todas

de foraclusão ou terreno para produção de estruturas psíquicas psicóticas, eu sugiro que é nesse espaço que habita o desejo de transformação que não consegue encontrar no mundo da linguagem significantes disponíveis para produção de sentido. A psicose é o único espaço reservado na psicanálise para a resistência, a desobediência. A psicose cultural, ao contrário, se fundamenta na negação da realidade, mediante o não reconhecimento de que há corporalidades e subjetividades que estão fora da matriz de inteligibilidade humana. Ao propor essa inversão (foraclusão como lugar do novo), identifique esses saberes hegemônicos como dispositivos que sustentam o continuado projeto de Nação que considera como disfuncional, patológico ou anormal famílias sem a presença do pai. Que tipo de gente sairia daí? É interessante observar como a figura do bandido (o fora da lei estatal) apresenta linhas de continuidade com psicótico (fora da lei simbólica). Ambos são fruto de estruturas familiares desajustadas. Se padecemos de patriarcado sem pai, devido à autorização social dada aos homens para abandonarem seus/suas filhos/filhas, talvez tenhamos que propor novos construtos que reposicionem o lugar da mãe como duplo, fazendo desaparecer o credo psicanalítico que o terceiro termo (mesmo que não seja encarnado na figura do pai biológico) seja um imperativo. Mas se o mandato da teoria não se

as outras formas de arranjos conjugais e famílias eram consideradas como anormais. Após a despatologização e despsiquiatrização, um novo front de luta foi organizado e outra vez a psicanálise estava lá, ao lado da norma heterossexual. A união civil de pessoas do mesmo sexo e a possibilidade de adoção de crianças reabriram as portas dos defensores da suposta saúde mental das crianças, assentada na existência de uma família funcional (ou seja, heterossexual). O déficit da presença paterna (ou mesmo sua inexistência) produziria filhos e filhas com grande propensão à psicose. Ainda que a noção de “função paterna” lacianiana sugira um deslocamento da estrutura biológica para a noção de papéis, mesmo assim, psicanalistas lacianianos não se intimidaram em ocupar espaços públicos e clamar contra a adoção das crianças por casais homossexuais. Nos anos de 1990, foi a vez de as pessoas trans desencadearem lutas pelo direito à identidade de gênero e pela retirada de suas existências dos manuais de Código de Doenças Mundial (DSM) e do Manual Diagnóstico Estatístico de Saúde Mental (DSM). Outra vez, a psicanálise afirmou que a demanda das pessoas trans constituía sintomas de estruturas psíquicas psicóticas (Bento, 2017; Butler, 2006). Nesses dois momentos de luta, nos movemos por demandas que tencionam os construtos da psicanálise no âmbito da diferença sexual e de gênero. A luta por reconhecimento dos dissidentes sexuais e de gênero explicitou o lugar que a psicanálise, saber fundado no imperativo da diferença sexual, desempenhava como aliada da norma e do projeto populacional do Estado-nação.

efetiva no mundo da vida, se não encontramos o terceiro termo, onde está o problema? Um psicanalista dirá: “procure bem que você vai encontrar alguém fazendo a função paterna. Não tem como fugir ao Nome-do-Pai”. Ou seja, a teoria não erra jamais. Nas sociedades marcadas historicamente pela escravidão, é necessário reposicionar o lugar da mãe, com profundas linhas de continuidade no presente.

A figura do abjeto encontra-se com o psicótico. Ele, que nada sabe da lei, não consegue simbolizar o real e escapou às estruturas culturais. Não apenas a pessoa negra, mas toda sua família vive sob o signo do abjeto, e quando ele/ela entra na clínica, seu corpo reatualiza a negação do reconhecimento de sua condição de sujeito, não apenas por ele/ela ser negro/a, mas, antes de tudo, porque família e negra são termos estranhos para habitarem a mesma sentença. Quando eu apresentei essas ideias em um seminário para psicanalistas, escutei: “de fato, não discutimos a questão da raça e agora me dou conta [de] que nos meus 25 anos de clínica na zona do Rio de Janeiro, jamais tive um paciente negro”. Ao estranhamento dele, eu balancei a cabeça e pensei: como é possível que em 25 anos ele não tenha observado essa ausência?

3. O leite, o vínculo, o corte

No seu diário de viagens ao Brasil no período de 1823-25, Maria Graham relata:

Perto da casa há dois ou três depósitos de escravos, todos moços. Em um vi uma criança de cerca de dois anos. As provisões estão agora tão raras que nenhum bocado de alimentação animal tempera a massa de farinha de mandioca, que é o sustento dos escravos, e mesmo isso estas pobres crianças, com seus ossos salientes e faces cavadas, revelam que eles raramente recebem o suficiente. (Graham, 2021, pp. 121-122)

Quem era aquela criança de dois anos que seria vendida? Quem cuidou dela? Ela não conseguiu se tornar sujeito? Estaria condenada a

perambular pelo mundo carregando seu destino psicótico? Mas isso foi no contexto da escravidão. Pergunto: como as milhares de crianças que estão nos centros de adoção interiorizam a castração?

Uma passagem pinçada da pesquisa de Lorena Telles:

Um anúncio de jornal de 2 de dezembro de 1830. Uma menina crioula de 13 anos de idade foi posta à venda. Descrita pelo vocabulário senhorial como prendada nos trabalhos internos da casa – “cose, engoma, lava, cozinha, corta vestidos por molde”, sabendo “vestir, e pregar uma Sra.” –, a menina, de “agradável presença”, estava grávida de quatro a cinco meses. A crioula, aos 13 anos, carregava ao colo um “pardinho de 1 ano”, possivelmente filho do senhor, que o colocava à venda junto à jovem mãe. (2018, p. 87)

O pai-senhor certamente faria parte de uma estrutura familiar tradicional, reconhecido pela psicanálise e pelos deputados federais brasileiros presentes na sessão de 1871 que discutiu o destino dos/as filhos/as das mulheres escravizadas. Quem era essa criança de 13 anos? E seu filho? E o filho que estava esperando? Uso a palavra “filho” por não encontrar outra, mas o vínculo dos dois (mãe-filho) estava desde sempre comprometido. A maternidade, para mulheres escravizadas, era impossível, jogando-as para fora da categoria gênero.

Evaristo de Moraes diz que “Uma das maiores abominações do cativo consistia na possibilidade de vender o pai – “senhor” os escravos-filhos, havidos do concubinato com as suas próprias escravas.²¹ Era, entretanto, frequente essa prática inqualificável” (citado por Gorender, 1980, p. 341).

21 “Concubinato” produz a enganosa interpretação de que havia, de fato, consenso das mulheres negras escravizadas nas relações com os senhores. Essa narrativa está articulada com a defesa de que a miscigenação foi resultado do encontro das três raças, como se a cena do “encontro” fosse resultado da vontade dos sujeitos que a constituíam. O acesso ilimitado aos corpos das mulheres negras escravizadas pelos senhores era determinado pela norma do senhor e legalmente respaldado. O concubinato, ao contrário, é atravessado por normas de regulação interna. A relação senhor/escrava, no entanto, era da ordem da posse e propriedade absoluta da vida da mulher negra escravizada. São passagens “sutis” como essas que foram sedimentando historicamente a noção de que havia relacionamento e autorização entre senhor/escravizada.

Cada lar brasileiro, até 1888, era potencialmente um centro de tortura e um criadouro de gente. Seriam as referências de família e sujeito que orientam a origem eurocentrada da psicanálise eficazes para interpretar esses (não) vínculos e, ao mesmo tempo, nos ajudar a compreender como as pessoas escravizadas inventam formas alternativas de arranjos e vínculos sociais invisibilizados?

Comecei apontando que há importantes reflexões sobre a relação entre racismo/psicanálise. A recusa em escutar as dores das pessoas negras tendo como uma de suas fontes o racismo deve ser analisado como algo anterior e estruturante dessa surdez: a negação da existência de determinadas organizações de parentesco com singularidades estranhas ao ouvido do/da psicanalista. O modelo de família que estruturou (e segue estruturando) o Estado-nação não é o mesmo da psicanálise?

3.1 O corte – um conto

Anastácia, seu novo senhor chegou! Pegue tuas coisas e tua cria, hora de partir.

Antes de cruzar a porta para a rua, a senhora vasculha os pertences de Anastácia. Toda sua vida estava naquela trouxa. Ela tentava acompanhar os passos rápidos do seu novo senhor, mas a trouxa, o filho no colo e peso da barriga a deixavam atrás da sombra do senhor. A cada passo, sentia que estava na hora de parir. Seus seios pesavam. O leite, sem aviso prévio, já começava a escorrer pelos trapos que cobriam seu corpo miúdo cuja idade ninguém sabia precisar. Talvez 13 anos. O senhor, com visível alegria, olhava com o rabo de olho o leite escorrendo, *Está quase na hora/Sim, senhor./Minha esposa também está quase nos dias./Sim, senhor.* Podia-se notar a alegria do novo senhor. Fizera uma ótima compra e o anúncio de venda fazia jus às qualidades da crioula que “cose, engoma, lava, cozinha, corta vestidos por molde ... sabe vestir, e pregar uma Sra. ... e tem agradável presença”.

Dias antes, Anastácia ouvira a conversa entre seus senhores, *Estamos com despesas extras, precisamos nos desfazer de alguma peça do nosso plantel.* Fizeram cálculos, avaliaram qual peça reunia as condições para

garantir um bom lucro. *Vamos vender Anastácia. Ela sabe cozinhar, passa roupa bem, e em alguns dias terá leite, muito leite.* O marido argumenta: *Lembra quando o moleque dela nasceu? Ganhamos um bom dinheiro com o aluguel dela ... leite abundante... É por isso que não podemos nos desfazer de Anastácia. É muito jovem, ainda vai parir outras crias e podemos seguir alugando-a por dias.* Com fúria no corpo, a senhora acusa: *Eu sei por que meu marido não quer desfazer-se dessa negrinha suja.../Outra vez com esse assunto, mulher?/Essa cria que ela traz na barriga pode te denunciar, marido. Todas as vizinhas irão descobrir que você cobre uma negrinha, que faz sujeiras com ela. Por sorte, a cria primeira puxou a pele escura da mãe. Você escapou, marido. Não vamos abusar da sorte duas vezes. E a gente aproveita e vende o moleque também, que por hora não tem serventia nenhuma, só leva despesa.* Anastácia, escutava o seu futuro ser jogado na sala de jantar. Sua entrada na sala não interrompeu a conversa, era uma criada muda. Pensava satisfeita que poderia ter a sorte de ser vendida para uma família boa.

Anastácia nasceu na senzala daquela casa. Até os dois anos, tentou acompanhar a mãe, segurando em suas canelas. Anastácia, a mãe, amamentava sua filha como um ato ilícito. Os fugidios momentos de contato corporal eram interrompidos pelos gritos da senhora para que ela voltasse o peito para o seu futuro senhor. Seria o senhor ou a senhora o terceiro termo? Quem interrompia o vínculo da Anastácia-mãe com a Anastácia-filha? O vínculo é quebrado para que a criança se perceba como diferente de sua mãe ou para introduzi-la no mundo da escravidão? A escravidão é mundo simbólico, é a lei? E se a criança não interiorizar sua condição de escravizada e negá-la ao longo de sua vida com todas as formas de resistência? Qual a diferença primordial irá lhe constituir no mundo? Que diferenciação está sendo produzida ali? Da diferença sexual ou da diferença entre senhora e escrava? Mas a Anastácia mãe foi vendida. Qual rosto ocupará esse lugar? Como Anastácia filha se tornará singular e fugirá da marca universal “escrava”? Como pensar o processo de formação do sujeito quando o senhor ocupa um duplo lugar? É pai e é senhor, mas não é pai porque esse nome não existe no vocabulário, não existe Nome-do-Pai, o que transforma esse suposto duplo em ficção. Ele é despótico, mas não é pai. Ele é pai para

os filhos feitos nas camas da casa-grande. A figura de senhor sobrepõe-se à do pai. E será como senhor que poderá dispor da vida da criança e da mãe²² e certamente sua esposa usufruirá dos dividendos da sua condição de mulher do senhor.

Anastácia mãe desapareceu. A filha não tem memória das feições da mãe. Toda sua memória é emprestada. Já nem sabe o que criou ou o que lhe foi doado, está tudo misturado na saudade sem rosto. Alguns dizem que sua mãe fora vendida grávida para um senhor que se hospedara na casa-grande. Outros, que ela fugiu. Anastácia, a mãe, não teve tempo de tecer os vínculos com a filha, de exercer autoridade materna. O cuidado da filha sempre foi compartilhado com as outras mulheres da senzala. Antes da filha aprender a andar, a mãe sumiu. Ela ficou ali, misturada entre outras crianças e nos braços sempre ocupados das mulheres da senzala. As mães desaparecem, e os filhos e filhas crescem sob olhar cuidadoso de outras mulheres negras escravizadas e do olhar calculista dos da casa-grande. Como no conto de Joãozinho e Maria, todos os dias há uma medição detalhada da evolução dos corpos miúdos. Um dia ela está na cozinha, misturada com os animais e tentando pegar alguma sobra que os senhores e senhoras deixam cair da mesa; no outro, na ponta dos pés, lava a louça. Aos sete anos, seus braços somaram-se aos de outros na colheita do café. E um dia acorda sob o peso do corpo do senhor sobre o seu.

Após uma caminhada de uma hora, o novo senhor aponta para um casarão e diz: *é lá*. A esposa estava na janela e acena para o marido. *Pronto, mulher, aí está a negrinha prenhe que te prometi*. Antes de Anastácia cruzar a porta, a nova senhora pergunta: *E o moleque?/Eu tive que trazê-lo. Fez parte da negociação./Eu não o quero, não. Mais uma boca e ela não vai fazer*

22 José do Patrocínio (Farias, 2019) e Luiz Gama (Magui, 2021) foram filhos de mulheres negras escravizadas e seus “pais” eram homens brancos donos de suas mães. A condição da mãe definia o status dos filhos. Luiz Gama foi vendido por seu “pai-senhor” e José do Patrocínio foi viver no Rio de Janeiro, separando-se de sua mãe, aos 14 anos. Cito esses dois casos para reafirmar que a famosa “miscigenação” propalada como uma marca definidora da singularidade da civilização brasileira (Freyre, 2003; Prado Junior, 1976) tornou-se uma narrativa oficial que tem como objetivo negar a violência continuada dessas “relações”. Para uma discussão sobre miscigenação e suas ressignificações, ver: Pinho (2004), Schwarcz (1995), Corrêa (2001).

as tarefas da casa com esse moleque no pé dela./Amanhã a gente vê isso. Com a cabeça baixa, sem levantar os olhos, Anastácia implora, deixe o menino comigo. Ele não chora, é quietinho e já, já estará trabalhando. A senhora, sem qualquer reação às súplicas de Anastácia, Está bem, marido, amanhã vamos resolver isso.

Anastácia estica seu corpo pesado e cansado sobre a esteira. Faz uma prece aos santos e santas católicos, *Deixem meu filho comigo*. Adormece.

Perdemos Anastácia de vista. Parece que seu filho recém-nascido foi entregue à roda dos enjeitados. Do filho mais velho tivemos notícias por uma estrangeira que escreveu em seu diário que viu uma criança que parecia ter 2 anos no mercado para ser vendida, com “ossos salientes e faces cavadas”.

4. Família negra e marginalidade

A cena de produção do sujeito, da emergência do “eu”, acontece no contexto familiar. E se a cena muda ou se ela não existe? Seria possível, ainda, pensarmos que há sujeitos? A família foi o lugar central das disputas no processo de formação do Estado-nação brasileiro. Ao longo dos debates no Congresso Nacional de 1871, era recorrente a afirmação da impossibilidade de pessoas escravizadas formarem famílias por sua condição de propriedade e, por outro lado, pela ausência de valores morais que qualificassem os “seres degenerados e promíscuos” (termos utilizados pelos parlamentares) oriundos do continente africano. A família cativa existia (Slenes, 1999), mas, certamente, com modos outros de organização interna, tanto pelas tradições de seus locais de origem, atrelados a outros mitos e cosmovisões apartados da tradição judaico-cristã, mas também por serem famílias formadas sob a autorização e controle dos/as senhores/as. A instituição que tem como função a produção da diferença sexual, nos termos freudianos, não era uma possibilidade para as pessoas negras escravizadas.

Vincular ou estabelecer uma relação de causa e consequência entre família heterossexual e obediência às normas segue operando com vigor

na distribuição de reconhecimento de famílias funcionais.²³ Essa relação causal é uma das teses centrais dos sociólogos funcionalistas. Para Talcott Parsons (citado por Hita, 2005), um dos fundadores dessa escola sociológica, a família conjugal, bem estruturada, era imprescindível para a socialização sadia das crianças. As noções de anomia e de patologia social são termos que se articulam para negar a possibilidade de outras formas de organização social e psíquica que não tivessem como fundamento a família nuclear heterossexual. E um dos caminhos para livrar a sociedade dos desajustados seria a eliminação antes de nascerem, porque, se são gerados em úteros de mulheres negras, pobres e sem maridos, estão dadas as condições necessárias para que o futuro das crianças já seja definido: são marginais, estarão condenados a viver fora da lei.²⁴

Se os parlamentares, naquele histórico 1871, negavam a possibilidade da família escrava pela instabilidade dos vínculos (uma vez que podiam ser vendidos) e pela dimensão moral (promiscuidade, lascívia etc.), essa defesa continua circulando entre nós e vemos emergir novas figuras discursivas que guardam relação com as dos parlamentares pela constância da raça como critério de proteção da vida ou de promoção da morte.

- 23 O ex-vice-presidente Hamilton Mourão somou-se às vozes dos que acreditam que, para os sujeitos se tornarem ajustados, precisam de famílias estruturadas pela tríade pai-filho/a-mãe. Segundo ele, “Família sempre foi o núcleo central. A partir do momento que a família é dissociada, surgem os problemas sociais que estamos vivendo e atacam eminentemente nas áreas carentes, onde não há pai nem avô, é mãe e avó. E por isso torna-se realmente uma fábrica de elementos desajustados e que tendem a ingressar em narco-quadrilhas que afetam nosso país” (Exame, 17 set. 2018).
- 24 O ex-governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, defendeu a esterilização forçada de mulheres pobres. Essa seria a solução para acabar com a criminalidade. Segundo o ex-governador do Rio de Janeiro, “A outra, é um tema que, infelizmente, não se tem coragem de discutir. É o aborto. ... Sou favorável ao direito da mulher de interromper uma gravidez indesejada. Sou cristão, católico, mas que visão é essa? Esses atrasos são muito graves. Não vejo a classe política discutir isso. Fico muito aflito. Tem tudo a ver com violência. Você pega o número de filhos por mãe na Lagoa Rodrigo de Freitas, Tijuca, Méier e Copacabana, é padrão sueco. Agora, pega na Rocinha. É padrão Zâmbia, Gabão. Isso é uma fábrica de produzir marginal. Estado não dá conta. Não tem oferta da rede pública para que essas meninas possam interromper a gravidez. Isso é uma maluquice só” (Freire, A. (2007). Cabral defende aborto contra violência no Rio de Janeiro. *G1*, p. 02. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL155710-5601,00-CABRAL+DEFENDE+ABORTO+CONTRA+VIOLENCIA+NO+RIO+DE+JANEIRO.html>. Acesso em: 06 nov. 2021.

No mesmo período em que se discutia a Lei do Ventre Livre, entre maio e setembro de 1871, outro tema também ocupava as Ordens do Dia no Congresso Nacional: a questão da substituição da mão de obra escravizada, via a contratação de trabalhadores europeus. Para além da questão econômica que ganhou destaque nos estudos historiográficos, nota-se a preocupação fundamental com a moral. Não seria possível construir uma nação com sangue e valores dos africanos,²⁵ caracterizada pela escassa inexistência de senso de moralidade.²⁶ A preocupação com a substituição da mão de obra escravizada foi orientada por um projeto de branqueamento porque a moralidade estava condicionada à raça. Ao longo de todos os intensos debates, uma palavra não foi pronunciada: pai. Da análise que fiz dos Anais e dos jornais, a figura paterna, para se referir à reprodução entre as pessoas escravizadas, não é citada. Os filhos e as filhas que nasceriam das mulheres escravizadas seriam filhos e filhas da mãe, sem pai. É como se mulheres negras escravizadas tivessem uma estranha capacidade de gerarem vidas sozinhas.

Eu tento acionar o arsenal teórico da psicanálise para tentar compreender como as pessoas escravizadas se tornavam sujeitos. Tento encontrar

25 Destaca-se, na defesa dessa proposta, o Deputado Federal Perdígão Malheiros, político e escritor que usufruía de grande prestígio no Brasil na segunda metade do século 19. O deputado defende: “Houve já quem se lembrasse da introdução de negros livres. Basta, porém, o elemento que existe entre nós; fiquem eles na sua África, que bem precisa ... é outra raça que devemos preferir. Convém insistir na imigração da raça europeia ... É preciso, é mesmo de primeira necessidade garantir-lhe a família, base do estado social” (Malheiros, 1976, pp. 141-142).

26 O deputado federal Perdígão Malheiros se posicionou contrário à proposição do “ventre livre”. Para ele, a escravidão seria extinta naturalmente. “Ora, se assim marcha a questão a favor da extinção, pelo excesso sobre os nascimentos, provenientes da soma dos óbitos e alforrias, é evidente que sem outro processo, em 20 anos talvez a escravatura estaria extinta ... Tal é o processo a seguir. A morte por seu lado fazendo seu ofício, as alforrias por seu lado em aumento concorrendo para que o prazo se abrevie” (Annaes da Câmara dos Deputados, Tomo 3, p. 123). Os cálculos demográficos e a intencionalidade no fim da escravidão pela eliminação física da população escravizada abrem espaço para a reflexão sobre as fortes continuidades dessa proposta com as políticas de morte do Estado voltadas para a população negra. Essa discussão, no entanto, não é o objetivo deste artigo.

o terceiro termo que estrutura a “sagrada família” psicanalítica,²⁷ mas não o encontro. As pesquisas sobre as famílias formadas por pessoas escravizadas poderiam levar-me a relativizar a inexistência da castração e validar as cenas descritas pela psicanálise para explicar como nos tornamos o que somos. No entanto, mesmo nas famílias escravizadas, há outros termos que se combinam para deslocar a tríade. O funcionamento interno da família está condicionado aos desejos e mandos que vêm da casa-grande. A autoridade materna e paterna está fraturada pelo quarto termo, o dos/as senhores/as, tornando uma impossibilidade a cena de instauração do complexo de castração. As pessoas negras escravizadas e as heranças daí derivadas me levam a inferir que a psicanálise não oferece instrumentos analíticos que nos ajudem a pensar os mecanismos de produção do sujeito pelo marcador raça.

A ausência paterna transforma a “família” escravizada e, depois da abolição, a família negra, em um lugar sem regras, sem limites, signo reiterado da forclusão. Pode-se afirmar que o modelo explicativo pode ter algum nível de inteligibilidade quando referido à estrutura familiar livre, embora ali também a raça esteja operando na formação dos inconscientes. Conforme disse, as famílias escravizadas não podiam ter a mesma dinâmica das famílias livres. O nome do pai era oferecido, muitas vezes, pelo senhor. Mas o Édipo precisa se instaurar para a criança se mover para a cultura, interiorizar o tabu do incesto, entender-se como sujeito castrado e diferenciar-se da mãe, dirá o cânone psicanalítico. De que material era produzido o inconsciente de Anastácia?

As ferramentas analíticas da psicanálise são importantes para compreender como se formam sujeitos, mas não alcançam as pessoas negras, nem no escopo teórico, tampouco na presença corpórea na cena psicanalítica. Diria, porém, que tampouco alcançam as pessoas brancas, porque não oferecem instrumentos analíticos que as façam sair ou problematizar a psicose cultural. Trata-se, portanto, de inventar outras teorias que nos

27 A noção de “sagrada família” é inspirada no livro *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* (Deleuze & Guattari, 2010), que desenvolve uma densa crítica ao complexo de Édipo e à formação do inconsciente nos moldes proposto por J. Lacan e S. Freud. É importante apontar que, assim como a psicanálise freudiana que eles criticam, a raça não comparece como um dado que estrutura o inconsciente em suas análises.

ajudem a compreender como a raça nos estrutura, uma disputa epistemológica que atravessa outros saberes contemporâneos.

Não se trata apenas de propor modelos interseccionais de análises, mas de pensarmos que a diferença sexual e o gênero são estruturados pela raça. Não apenas para as pessoas negras, mas como estrutura que corta todas as subjetividades e estão ali, em nossos inconscientes, pulsando. Não seria importante pensarmos que, além dos chistes, do ato falho e dos sonhos, o inconsciente racializado também se anuncia nos insultos?²⁸

Quantos anos tinha aquela criança que gritou para Fanon²⁹ (*Olhe o preto!... Mamãe, um preto!*) e foi reprimida imediatamente pela mãe (*Cale a boca, menino, ele vai se aborrecer!*)? A mãe tentava repor a normalidade da vida pública com um elogio (*Não ligue, monsieur, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós...*). A criança estava com medo? O que ela via quando se deparou com o real do corpo negro de Fanon? O real da corporeidade está atravessada por discursos que já estão deslocados do real da pele, do cabelo, do nariz. O significante “negro” desloca-se do real do corpo e das subjetividades. Esse é outro efeito da psicose cultural: o momento em que há uma “autotraição”. Não existe racismo, mas há o fantasma do/a negro/a como ameaça constante.³⁰ Pouco importa que “o negro” seja “civilizado”. Negro é negro. A mãe, talvez para tranquilizar ou controlar uma possível reação do negro (“ele pode se aborrecer”), produz uma identificação (“tão civilizado quando nós”), mas o anunciado da criança revela

28 Lilia Moritz Schwarcz (2017) aponta como os provérbios de matiz racista podem ser considerados modalidades discursivas que atravessam as formações do inconsciente no Brasil. Certamente, é uma impossibilidade determinar quando se escutou a primeira vez as expressões “à noite, todos os gatos são pardos” ou “eles que são brancos que se entendam”. Os provérbios são repetidos sem fazer referência ou mesmo necessitar do emissor original. A força de sua reiteração está no compartilhamento de sentidos (como ideias sínteses) para quem está na cena onde é proferido.

29 Passagens relatadas no livro *Pele branca, máscaras negras*, de Fanon (2008, p. 106).

30 A essa cena descrita por Fanon pode-se acrescentar inúmeras outras relatadas por Grada Kilomba (2022) que acontecem no espaço público. Nessas cenas, nem sempre o medo é o afeto que estrutura os encontros. A violência pode vir em forma de elogio: “O que eu realmente odiava [quando era criança] era que me tocassem no cabelo: ‘que cabelo lindo! Que cabelo engraçado! Olha, uma afro...’ sentia-me como um cão, sou uma pessoa ... Eu nunca tocaria no cabelo de alguém assim” (p. 130).

o oposto (*olha, o negro!*). Certamente, um dos significantes que estruturou o inconsciente dessa criança foi “negro”. Se o inconsciente é estruturado como linguagem, a raça está presente desde que nascemos. O que a criança expressa não é a diferença (ele é negro, eu sou branca), mas a ausência dessa relação. Ser branco é o todo, o referente único, sem falta, e a pele branca é a lei que vem ao mundo com fé pública. O negro é o defeito que impede qualquer campo de produção de identificação. Embora essa relação exista desde sempre, ela é negada e expulsa do campo da identificação.

Conclusão

1. Apontei que a ausência de pessoas negras nas teorias e nos espaços psicanalíticos deve-se ao racismo que estrutura esse campo. Se considerarmos, de fato, que a família freudiana e o Nome-do-Pai lacaniano seriam as condições anteriores para que as estruturas psíquicas sejam organizadas, não resta outro caminho a não ser o oferecido pelas Ciências Sociais e pela História, que concluem pela impossibilidade de reconhecer a condição de sujeitos a seres que nasceram e viveram “como selvagens”. O primeiro movimento teórico deveria ser a compreensão de que esses saberes contribuíram para a reprodução de estruturas racistas e, mais, que o racismo está em suas estruturas de análise do mundo e das interpretações das ações dos indivíduos como parte fundamental da psicose cultural.

2. Outras formas de organização da vida social (com destaque para o lugar da mãe) precisariam deter o esforço de pesquisa e interpretação fora dos marcos da anomia, patologia social e psicose. Possivelmente, as crianças que nasceram em senzalas ou as que foram sequestradas na África para alimentar o tráfico de pessoas foram cuidadas por redes de apoio e valores que se chocavam com o mundo da Casa-Grande.³¹ Subjetivamente, a condição de ser escravizado produzia múltiplos movimentos subjetivos: obedecer ao/à senhor/a e resistir.³² Qual a diferença para formação subjetiva

31 Sobre valores africanos e suas influências na constituição da sociedade brasileira, ver: Augras (1983), Prandi (2005), Rehbein (1985), Santos (1993), Munanga (2009).

32 Foge ao escopo deste artigo apresentar as formas de resistência que se efetivavam nas dimensões micro e macro, mas vale a pena indicar algumas das obras que são

dessas duas sentenças: “Ele é seu pai, obedeça-o” e “ele é seu/sua senhor/senhora, obedeça-o/a”. Na primeira, estamos nos marcos do patriarcado; na segunda, o “obedeça-o/a” tem um subtexto: obedeça-o/a agora, rebele-se quando ele/ela virar as costas.

3. A historiografia nos oferece um amplo material que nos permite concluir que a resistência das pessoas escravizadas era cotidiana e que se efetivava nas esferas micro (assassinato do senhor e da família, expropriação de bens, suicídios) e macro (fugas coletivas, organização de quilombos, revoltas).

4. Para a criança negra escravizada, a primeira diferença interiorizada é o da raça. Por que ela não pode ter a mãe próxima a ela? Quem irei chamar de pai? A centralidade da raça como fator estruturante do inconsciente também opera entre os brancos. Afinal, foram os europeus que inventaram que a marcação biológica seria o definidor de quem somos no mundo, séculos antes da invenção do “sexo rei” (Foucault, 2013). No entanto, a sofisticação dessa construção está exatamente no apagamento da marca racial na branquitude. Ninguém escapa à marca da diferença racial. Ao longo da vida, teremos que nos confrontar com os discursos sobre raça que nos foram transmitidos pelo Outro Significativo (Mead citado por Berger & Luckmann, 2004). “Confrontar” pressupõe que haja reflexividade da relação entre subjetividade e as condições históricas que me constituem no mundo. A cena inicial do psicanalista nos coloca diante de um sujeito que não se descola porque tem um lugar de conforto psíquico oferecido pela branquitude. Isso é o que os ativismos e teóricos/as negros/as chamam de privilégio. “No Brasil não existe racismo” é uma sentença síntese da psicose cultural atualizada pelo psicanalista. Essa sentença pode ser lida por outro caminho: dizer que não existe racismo no Brasil é um subterfúgio para expressar o desejo de eliminação das pessoas negras. Se o psicanalista concordasse que o Brasil é racista, teria que fazer o trabalho de pensar a estrutura racial e seu lugar nessa mesma estrutura.

referência na discussão: Sobre a revolta escrava no Brasil, há uma consolidada literatura brasileira. Algumas das obras de referência são: Moura (1959), Luna (1968), Freitas (1984), Goulart (1972, 1971), Reis (1996), Schwartz (2001), Gomes (2006).

¿Qué es la familia del psicoanálisis? Entre la abyección y la psicosis cultural

Resumen: Los objetivos de este artículo son: 1) discutir cómo la ausencia de la categoría raza en el mapa analítico del psicoanálisis contribuye para la reiteración de la “psicosis cultural” brasileña, concepto propuesto para interpretar los efectos de la llamada “democracia racial” y que se caracteriza por la negación de la existencia continua de estructuras sociales racistas. 2) Analizar la ausencia de los negros en el escenario psicoanalítico (ya sea como paciente o como psicoanalista) debido al (no) lugar que ocupan las familias negras en el mapa epistemológico de estos saberes. No se trata sólo de la exclusión de los negros, como individuos, sino de una población que se observa bajo el signo de lo abyecto. 3) Proponer la categoría raza como lenguaje estructurante del inconsciente del sujeto.

Palabras clave: psicoanálisis, racismo, familia negra, esclavitud

What is the family of psychoanalysis? Between abjection and cultural psychosis

Abstract: The objectives of this article are: 1) to discuss how the absence of the category race in the analytical map of psychoanalysis contributes to the reiteration of the Brazilian “cultural psychosis”, a concept proposed to interpret the effects of the so-called “racial democracy” and which is characterized by the denial of the continued existence of racist social structures. 2) to analyze the absence of black people in the psychoanalytic scene (whether as a patient or psychoanalyst) due to the (non) place that black families occupy in the epistemological map of this knowledge. It is not just about the exclusion of black people, as individuals, but about a population that is observed under the sign of the abject. 3) to propose the race category as a structuring language of the subject’s unconscious.

Keywords: psychoanalysis, racism, black family, slavery

Referências

- Augras, M. (1983). *O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades nagô*. Vozes.
- Belo, F. (2018). *Psicanálise e racismo: interpretações a partir de Quarto de Despejo*. Relicário.
- Bento, B. (2017). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Salvador: Devires.
- Bento, B. (2021). *Mães contra o Estado. Dossiê Cult*. Editora Cult.
- Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras.
- Berger, P. & Luckmann, T. (2004). *A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento*. Vozes.
- Borges, R. (2017). Prefácio. In N. M. Kon, M. L. Silva, & C. C. Abud (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: Questões para a psicanálise* (pp. 15-29). Perspectiva.
- Bourdieu, P. (1996). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Papirus.
- Butler, J. (1993). *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of "Sex"*. London; New York: Routledge.
- Butler, J. (2008). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2006). *Deshacer el género*. Paidós.
- Console, L. (2017). "Impactos do racismo não são reconhecidos pela psicanálise", afirma psicóloga. *Brasil de Fato*, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/07/31/impactos-do-racismo-nao-sao-reconhecidos-pela-psicanalise-afirma-psicologa>.
- Corrêa, M. (2001). *As Ilusões da Liberdade: A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Fapesp/Edusf.
- Costa, J. F. (2003). *Violência e psicanálise*. Graal.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2010). *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Editora 34.
- Devereux, G. (1972). *Etnopsicoanálisis complementarista*. Amorrortu.
- Durkheim, E. (2007). *As regras do método sociológico*. Martins Fontes.
- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. Boitempo.
- Exame. Mourão diz que família sem pai ou avô é fábrica de elementos desajustados. *Exame*, 17/09/2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/mourao-diz-que-familia-sem-pai-ou-avo-e-fabrica-de-elementos-desajustados/>.
- Farias, T. (2019). *José do Patrocínio, a pena da Abolição*. Kapulana.
- Florentino, M. & Góes, J. R. (2017). *A paz das senzalas: Famílias escravas e tráfico transatlântico, Rio de Janeiro, C. 179 – C. 1850*. Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Universidade Federal da Bahia.
- Freitas, D. (1984). *Palmares, a guerra dos escravos*. Mercado Aberto.

- Freud, S. (1989a). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, pp. 179-188). Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1989b). Sobre as teorias sexuais das crianças. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 213-228). Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Foucault, M. (1989). Os intelectuais e o poder. In M. Foucault. *Microfísica do Poder*. Graal.
- Foucault, M. (2003). *A ordem do discurso*. Loyola.
- Foucault, M. (2013). *Microfísica do poder*. Graal.
- Gomes, F. S. (2006). *Histórias de Quilombolas – mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. Companhia das Letras.
- Gonçalves Filho, J. M. (2017). A dominação racista: O passado presente. In N. M. Kon, M. L. Silva, & C. C. Abud (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise* (pp. 143-159). Perspectiva.
- Goulart, J. A. (1971). *Da palmatória ao patíbulo: castigos de escravos no Brasil*. Conquista.
- Goulart, J. A. (1972). *Da fuga ao suicídio*. Conquista.
- Guerra, A. M. C. (2020). O papel da psicanálise na desconstrução do racismo à brasileira. *Revista Subjetividades*, 20. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/e9547>.
- Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 223-244.
- Hegel, G. W. F. (1992). *Fenomenologia do espírito*. Vozes.
- Instituto Wilfred Bion. Instituto Wilfred Bion. *YouTube*, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MxspWRYbqW8>.
- Kilomba, G. (2022). *Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano*. Lisboa: Orfeu Negro.
- Kon, N. M., Silva, M. L. & Abud, C. C. (2017). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. Perspectiva.
- Lacan, J. (1988). Seminário 3. *As psicoses (1955-1956)*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003). O aturdido. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 448-497). Jorge Zahar.
- Luna, L. (1968). *O negro na luta contra a escravidão*. Leitura.
- Magui, A. A. (2021). *Luiz Gama: A saga de um libertador*. Petrópolis.
- Malinowski, B. (1982). *A vida sexual dos selvagens*. Francisco Alves.
- Mazui, G. (2020). 'No Brasil, não existe racismo', diz Mourão sobre assassinato de homem negro em supermercado. *G1*. Recuperado em 1 de outubro de 2022, de <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/20/mourao-lamenta-assassinato-de-homem-negro-em-mercado-mas-diz-que-no-brasil-nao-existe-racismo.ghtml>.
- Moura, C. (1959). *Rebeliões da Senzala*. Zumbi.

- Munanga, K. (2009). *Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações*. Global.
- Munanga, K. (2017). As ambiguidades do racismo à brasileira. In N. M. Kon, M. L. Silva & C. C. Abud (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise* (pp. 33-44). Perspectiva.
- Martins, V. T. (2019). A foraclusão do nome-do-pai: lógica do significante e topologia dos nós. *Ágora*, Rio de Janeiro, 22(3). Recuperado em 1 de outubro de 2022, de <https://www.scielo.br/j/agora/a/ZmL6kzhPDYqLr9fjgfb7m5y/abstract/?format=html&lang=pt>
- Nogueira, I. B. (1998). *Significações do corpo negro*. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Nogueira, I. B. (2017). *A cor e inconsciente*. In N. M. Kon, M. L. Silva, & C. C. Abud (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise* (pp. 121-126). Perspectiva.
- Ortigueiras, M.-C. & Ortigueiras, E. O. (1989). *Édipo Africano*. Escuta.
- Pinho, O. de A. (2004). O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação. *Cadernos Pagu*, 23, 89-119.
- Prado Junior, C. (1976). *História econômica do Brasil*. Brasiliense.
- Prandi, R. (2005). *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. Companhia das Letras.
- Rehbein, F. C. (1985). *Candomblé e salvação: a salvação na religião nagô à luz da teologia cristã*. Loyola.
- Rodrigues, N. (1977). *Os Africanos no Brasil*. Brasiliense/Editora Nacional.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Jorge Zahar.
- Reis, J. J. & Gomes, F. dos S. (1996). *Liberdade por um Fio*. Companhia das Letras.
- Romero, Sylvio. (1888). Estudos sobre a poesia popular do Brasil, 1879-1880. *Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin*. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6851>.
- Rodrigues, R. (2020). O que a psicanálise pode dizer do racismo. *Correio Braziliense*. Recuperado em 1 de outubro de 2022, de https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/opiniaio/2020/02/22/internas_opiniaio,829765/o-que-a-psicanalise-pode-dizer-do-racismo.shtml.
- Santos, J. E. dos. (1993). *Os nagós e a morte*. Vozes.
- Schechter, R. C. & Bonfim, F. G. (2020). Psicanálise e racismo: entre os tempos de ver, compreender e concluir. *Ayvu: Revista de Psicologia*, 7.
- Schwartz, S. B. (2001). *Escravos, roceiros e rebeldes*. Edufsc.
- Schwarcz, L. M. (2017). Raça, cor e linguagem. In N. M. Kon, M. L. Silva & C. C. Abud (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. Perspectiva.
- Schwarcz, L. M. (1995). *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e a questão racial no Brasil 1870-1930*. Companhia das Letras.
- Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro*. Graal.

Berenice Bento

Telles, L. S. (2018). *Teresa Benguela e Felipa Crioula estavam grávidas: maternidade e escravidão no Rio de Janeiro (1830-1888)*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, História Social, Universidade de São Paulo.

Thurler, A. L. (2009). *Em nome da mãe: o não-reconhecimento paterno no Brasil*. Mulheres.

Triska, V. H. C. & D'agord, M. R. de L. (2018). Reflexões teóricas sobre o diagnóstico psicanalítico contemporâneo. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, 30(2), 349-364. Disponível em: [/http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v30n2/09.pdf](http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v30n2/09.pdf).

Turra, C. & Venturi, G. (1995). *Racismo Cordial*. Folha de S. Paulo/Datafolha.

Berenice Bento

berenice.bento1@gmail.com

Racismo

Psicanálise e racismo¹

Uma abordagem teórico-clínica: desafios para o psicanalista do século 21

Carolina Cavalcanti Henriques,² Recife

Resumo: Este artigo trata de uma reflexão sobre a importância do psicanalista no atendimento ao paciente negro que enfrenta, constantemente, trauma e violência, como pedra de toque no seu cotidiano. O abuso do racismo infligido pelo branco é praticado em solo brasileiro de forma desmedida. Há uma impiedosa tendência em minar a identidade do negro, excluindo-o das normas psicossomáticas, pela classe dominante branca ou por aqueles que se definem como tal. Considera-se de extrema importância o aporte que a psicanálise tem a oferecer, não só para a elaboração do trauma, mas como possibilidade de um espaço de fala e escuta para o trabalho de luto. Considera-se um verdadeiro desafio para o psicanalista poder acompanhar os traumas e abusos infligidos ao negro, historicamente abusado e maltratado com a dor e a desesperança. Um trauma instaurado na pele.

Palavras-chave: trauma, psicossomática/psicanalítica, corpo/pele, racismo estrutural, fronteira

- 1 Este artigo tem base em reunião científica da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE), com comentários de Ignácio A. Paim Filho (2020); e na palestra proferida no Núcleo Psicanalítico de Maceió (2022).
- 2 Membro efetivo, didata e presidente da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE). Mestre em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

A representação do corpo: a pele como fronteira no sofrimento e na segregação racial

A participação do psicanalista no trabalho compartilhado, enriquece e favorece um mergulho para além das fronteiras, nos dizem Ramirez, Assadi e Dunker no livro *A pele como litoral* (2011). Seguindo esse pensamento, destacamos que o trabalho da psicossomática psicanalítica, na relação com os profissionais médicos, aumenta a produção de um trabalho compartilhado, amplificando os cuidados e um olhar escópico no entrelace das áreas em que a doença é apresentada pelo paciente. Dessa forma, ampliaremos o campo de compreensão do sofrimento dos pacientes para além das fronteiras. Se há fronteiras entre ambas as clínicas, há litoral. O litoral expande, favorecendo, necessariamente, o escoamento para o campo da cultura e das segregações.

Nessa articulação apostamos em novas possibilidades de ganhos para os nossos pacientes. Poderíamos falar sobre cartografia do corpo? Penso que sim, esse lugar que o corpo ocupa no nosso imaginário e no real social encena possibilidades para recorrermos, também, aos poetas e compositores que com suas habilidades sensíveis cantam e encantam nossas almas (Rolnik & Guattari, 2006).

Ao realçarmos o estudo da pele como envelope do corpo, estamos dando destaque à consciência do saber envelopar o mundo psíquico. Essa é a teoria que retiramos do livro *O eu-pele* (Anzieu, 1988) em que encontramos as bases desse modelo proposto pelo autor.

Sair do binarismo branco/negro cria uma desconstrução do instituído e torna mais complexa nossa percepção sobre a realidade humana. Convoca-nos a lidar com uma realidade que sempre existiu, mas historicamente atacada com exclusão e violência. O que mais nos indigna é sabermos da contínua discriminação dessa realidade sociocultural do negro, em que o racismo estrutural continua instaurado e entranhado no inconsciente de cada um de nós, brancos e até negros. Não há espaços nas sociedades e instituições psicanalíticas que possam ser ocupados por pessoas de pele negra ou de outras etnias, como índios, povos refugiados, transgêneros etc.

Na quarta capa do livro *A cor do inconsciente: significações do corpo negro* (2021) temos a seguinte citação:

É cavando fundo nas neuroses nossas de cada dia que ... expõe as raízes do racismo entranhado e que, apequenando os indivíduos que o sofrem, amesquinha os que o exercem – e envenenam o país. (Nogueira, 2021, quarta capa)

Para a compreensão da afirmação supracitada, proponho a utilização das ferramentas da psicanálise, com o objetivo de compreendermos a importância de utilizá-las no trabalho do enraizamento do racismo estrutural, de nosso lugar de “escuta(dor)” do sofrimento humano. É importante perceber que muitas vezes não somente habitamos esse lugar de fala, como negamos esse espaço de escuta, como se o racismo não existisse em nós brancos, cis, psicanalistas e héteros, e ter cautela para não arbitrarmos, tal e qual as sociedades e políticas fascistas, a instituição em que fomos formados e somos partícipes desse precipitado de comportamento negacionista e perverso.

Caso clínico

Maria de Jesus nascida em regiões deslocadas de Recife me procurou há alguns anos, com acentuadas queixas na sua vida. Uma executiva selecionada com destaque para o cargo ocupado na ocasião. Sua liberdade de transitar com a sua competência profissional foi, aos poucos, retirada. Ao ser excluída e relegada, suas asas foram cortadas e apresentava sintomas de angústia, melancolia, depressão, insônia, psoríase e manchas brancas. Foi diagnosticada como vitiligo, seu corpo escancarava as marcas do sofrimento, incapacitando-a de uma vida livre, até ter sua rica subjetividade minada. A seguir, destaco alguns retalhos clínicos, desde o período das entrevistas iniciais e alguns fragmentos relevantes no processo de Maria de Jesus. Procurei dar ênfase aos momentos que chamo de gatilhos psicossomáticos que se agregam ao quadro da melancolia da paciente.

Entrevista inicial (momento do primeiro encontro)

Maria de Jesus chegou 40 minutos antes do horário marcado.

MJ – Carolina, relutei muito em largar o meu trabalho e vir para Recife. Fui intensamente “seduzida”, para fazer essa mudança. Seu nome foi indicado pelo analista, de um dos três melhores amigos, lá de São Paulo. Sou de poucos amigos, esses dois são casados e a Luiza é amiga há vários anos, desde tempos de faculdade. Aqui pensava ser mais fácil fazer amigos, já que imaginava haver menos preconceito de cor. A praia, o sol, o clima me atraíam, gerando uma ilusão, sei lá... o nordeste ensolarado, a Bahia, enfim, pessoas diferentes do meu convívio em São Paulo. Talvez a minha vida se resumisse ao trabalho, muitas vezes, até 12 horas na empresa. Finais de semana na casa desses meus amigos e/ou na cidade em que nasci na grande São Paulo. As diversões costumeiras são: cinema, teatro, duas relações duradouras, porém, instáveis, não quis filhos e a minha vida se resume a trabalho. Aqui, nem para ir à minha casa encontrei alguém. As pessoas são muito fechadas em Recife. (Não durmo mais, o meu coração dispara, e final de semana... cama. Choro demais, muito arrependida da mudança que fiz. Voltar para São Paulo, é quase impossível. Aos 45 anos o nível da função que eu ocupava e salário que ganhava, é difícil recuperar. Aqui, a violência e discriminação que sofro no trabalho, é indizível. É como se eu não existisse, não tivesse voz nas reuniões sistemáticas que fazemos na empresa. (Chora muito, silencia...) É um desafio diário, acordar e ir para o trabalho... não sei mais o que fazer.

A – Mediante os aspectos que você acaba de me falar, enquanto lhe ouvia, pensava o que podia te dizer frente à expressiva solidão que você me apresenta. Imagino que diante da referência que lhe foi dada, você tem uma expectativa que eu possa acolhê-la em minha terra.

MJ – Sim... muita esperança diante desse estado de desânimo que beira o abandono... Eu não deveria ter confiado nesse meu chefe! Mas Carolina, a quantidade de vezes e os telefonemas insistentes, para que eu aceitasse o convite de pedir demissão, e vir para um lugar bem melhor, seguro, e garantido, não sei lhe dizer o montante. Meu salário aumentou, principalmente,

porque aqui eu tinha o aluguel incluído, carro à disposição e exerceria uma função diferenciada. Mas isso não pesava tanto na minha decisão. O fato mais importante, era o lugar, o Nordeste, a praia, esses fatores me entusiasmavam muito mais, por me sentir inserida numa cultura onde o negro fosse menos discriminado. São Paulo é um horror! E na minha empresa... o racismo era insuportável. Mesmo que já trabalhasse lá há muito tempo, não havia um único dia sequer, que eu passasse sem receber um olhar ou um comentário depreciativo. Aqui... tá muito pior, penso que estou ficando louca... sem os meus três amigos...

Convite a uma breve travessia teórica do caso

Desesperança. Essa percepção por mim sentida se expressava pelo tom de voz queixoso de sua vida, banhado de uma grande tristeza e de um profundo ressentimento das pessoas. É como se ela não pudesse acreditar em mais ninguém, em virtude da violência sofrida em decorrência do



Figura 1
Fonte: Depositphotos

racismo, ao longo de toda sua história. Desde pequena, sente-se diferente e excluída pelos coleguinhas da rua e da cidade, e as experiências eram contadas numa narrativa de assombro.

Além dos sintomas que a acometeram, decorrentes da exclusão sofrida, ao longo de sua história, MJ nos chega em um momento de impasse, lutando sempre para decidir entre a liberdade e a servidão, entre a possibilidade de existir por si ou se alienar no projeto dos outros. Desfilam diante de nós a violência, a dor, o sofrimento cru, desamparado e irrepresentável das vivências indizíveis das desorganizações psicossomáticas, dos comportamentos de risco e do esfacelamento dos laços sociais que convocam a nossa clínica para encontros e, muitas vezes, não sabemos aonde vamos chegar.

Gostaria de introduzir aqui, à guisa dos estudos freudianos a respeito dos ruídos potentes dos sintomas psicossomáticos, os possíveis destinos pulsionais daquilo que só foi ligado como marca mnêmica incipiente, ou seja, que muitas vezes nem mesmo foi representado no psiquismo. Paim Filho (2020) sinaliza esse conceito em seu trabalho “Complacência somática – uma estranha condição entre o corpo biológico e o corpo pulsional” e nos esclarece sobre os tais destinos:

entre o corpo biológico (território dos instintos) e o corpo pulsional (território da pulsão de morte e de Eros), tomando por interlocutor o conceito freudiano de complacência somática. Esse que tem seu nascimento estreitamente vinculado com a histeria. ... expandindo sua vigência a todas as estruturas psíquicas. Para isso vai trabalhar sua presença no corpo histérico, no corpo hipocondríaco e no corpo psicossomático... buscando construir uma ponte entre a concepção freudiana de neurose atual – angústia sem conteúdo, com a pulsão de morte – pura intensidade, ambas tendo o corpo como escoador privilegiado. (2020, p. 11)

Com base nessa construção, percebemos que a escolha do órgão, não é por acaso, significa que as inscrições psíquicas circulam por meio de impressões, traços e representações, cada uma dessas estruturas anímicas

atende a uma dupla direção, entre o somático e o psíquico, tendo o inconsciente como modelo mediador.

Quando a pulsão ascende ao mundo psíquico do inconsciente não recalcado é acometida por um excesso que se descarrega no corpo, ou seja, a pulsão sofre um efeito disruptivo de desligamento. Freud (1920/1997) nos apresentou tal construção na metapsicologia da segunda tópica, com base em uma nova dualidade pulsional, a saber, pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Tânatos). Os efeitos dos sofrimentos psíquicos, sofridos pelos traumas cumulativos na vida de Maria de Jesus desembocaram não somente no psiquismo, mas transbordaram em seu corpo como expressão de um conteúdo pulsional excessivo e traumático, lesando sua pele com manchas de vitiligo.

No caso dessa paciente, as afecções na pele e o aparecimento de vitiligo e psoríase chamou a atenção. A pele, esse órgão que faz fronteira (Anzieu, 1988) com o interno e o externo, “o trabalho do negativo” (Green, 2010) e o conceito de pacientes limítrofes trazem contribuições essenciais para explorarmos e pensarmos as especificidades dessas relações, principalmente no entrelaçamento com áreas específicas da medicina.

A proposta neste trabalho não é discorrer sobre dinâmica transferencial/contratransferência do que ocorreu no setting psicanalítico nesse caso. Para entender a dor que habita o drama de um corpo negro podemos fazer um paralelo com o que se passa na melancolia. Prisioneiros de si mesmo, em busca de um olhar próprio, autotransformador, construído em parceria na relação com o outro, desde que este outro esteja implicado no processo de racialização. As instituições devem reconhecer o lugar de voz e legitimar esse lugar com uma espécie de rede protetora, um modelo de espaço de aquilombamento. O objetivo, já destacado inicialmente, é apontar algumas consequências psíquicas observadas através da intolerância e negação da alteridade no agenciamento da subjetividade do sujeito negro contemporâneo. Um olhar sempre negado.

A seguir, apresento as duras palavras de uma dor/grito no poema de Vitória Santa Cruz, enlaçando-nos nesse emaranhado de situações para assumir a dor e o mal-estar que ela, como tantos outros, vive no cotidiano.

No poema as vozes ecoam de uma pessoa que possui uma pele negra.

Me gritaram negra

Tinha sete anos apenas,
apenas sete anos, Que sete anos!
Não chegava nem a cinco!
De repente umas vozes na rua me gritaram Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
“Por acaso sou negra?” – me disse SIM!
“Que coisa é ser negra?” Negra!
E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia. Negra!
E me senti negra, Negra!
Como eles diziam Negra! E retrocedi Negra!
Como eles queriam Negra!
E odiei meus cabelos e meus lábios grossos
e mirei apenada minha carne tostada
E retrocedi Negra! E retrocedi...

Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Neeegra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!

E passava o tempo, e sempre amargurada
Continuava levando nas minhas costas minha pesada carga,
e como pesava!...
Alisei o cabelo, Passei pó na cara,
e entre minhas entranhas sempre ressoava a mesma palavra

Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Neeegra!
Até que um dia que retrocedia,

retrocedia e que ia cair
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra!
E daí? E daí? Negra! Sim, Negra! Sou
Negra! Negra! Negra! Negra sou
Negra! Sim Negra! Sou
Negra! Negra! Negra! Negra sou

De hoje em diante não quero
alisar meu cabelo Não quero
E vou rir daqueles, que por evitar – segundo eles –
que por evitar-nos algum disabor
Chamam aos negros de gente de cor
E de que cor! NEGRA
E como soa lindo! NEGRO
E que ritmo tem!
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro

Afinal, Afinal compreendi, AFINAL, Já não retrocedo
AFINAL, E avanço segura
AFINAL, Avanço e espero
AFINAL, E bendigo aos céus porque quis Deus
que negro azeviche fosse minha cor
E já compreendi, AFINAL Já tenho a chave!

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO

Negra sou!”

(Santa Cruz, 2013)

Apresentação sobre o tema através do samba-enredo da Mangueira

Nada mais justo do que considerar a atuação do artista, poeta e compositor, ao trazer parte de um samba-enredo para melhor compreensão de um trabalho clínico, elaborado pelo psicanalista no dia a dia com seu paciente. É quando a arte enriquece o mundo psíquico, dando voz e força ao analista no trabalho com seu analisando.

Freud, em “O poeta e o fantasiar” (1908/2015), destaca o material da literatura quando faz uma reflexão sobre a fonte da fantasia, retira a semelhança do brincar do bebê e da criança com o processo de criação de um poeta. Para que serve, afinal, criar mundos de sonhos? Dentro da ampla pesquisa freudiana sobre a psique, no contexto dos desejos, a fantasia se torna, então, matéria de estudo. Freud (1908/2015) nos abre a percepção para um dos mais relevantes papéis da literatura: fantasiar é uma forma de manter vivo o sonho! Ou seja, o sonho está para o sono assim como a fantasia está para a realidade.

Freud propõe uma análise da atividade poética quando nos diz: “Em todo o homem se esconde um poeta e o último poeta só morrerá com o último homem” (Freud, 1908/2015).

Com base nesse breve recorte do trabalho supracitado, apresento parte da composição do samba enredo *A verdade vos fará livre*, da Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira (2019).

Eu sou da Estação Primeira de Nazaré

Rosto negro, sangue índio, corpo de mulher

Moleque pelintra no Buraco Quente

Meu nome é Jesus da Gente.

(Doutores em Carnaval, 2020)

A explicação para a estrofe acima é dada no texto dos Doutores em Carnaval (2020) na apresentação do samba-enredo.³

Para cada situação de revolta sentida por esse povo sofrido, lutei para trazer uma leitura e tentar ser uma humilde escritora criativa do meu lugar de psicanalista, com os instrumentos e ferramentas que pudessem entrelaçar e denunciar as Marias de Jesus e os Jesus Cristos, na tentativa de dar voz e consistência ao nosso racismo estrutural.

Seja em Freud na psicanálise, seja nas contribuições da psicossomática psicanalítica ou nos poetas e compositores, nossa luta é evitar a banalização da violência sofrida há tempos infindáveis, e buscar um olhar e uma escuta na tentativa de reparar um dano/dívida impagável.

“Escuta, Branco!” (Fanon, 1970), essa frase inspirou Jurandir Freire a nos convocar na mesma tonalidade, peço licença para parafraseá-lo e finalizar com a abertura e o reverberar de novas trocas, reproduzo a voz que ecoou em um grito retumbante que Freire nos fez ouvir: “Escuta, Psicanalistas!” (2002).

Psicoanálisis y racismo – un abordaje teórico-clínico: desafíos para el psicoanalista del siglo 21

Resumen: Este artículo trata de una reflexión sobre la importancia del psicoanalista en el cuidado de pacientes negros que constantemente enfrentan traumas y violencia, como piedra de toque en su cotidiano. El abuso del racismo infligido por los blancos se practica en suelo brasileño de forma desmesurada. Existe una tendencia despiadada a socavar la identidad de la persona negra, excluyéndola de las normas psicossomáticas, por parte de la clase dirigente blanca o de quienes se definen como tales. Se considera de suma importancia el aporte que el psicoanálisis tiene para ofrecer, no sólo para la elaboración del trauma, sino como posibilidad de un espacio de palabra y escucha para el trabajo del duelo. Se considera un verdadero desafío para el psicoanalista poder acompañar los traumas y abusos infligidos a las

3 <https://www.youtube.com/watch?v=F38rLjD3nKk&t=13s>

personas negras, históricamente abusadas y maltratadas con dolor y desesperanza. Un trauma establecido en la piel.

Palabras clave: trauma, psicossomático/psicoanalítico, cuerpo/piel, racismo estructural, borde

Psychoanalysis and racism – a theoretical-clinical approach: challenges for the 21st century psychoanalyst

Abstract: This paper deals with a reflection on the importance of the psychoanalyst in the care of black patients who constantly face trauma and violence, as a touchstone in their daily lives. The abuse of racism inflicted by whites is practiced on Brazilian soil in an unmeasured way. There is a ruthless tendency to undermine the identity of black people, excluding them from psychosomatic norms, by the white ruling class or by those who define themselves as such. It is considered extremely important the contribution that psychoanalysis has to offer, not only for the elaboration of the trauma, but as a possibility of a space of speech and listening for the work of mourning. It is considered a real challenge for the psychoanalyst to be able to follow the traumas and abuses inflicted on black people, historically abused and mistreated with pain and hopelessness. A trauma established in the skin.

Keywords: trauma, psychosomatic/psychoanalytic, body/skin, structural racism, border

Referências

- Almeida, J. F. (1995). *A Bíblia Sagrada revista e corrigida*. Sociedade Bíblica do Brasil.
- Anzieu, S. F. (1988). *O eu-pele*. Casa do Psicólogo.
- Aragão, H. H. R.; Assadi, T. C. & Dunker, C. I. L. (Orgs.) (2011). *A pele como litoral*. Annablume.
- Doutores em carnaval (2020). *Mangueira 2020 – análise do samba enredo*.
<https://www.youtube.com/watch?v=F38rLjD3nKk&t=13s>

- Estação Primeira de Mangueira. (2019). *Samba-Enredo 2020 – a verdade vos fará livre*. <https://www.letras.mus.br/mangueira-rj/samba-enredo-2020-a-verdade-vos-fara-livre/>
- Fanon, F. (1970). *Escuta, Branco*. Nova Terra.
- Freire, J. (2002). Prefácio. In N. S. Souza, *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Graal.
- Freud, S. (2015). O poeta e o fantasiar. In S. Freud, *Arte, literatura e os artistas* (E. Chaves, Trad.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (1997). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Green, A. (2010). *O trabalho do negativo*. Artmed.
- Nogueira, I. B. (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. Perspectiva.
- Paim Filho, I. A. (2020). Complacência somática – uma estranha condição entre e corpo biológico e o corpo pulsional. In G. J. B. Moura, A. C. Zuanella, S. P. Sampaio & J. F. S. Barros (Orgs). *Revista Refletindo a Psicanálise*, 2(1). Edufrpe. <http://spr-pe.org.br/livro.pdf>
- Rolnik, S. & Guattari, F. (2006). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Brasiliense.
- Santa Cruz, V. S. (2013). *Gritaram-me negra*. In: Canal lide uff. 27 de ago. 2013. Music MGB, 03min e 20s. <https://www.youtube.com/watch?v=RljSb7AyPc0>.

Carolina Cavalcanti Henriques
carolhenripsi@gmail.com

Por quem os sinos dobram?

Leonardo A. Francischelli,¹ Porto Alegre

Resumo: O texto evoca a guerra civil espanhola para marcar a violência humana, presente na escravidão brasileira. O autor lembra Aime Césaire como um pioneiro na luta contra a escravidão e autores brasileiros como Mário de Andrade. Fala sobre Freud com uma referência ética e Wisnik com o conceito psicanalítico “O trauma originário da sujeição oligárquica”. Finaliza com a sabedoria de Viñar: “genocídio frio da pobreza ou no genocídio quente da guerra e a exclusão étnica ou religiosa”.

Palavras-chave: escravocrata, conceitos, trauma, pobreza e fazer clínico

*Livre! Ser livre da matéria escrava, arrancar os grilhões que
nos flagelam e livre penetrar nos Dons que selam a alma e lhe
emprestam toda a etérea lava.
Livre da humana, da terrestre bava dos corações daninhos que
regelam, quando os nossos sentidos se rebelam contra a Infâmia
bifronte que deprava.
(Cruz e Souza, Livre)*

O título deste texto, todos recordarão que não me pertence: ele nasceu da pena de Ernest Hemingway, que falava da guerra civil espanhola. Hoje, porém, para comentar questões raciais, poder-se-ia mudar a ideia inicial e questionar “Por quem o sangue corre?” – obviamente, falo do sangue do negro escravizado, que impregna nossa cultura de todos os costados que se olhe.

Hemingway relata um episódio, a guerra, só que travada entre pessoas que compartilham a mesma língua, o espanhol. Ele descreve a brutalidade

1 Membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPDEPA) (membro fundador). Membro da Asociación Argentina de Psicoanálisis (APA).

avassaladora entre republicanos e conservadores, irmãos idiomáticos, sem descuidar da humanidade do homem, dos gestos humanos que emergiam das batalhas sanguinárias entre sujeitos nascidos no mesmo solo.

Será possível encontrar humanidade na escravidão da nossa república? Encontramos, sim, marcas de cultura e gestos humanos em toda a cultura do povo negro, do escravizado. Mas, no caso do escravocrata, não há nada que fale de sua humanidade, na medida em que coisificava o homem negro chegado do continente africano, tratando-o como força de trabalho barata – “a carne mais barata do mercado” –, transformando-o em mercadoria e marcando-o com ferro em brasa com as iniciais de seu proprietário.

Mesmo assim, herdamos desse povo escravo sua poesia, sua musicalidade, sua literatura, seus costumes, sua cozinha, nas vertentes de cada uma das etnias que para cá foram trazidas. Do escravocrata – quero dizer, do homem branco –, também herdamos algo. Como não? Aprendemos a explorar o outro sem medidas, até o ponto de chamá-lo de raça inferior. Nossa herança dos escravocratas é muito pesada: o que temos hoje, como produto de 400 anos de escravidão, é uma desigualdade desumana promovida pelo homem branco “superior”, desigualdade essa que ainda afeta muito o homem negro. Nosso passado escravocrata – estruturalmente racista, misógino e homofóbico, com um desígnio colonialista – está vigente em nossa vida diária.

Em um livro de 1950 intitulado *Discurso sobre o colonialismo*, Aimé Césaire (1978, p. 13) escreve assim: “Uma civilização que se revela incapaz de resolver os problemas que o seu funcionamento suscita é uma civilização decadente; uma civilização que prefere fechar os olhos aos seus problemas mais essenciais é uma civilização enferma”; como se não fosse suficiente, ele ainda acrescenta: “Uma civilização que trapaceia com seus princípios é uma civilização moribunda”.

Se ousamos nos deter nesses comentários de Césaire, é porque esse seu trabalho consiste em um marco inicial da luta contra o racismo e as desigualdades sociais, a qual continua até hoje. Vale ainda destacar que o prefácio da edição brasileira é de Mário de Andrade, que o escreveu em 1976. Mário de Andrade, o criador de Macunaíma, que, segundo alguns

críticos literários, é um personagem, ou melhor, um significante que remete a outro, sem ficar restrito a si mesmo. Mário, um dos personagens principais da Semana de Arte Moderna, centenária neste 2022, coloca a preguiça no colo de Macunaíma, preguiça que, para esse intérprete, é um atributo empregado pelo colonizador para desclassificar o colonizado. Então, não é de graça que Mário de Andrade coloca em circulação no Brasil Aimé Césaire, o precursor da luta antirracista desde sua terra natal, Martinica, no renascer da Segunda Guerra Mundial.

Essas colocações de Césaire não parecem muito distintas de uma posição freudiana. Vejamos um parecer de Freud datado de 1930: “Eu opino que, enquanto a virtude não seja compensada já sobre a terra, em vão se predicará a ética” (Freud, 1930[1929]/1976, p. 138, tradução nossa). É óbvio que esse preceito ético está muito distante de nossa realidade, sendo absolutamente congelado em nossos dias pela plena presença do racismo e pela extrema desigualdade em todos os segmentos de nossa vida societária.

Quem diz isso muito bem é Grada Kilomba (2019, p. 224), que afirma o seguinte em suas *Memórias da plantação* (aliás, excelente título): “O racismo cotidiano nos coloca de volta em cenas de um passado colonial – colonizando-nos novamente”. Portanto, os atos racistas cotidianos nos devolvem o passado colonialista, nos presentificam a filosofia do racismo – como afirma a belíssima construção dialética de Kilomba – pela aguda transparência da nossa cotidianidade racista estruturada.

Lília Moritz Schwarcz e Heloisa M. Starling apresentam a mesma ideia: “Fruto de nossa herança escravocrata, a trama da violência é comum a toda a sociedade, se espalhou pelo território nacional e foi assim naturalizada. Se a escravidão ficou no passado, sua história continua a se escrever no presente” (2015, p. 17).

Jessé Souza constrói uma bela metáfora em *Elite do atraso*: “A escravidão é nosso berço” (2019, n.p.) – e, diríamos, nesse berço fomos educados. Por sua vez, Cristiane Rangel e colegas afirmam: “A herança escravagista está enterrada em nosso psiquismo” (2018, n.p.). Uma herança sinistra que nos coloniza e dirige nossa fala, em que brota nosso racismo estrutural.

Esses nossos pensadores, colegas alguns, retomam as ideias do poeta Aimé Césaire e nos disponibilizam instrumentos teóricos para que nos descubramos racistas estruturados, pois o racismo está presente em nosso inconsciente. E é a partir dessa consciência que podemos somar esforços na batalha para evidenciar que todos são iguais.

Outro construtor de dispositivos nessa guerra antirracial é José Miguel Wisnik, que, num artigo publicado na revista *Piauí* – “O poeta e a pedra”, um fragmento de seu livro sobre Drummond –, nos presenteia com um conceito sumamente transparente para nos indicar o funcionamento da “casa grande” em terras tupiniquins: “o trauma originário da sujeição oligárquica” (2018, n. p.). “Trauma originário” é psicanalítico em todos os sentidos que se queira examinar, enquanto “sujeição oligárquica” tem extrema fundamentação sociológica. Juntas, as expressões adquirem uma musicalidade conceitual brilhante, remetendo a um modo de desenraizar o inconsciente de seus preconceitos pelo andar da carruagem civilizatória. Elas nos assinalam, como a estrela-guia do trabalho intelectual necessário para desfazer o malfeito, o estruturado como a “sujeição oligárquica”, marca registrada na alma do colonizado, procedente da casa grande em direção à senzala (extinta por lei, contudo presente na dinâmica social atual). “O colonialismo dê-civiliza simultaneamente o colonizador e o colonizado”, comenta Césaire (1978, p. 6). Essa é uma bela figura dialética, pois ambos sofrem efeitos recíprocos, entretanto o colonizador é ainda aquele que dá as cartas.

Obviamente, nós, psicanalistas, tomamos parte nessa história colonialista e padecemos, como todos os integrantes desse universo, do chamado “racismo estrutural”, pois nossa própria fala comum inclui palavras, oriundas do nosso inconsciente, que indicam claramente sermos portadores de preconceitos – no caso, vinculados ao racismo estrutural. A própria psicanálise tem muito a dizer sobre a questão do preconceito – e mais ainda a fazer. Contudo, produziu-se um verdadeiro *apartheid* tanto na teoria como na prática clínica.

A instituição analítica é, por si mesma, conservadora, em que não difere de outras organizações coletivas. Entretanto, ela apresenta em sua

história ações preconcebidas, por exemplo: não incluir homossexuais em seus quadros, mesmo que seja conhecida por toda a família analítica a afirmação categórica de Freud segundo a qual a homossexualidade não é uma doença, e sim uma orientação sexual (em linguagem atual).

A designação de algo natural como algo doente é comum e muitas vezes passa por todos despercebida, como o racismo que nos habita. Só no momento em que algo acontece, e tomamos ciência da nossa posição é que, via de regra, admitimos nossos preconceitos. Um belíssimo exemplo é o poder do branco quando consegue impor a noção de que o Brasil vive em uma plena democracia racial. Por quanto tempo “engolimos” tal ideia, absolutamente racista, sem prestar atenção ao fato de que essa aberração colonialista mergulhou nosso país em uma grosseira falsidade republicana?

Dá-se, portanto, em nossa subjetividade, a construção de uma falsa realidade que nos permite conviver com o outro sem observar as posições cotidianas de claro racismo, isto é, de um racismo sem tapumes e transparente a qualquer observador desatento – ou seja, perceptível, sem muito trabalho psíquico. Tudo isso deu origem ao conceito de “racismo estrutural”, um racismo que permeia capilarmente todos os segmentos sociais que queiramos observar.

E mais: essa realidade está aberta a uma articulação bastante sinistra, contudo passível de ser observada. Afinal, não foi de graça aquilo a que assistimos há pouco tempo: alguém que declarou publicamente ter como exemplo um militar comandante da tortura durante a ditadura foi escolhido para definir os destinos do país. Provavelmente, isso aconteceu devido ao nosso passado escravagista, que domina e marca a nossa história desde a pedra fundacional. Nesse contexto, o poder branco soube muito bem se instrumentalizar, pavimentar seus desígnios racistas, classificando os negros como uma subclasse, ou seja, desumanizando-os.

Portanto, a escolha de um mandatário que admira um torturador – e, conseqüentemente, um regime autoritário não reconhecido que detém o poder e não o distribui na comunidade (ao contrário do que ocorre em uma democracia) – testemunha a marca da escravidão no Brasil com todas as letras. Além disso, tal mandatário é misógino, pois se referiu a uma colega

de bancada escancarando seu machismo; mesmo assim, muitas mulheres ajudaram a levar esse homem à presidência do país.

Pois bem: entendemos que esses fenômenos políticos, sempre envolvendo centralmente o poder, não são acontecimentos deslocados da história. Pelo contrário: são eles testemunhas de um passado que forjou, com sabedoria, uma sociedade escravocrata que persiste até nossos tempos. Caberia retomar aqui “o trauma originário da sujeição oligárquica” presente na manutenção do sistema escravagista em nosso amado Brasil, apesar de a libertação formal dos escravos ter acontecido há mais de um século. Devido ao mecanismo que tratamos de expor anteriormente, o “trauma originário” diz respeito ao momento em que se decidiu que haveria escravos (como sempre houve na história do homem) com um tempero brasileiro e português e com o arbítrio do imperialismo inglês. Encontra-se a outra face da moeda na “sujeição oligárquica”, isto é, em uma classe dominante que não renuncia à oligarquia. Os valores oriundos dessa oligarquia, segundo as colegas citadas, impregnam o inconsciente da nossa gente.

Fanon (2020, p. 24) afirma o seguinte: “Utilizamos há pouco o termo narcisismo. De fato, acreditamos que apenas uma interpretação psicanalítica da questão negra pode revelar as anomalias afetivas responsáveis pelo edifício complexual. Trabalhamos para uma análise completa desse universo mórbido”. Só a “interpretação psicanalítica da questão negra”, nos diz Fanon (2020), poderá explorar o complexo afetivo que construiu nosso narcisismo estrutural. Nessa colocação, Fanon (2020) implica a psicanálise, ou melhor, os psicanalistas. Quer queiramos ou não, estamos intrinsecamente atados ao racismo, mas, ao mesmo tempo, como analistas, expertos em narcisismos, podemos alcançar as entranhas de nossas emoções racistas.

Atentemos, por fim, à expressão “edifício complexual”. A palavra “complexual” não consta em nossos dicionários, mas, segundo pude observar, vem do idioma romeno. Eu não saberia dizer por que o tradutor escolheu essa palavra, contudo pode nos ser útil desvendar os diferentes contextos que esse significante tenta expor, em especial se pensarmos,

como faz Fanon (2020), nas “anomalias afetivas” responsáveis pelo estigma racista construído a partir das razões narcísicas.

Em homenagem a um maestro latino-americano de origem uruguaia, divulgo um conceito cirúrgico relativo à temática que nos ocupa: quando se trata de processos de humanização normal ou traumática, “Esta última acontece no genocídio frio da pobreza extrema ou no genocídio quente da guerra e da exclusão étnica ou religiosa” (Viñar, 2018, p. 36). Efetivamente, a humanização do homem não nasce com a presença do racismo, que implica ausência de democracia. Por quem os sinos dobram? Pela morte da injustiça na terra.

¿Por quién doblan las campanas?

Resumen: El texto evoca la guerra civil española para marcar la violencia humana presente en la esclavitud brasileña. El autor recuerda a Aime Césarie como pionera en la lucha contra la esclavitud ya autores brasileños como Mário de Andrade. Habla de Freud con un referente ético y de Wisnik con el concepto psicoanalítico “El trauma originario del sometimiento oligárquico”. Termina con la sabiduría de Viñar: “el genocidio frío de la pobreza o el genocidio caliente de la guerra y la exclusión étnica o religiosa”.

Palabras clave: esclavitud, conceptos, trauma, pobreza y práctica clínica

For whom the bells toll?

Abstract: The text evokes the Spanish civil war to mark the human violence present in Brazilian slavery. The author remembers Aime Césarie as a pioneer in the fight against slavery and Brazilian authors like Mário de Andrade. He talks about Freud with an ethical reference and Wisnik with the psychoanalytic concept “The original trauma of oligarchic subjection”. It ends with the wisdom of Viñar: “the cold genocide of poverty or the hot genocide of war and ethnic or religious exclusion”.

Keywords: slavery, concepts, trauma, poverty and clinical practice

Referências

- Césaire, A. (1978). *Discurso sobre o colonialismo*. Livraria Sá da Costa.
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. Ubu.
- Freud, S. (1976). El malestar en la cultura. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 21, pp. 57-140). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930 [1929])
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação*. Cobogó.
- Rangel, C. et al. (2018). Herança escravagista: uma síntese. *Observatório Psicanalítico*, 49. Recuperado em 5 maio 2022, de <https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/heranca-escravagista-uma-sintese/>
- Schwarcz, L. M. & Starling, H. M. (2015). *Brasil: uma biografia*. Companhia das Letras.
- Souza, J. (2019). *A elite do atraso*. Estação Brasil. <https://amzn.to/3FeXOj2>
- Viñar, M. (2018). *Experiencias psicoanalíticas en la actualidad*. Noveduc.
- Wisnik, J. M. (2018). O poeta e a pedra. *Piauí*, 142. Recuperado em 3 maio 2022, de <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-poeta-e-pedra/>

Leonardo A. Francischelli

leofrancischelli@yahoo.com.br

A psicanálise diante do racismo sofrido pela população negra no Brasil¹

Evaldo Ferreira da Silva,² Tupã
Vânia Maria Martins Lopes,³ Marília
Rosa Maria Batista Dantas,⁴ Marília

Resumo: Este trabalho visa discutir o racismo sofrido pela população negra no Brasil, enquanto objeto de estudo da psicanálise, com base em um levantamento bibliográfico de artigos publicados pela Revista Brasileira de Psicanálise, no período de 2009 a 2021, disponíveis no site da instituição, para acesso público. A respeito das considerações teóricas, abordamos textos de cânones antirracistas, bem como de autores contemporâneos. E para melhor nos apropriarmos da discussão em questão, participamos dos eventos “Racismo: gritos e sussurros”, “Racismo e política: questões contemporâneas”, “Psicanálise e racismo”, “Racismo na vida cotidiana e na Psicanálise: a inegável existência da crueldade no mundo conceitual branco e a urgência

- 1 Trabalho originário do TCC “A psicanálise diante do racismo; um olhar sobre o racismo sofrido pela população negra no Brasil” do Curso de Formação de Psicoterapia Psicanalítica, do Núcleo de Psicanálise de Marília e Região, apresentado em 16/11/2021; gratidão ao Núcleo, aos professores, às Comissões Científicas e do SOE, ao amigo Robson Martins, à generosidade de Augusto Paim e José Ignácio Paim Filho.
- 2 Psicólogo, membro agregado do Núcleo de Psicanálise de Marília e Região (NPMR).
- 3 Psicanalista, membro filiado do Instituto “Durval Marcondes” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e membro do Núcleo de Psicanálise de Marília e Região (NPMR). Mestre em psicologia clínica, docente de psicologia da Faculdade de Medicina de Marília (Famema).
- 4 Psiquiatra, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e do Núcleo de Psicanálise de Marília e Região (NPMR). Membro da Comissão Cultural e Coordenadora da Comissão de Publicação e Informática do Núcleo de Psicanálise de Marília e Região (NPMR). Diretora Social da Comissão Cultural da Associação Paulista de Medicina Regional de Marília, membro da Associação da Orquestra Filarmônica de Marília.

por ações reparatórias nos Institutos de Psicanálise” e conferência de lançamento do livro *Racismo: por uma psicanálise implicada*. Assim, podemos observar a ainda limitada quantidade de estudos referentes a temática do racismo sob o viés da psicanálise.

Palavras-chave: racismo, antirracismo, branquitude, psicanálise.

Este trabalho tem como objetivo identificar e traçar apontamentos sobre o racismo sofrido pela população negra no Brasil enquanto objeto de estudo pela Psicanálise. Para tanto, foi realizada uma consulta em artigos publicados na Revista Brasileira de Psicanálise, no período de 2009 a 2021 (disponíveis no site da Febrapsi, para acesso público). O trabalho deu-se por meio do método de levantamento de dados, por viés exploratório. Para ilustrá-lo, pesquisamos trabalhos de autores brasileiros e estrangeiros, e artistas com histórico de militância contra o racismo.

Observamos em nosso cotidiano que o racismo permeia e rege relações humanas. Ele não é assumido socialmente, mas é aceito e há silêncios decorrentes de razões distintas ou até contraditórias, que quando não fortalece o racismo, o mantém. O racismo se constitui como crença de que uma raça em particular é superior ou inferior a outra, bem como a crença de que certas características biológicas são determinadas pela raça de uma pessoa, ou existiram ao longo da história. No senso comum, são recorrentes interpretações equivocadas sobre racismo, sendo frequente vítimas de racismo não serem compreendidas nas suas queixas e suas dores. Assim, compreendemos ser fundamental que os saberes quanto ao racismo alcancem toda a população. Mesmo no pensamento científico, há diferentes conceitos de racismo, daí a importância de o estudarmos sob a perspectiva psicanalítica, que enquanto ciência questiona a si mesma e busca o furo no discurso.

Almeida (2019) compreende o racismo como ideologia que molda o inconsciente, assim, independe de uma ação consciente para existir, por ser estrutural, abrangendo economia, política e subjetividade. Desse modo, o racismo constitui as relações no seu padrão de normalidade, como regra e não como exceção.

A primeira tese de mestrado no Brasil sobre racismo é da Virgínia Bicudo, primeira mulher psicanalista não médica, no Brasil. Tal fato, embora relevante e histórico, não caminhou para uma tradição. Virgínia trouxe discussões sobre o racismo, baseando-se nas suas experiências pessoais. Com a dissertação “Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo”, Virgínia abordou a permanência do preconceito racial, apesar da diminuição de diferenças sociais. Ou seja, a discriminação racial é contra a vítima e contra um grupo, devido à construção social sobre o que é ser negro e o que é ser branco, conforme nos aponta Barros (2012). Não é à toa que artistas engajados na militância contra o racismo utilizam-se das artes para contestar a história do Brasil que nos é ensinada, contada e propagada. Por exemplo, Emicida (2015) diz, em sua música *Mufete*: “Esquece o que o livro diz, ele mente”, e corrobora com o que fora dito antes por Martinho da Vila, em seu livro “Kizombas, andanças e festanças”, (citando o historiador Hélio Silva) que, diferentemente do que aprendera na escola, “o verdadeiro proclamador da República foi José do Patrocínio e não Marechal Deodoro, e este não gritou Viva a República, mas sim Viva o Imperador” (Da Vila, 1998, p. 94). Documentos comprobatórios como atas de reunião e a pesquisa de Hélio Silva sobre a República apontam essas diferenças da história oficial; esta nega a importância e o protagonismo de José do Patrocínio.

Voltemos a Almeida (2020),⁵ que traz distinções sobre concepções de racismo:

Individualista: Para quem assim o concebe, entende o racismo como um ato, que está sempre vinculado ao ato, deliberadamente, desse modo é resultado de uma ação de um indivíduo, ou de grupos de indivíduos.

Institucional: Não se manifesta apenas a partir de atos individuais. Basta apenas não tomar ações necessárias para coibir, como por exemplo o descaso, o silenciamento, pois as instituições nos seus modos de funcionamentos criam condições para que isso ocorra e permaneça.

5 Fala de Silvio Almeida na Aula 2 – Concepções teóricas sobre Racismo, do Curso Racismo e Política: Questões contemporâneas (realizado pelo Instituto para Reforma das Relações entre Estado e Empresa).

Estrutural: é sempre estrutural, por integrar a organização econômica e política da sociedade, de forma inescapável, fornecendo o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. É então uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional, porque comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre sorrateiramente, pelas costas dos indivíduos e lhes parece destinado pela tradição. O racismo forma os indivíduos, as instituições. Como um processo sociocultural, o racismo cria cenários, com atores e papéis outorgados. Assim, o racismo não é uma exceção, mas algo que se constitui enquanto um parâmetro normalizado nas relações, pois o racismo é alienação, (naturalizamos e aceitamos os papéis socialmente construídos).

Na História e nas Ciências Humanas, quanto mais precisos se tornam os conceitos, mais responsabilidades eles carregam. Há certas palavras que, dotadas de um conteúdo apropriado, podem ajudar a mudar o mundo e outras que parecem ameaçar perdê-lo. (Barros, 2012, p. 19)

Falemos de antirracismo, e ao fazê-lo, estamos falando também de racismo, uma vez que o antirracismo se pauta em modo de pensamento que considera a existência do racismo como estrutural, com extrema influência nas coletividades. Paim (2020) compreende o antirracismo como uma transformação, porque o Brasil é racista, não se desculpa pelo seu passado, não fez a reparação que deveria e ainda atualmente tem o mito da democracia racial.

Com relação ao branco e à branquitude na atualidade, “eu não escravei, mas sou herdeiro de uma lógica” Paim (2021), por isto ser necessário nos assumirmos racistas, para assim nos transformarmos em antirracistas.

Schucman (2020) aponta que Du Bois foi pioneiro no trabalho de compreensão de o porquê nos EUA apenas alguns brancos eram assim

considerados. Ele percebeu, na classe trabalhadora, a raça como divisor, pois lá poloneses, irlandeses, judeus, entre outros, não eram considerados brancos. Du Bois faz uma ligação entre status, classe e raça. Fanon (2008) aponta que o colonizado terá consequência subjetiva por ter sido colonizado, pois o colonizador ao invadir o território, violentar, dominar, escravizar, tem também uma violência subjetiva por existir uma ideia de superioridade do colonizador, ao desumanizar os negros, ao impor a sua crença religiosa aos indígenas, construída ao longo do tempo, com a ideia de que humano universal é o branco. No Brasil, Schucman (2020) cita Ramos e o seu livro *A patologia do branco brasileiro*, em que fala que é muito comum escutarmos “meus avós eram italianos, portugueses, espanhóis”, com uma supervalorização da origem branca, europeia, enquanto que à outra origem (negra e indígena) não é dado o mesmo tratamento. Ramos (1957), compreende como uma patologia, o que fora acontecendo historicamente, de o branco estudar o negro como objeto negro, devido à construção social de que ele branco é universal e os demais têm raça. Schucman (2020) frisa que o racismo é estruturante da subjetividade, pois o branco, uma vez posto à parte das questões raciais, ficou como um padrão de norma e normalidade, ocorrendo junto a isso, para Bento (2002), o que se denominou de pactos narcísicos da branquitude, por exemplo, negação da problemática do racismo, alianças inconscientes intergrupais e a manutenção do poder e privilégios brancos.

A psicanálise poderia colaborar mais no enfrentamento ao racismo?

Aiello-Fernandes (2018) aponta convergência entre os autores quanto ao racismo provocar sofrimento emocional importante, e discordâncias quanto à maneira como o saber psicanalítico poderia auxiliar para a superação do racismo, devido à visão firmada sobre um conservadorismo, uma psicanálise clínica clássica, mas que desconhece a psicologia clínica social.

Kon, Silva e Abud (2017) organizaram o livro *O racismo e o negro no Brasil – questões para a psicanálise*. Tal obra é resultado de um ciclo de

palestras sobre a abordagem do racismo no campo da psicanálise, organizado após um episódio de racismo, durante uma aula no Departamento de Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae*. No livro é salientado o fato de os impactos do racismo não serem compreendidos pela psicanálise, uma vez que, segundo as considerações presentes no estudo, o tema não é tratado como deveria.

Segundo Rodrigues (2020), atualmente a psicanálise também está voltada para o estudo das questões raciais, mas há ainda poucos trabalhos, e muito pontuais. Paim (2020) aponta que, além de serem poucos os trabalhos, existem menos ainda aqueles com mais especificidade como, por exemplo, sobre o racismo na infância. Paim (2020) nos lembra que, por muito tempo, os psicanalistas sustentaram a ideia do racismo como algo individual, como se a subjetividade não fosse construída no contato com o outro. O racismo é uma questão coletiva porque é na relação com o outro que ela acontece (Paim, 2020).

Pereira (2018) traz reflexões a respeito da invisibilidade de Virgínia Bicudo, sobretudo na área da psicanálise, devido a uma não valorização das produções de Virgínia dentro da bibliografia psicanalítica acadêmica, apesar do seu pioneirismo, sua contribuição, importância e dedicação à psicanálise. Sua tese de mestrado, por exemplo, só foi publicada 65 anos mais tarde, conforme aponta Venosa (2020). Um dos autores deste trabalho, Evaldo Ferreira da Silva, relata que durante a sua graduação (de 2012 a 2016), nada foi dito sobre Virgínia, nem estudado e só descobriu algo sobre ela em 2020.

Segundo Conceição (2021),⁶ os primeiros estudos de saúde mental brasileira são muito ancorados na estreita relação entre pobreza, marginalidade e negritude, e Virgínia tira a experiência racial do campo da patologia para a posicionar no campo da produção das experiências e, para ela, quanto mais se tem consciência da cor, da sua história, do seu local racial, mais atravessado por angústias de ordem psíquica do inconsciente fica o

6 Fala de Jaqueline Conceição, em 5/2/2021, na aula 2 – O inconsciente tem cor? Do conceito de falta a falta de brancura, do Curso “Psicanálise e racismo”, promovido pela Casa do Saber, de 29/1 a 19/2/2021.

indivíduo, já que não haviam valores sociais positivos para que houvesse reinterpretação, ressignificação e, assim, uma elaboração, pois o sujeito cresce atravessado por questões de embranquecimento e do jogo social. A tentativa e desejo de se embranquecer configura um querer ser considerado humano (Schucman, 2008).

vai demonstrar como é totalmente indesejável, em um contexto colonial, ser preto, e, inversamente, como é sedutora uma identificação alienante com o branco... na verdade a colonização da mente de outra pessoa. (Davids, 2011 p. 108, tradução nossa)

Herdamos a linguagem cultural, somos efeito dela, pois a linguagem que nos habita, nos atravessa. A constituição do eu se dá pelo olhar do outro, tal como o estúdio do espelho, presente em Lacan, a vergonha está associada ao olhar do outro, nasce dele. Nesse sentido, a respeito de quem nos tornamos, Castro (2021)⁷ diz: “Temos uma herança que não vem somente dos nossos pais, mas também dos nossos avós, bisavós. Vai virando veículo de tradição, valores. O processo de identificação vai indo de geração para geração”. Conceição (2020) diz que os elementos que a linguagem apresenta na narrativa do analisando e no setting estão marcados simbolicamente por todos os jogos e dinâmicas raciais da estrutura social, que no Brasil é também racial, e que está atravessada, impregnada, condicionada por marcadores sociais, culturais, em torno da figura negra. “A dinâmica do inconsciente coletivo foi produzida por um lugar de poder e subordinação, atravessado pela dinâmica racial”. Referindo-se ao conceito da falta, de Lacan:

O corpo negro é organizado a partir de uma falta de uma outra ordem. A falta marcante, estruturante do sujeito negro é a própria negritude, porque a branquitude é o padrão aceito, hipervalorizado. No inconsciente, a brancura é um

7 Fala de Ângela Maria B. Jimenes Castro, em 24/09/2021, na aula do Curso de Formação de Psicanálise, do Núcleo de Psicanálise de Marília e Região.

lugar desejado pelas pessoas negras e brancas, tornando-se inalcançável para as negras. (Isildinha Batista Nogueira, citada por Conceição, 2005)⁸

É impressionante a força e a postura de algumas pessoas que conseguem não sucumbir ao racismo, como o ator Grande Othelo, por exemplo:

Othelo sempre conseguiu se colocar de maneira superior àquilo que chamamos de racismo, assimilando os golpes, transformando o negativo em positivo, e assim vencendo no teatro, no cinema e na televisão, onde o negro sempre foi raro. (Houard, 2013)

Também nos chamou a atenção a capacidade criativa e de sublimação de Martinho da Vila que, quando pré-adolescente, sobre o programa televisivo de sucesso à época (série que tinha o Tarzan como herói e personagem principal), declarou que entre o Tarzan e o jacaré, torcia pelo jacaré, por acreditar que sendo o Tarzan o rei das selvas africanas, era culpado pela escravidão. Já adulto, fez várias coisas a respeito da temática da negritude. Convidado por Movimentos Negros, Martinho organizou manifestações pela libertação de Nelson Mandela e pelo fim do Apartheid. É de sua autoria a música *Meu homem*, que compôs para Winnie Mandela. Realizou também um intercâmbio cultural entre Brasil e Angola. Embora Martinho desconheça a origem exata da sua família, fez uma pesquisa e acredita que sua bisavó era de Angola; na primeira vez que esteve lá, em 1972, compôs a música *Semba dos ancestrais* que diz:

se ao pisar no solo e o coração disparar, o corpo arrear, o sangue ferver e a cabeça viajar... se Luanda te encher de emoção, se o povo te impressionar demais, é porque são de lá os teus ancestrais” (Da Vila & Valença, 1985)

8 Fala de Jaqueline Conceição, em 5/2/2021, na aula 2 – O inconsciente tem cor? Do conceito de falta a falta de brancura, do Curso “Psicanálise e racismo”, promovido pela Casa do Saber, de 29/1 a 19/2/2021.

Essas buscas de Martinho sobre a negritude levaram-no a criar, no Carnaval de 1988, o enredo *Kizombas – Festa da Raça*, para a Escola de Samba Vila Isabel (foi um desfile político, como manifestação de luta contra o racismo). São aspectos da vida desse artista que, do ponto de vista psicanalítico, nos chamaram a atenção.

A pesquisa aponta para um consenso de que no âmbito psicanalítico são raros os trabalhos sobre racismo e, mais ainda, os com um recorte específico, pois em 2009, 2010, 2011 e 2012, não houve nenhum artigo publicado pela *Revista Brasileira de Psicanálise*, em 2013 houve um, em 2014, 2015, 2016, 2017 e 2018, novamente nenhum artigo, em 2019 houve um e em 2020, três. Lia Schucman, José Ignácio Paim Filho, Ney Marinho, Wania Cidade, entre outros, se posicionaram, chamando a atenção para essa carência.

Concordamos com Paim (2020), que o racismo ocorre porque o branco precisa do negro como depositário, e o psicanalista branco precisa dar conta disso primeiro em si, para num segundo momento dar conta no outro, pois como dito por Degani (2021)⁹ “O branco recalca e projeta no negro, ficando alienado de si mesmo. A branquitude tem que estar no nosso divã, com relação ao negro, mas também, ao branco”. Assim, entendemos ser necessário que profissionais da psicologia, psicanálise e psiquiatria busquem conhecimento pormenorizado sobre a temática do racismo e que possam trabalhá-la inseridos no processo que chamamos de Formação, e que nossas instituições psicanalíticas adotem um posicionamento político, realizem ações reparatórias, afirmativas, campanhas nacionais, incluam as temáticas de racismo, antirracismo, branquitude, negritude nas agendas e rompam com o epistemicídio imposto às autoras e aos autores negros.

Nesse sentido, discurso inaugural sobre a psicanálise, em solo brasileiro, por Juliano Moreira (1899), *o mito negro* de Neuza Santos (1983), *o preto-guês* (amefricanidade) de Lélia Gonzales (1988), *o pacto narcísico da branquitude*, de Maria A. S. Bento (2002), *o apartheid psíquico* de Isildinha B.

9 Fala de Rafaela Degani, em 06/05/2021, durante a videoconferência de lançamento do livro, “Racismo: por uma psicanálise implicada” promovida pela Editora Artes e Ecos

Nogueira (2017), as práticas e ações, verdadeiro celeiro de resistência, de Wania Cidade (2020) e... se tornam proeminentes. (Paim, 2021 p. 72)

El psicoanálisis frente al racismo que sufre la población negra en Brasil

Resumen: Este estudio tiene como objetivo discutir el racismo sufrido por la población negra en Brasil, como objeto de estudio del psicoanálisis, a partir de un levantamiento bibliográfico de artículos publicados por la *Revista Brasileira de Psicanálise*, de 2009 a 2021, disponibles en el sitio web de la institución, para acceso público. En cuanto a las consideraciones teóricas, abordamos textos de cánones antirracistas, así como de autores contemporáneos. Y para apropiarnos mejor de la discusión en cuestión, participamos de los eventos “Racismo: gritos y susurros”, “Racismo y Política: cuestiones contemporáneas”, “Psicoanálisis y Racismo”, “Racismo en la vida cotidiana y en Psicoanálisis: la existencia innegable de la crueldad en el mundo conceptual blanco y la urgencia de acciones reparatorias en los Institutos de Psicoanálisis” y conferencia para el lanzamiento del libro “Racismo: por una psicanálisis implicada”. Así, podemos observar el número aún limitado de estudios sobre el tema del racismo en la perspectiva del psicoanálisis.

Palabras clave: racismo, anti-racismo, blancura, psicoanálisis

Psychoanalysis in the face of racism suffered by the black population in Brazil

Abstract: This study aims to discuss racism suffered by the black population in Brazil, as an object of study of psychoanalysis, based on bibliographic research of articles published by the *Revista Brasileira de Psicanálise*, from 2009 to 2021, available at the institution's website for public access. In regard to theoretical considerations, we approach texts from anti-racist canons, as well as contemporary authors. And to appropriate the best discussion in question, we participated in the events “Racism: screams and whispers”, “Racism and politics: contemporary issues”, “Psychoanalysis and Racism”, “Racism in everyday life and in Psychoanalysis: the undeniable existence

of cruelty” in the white conceptual world and the urgency for reparatory actions in the Institutes of Psychoanalysis” and conference for the launch of the book “Racism: for an implicated psychoanalysis”. Thus, we can observe the still limited number of studies with thematic references to racism under the bias of psychoanalysis.

Keywords: racism, anti-racism, whiteness, psychoanalysis

Referências

- Aiello-Fernandes, R. (2018). Racismo e psicanálise em produções acadêmicas. Tese de doutorado em Psicologia como profissão e ciência (PUC-Campinas). Recuperado em 7 de outubro de 2021, de <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/1055/2/RAFAEL%20AIELLO-FERNANDES.pdf>
- Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural. Feminismos plurais*. Saraiva.
- Associação Brasileira de Normas Técnicas (2002). *ABNT NBR 10520: citações em documentos: apresentação*. ABNT.
- Bento, M. A. S. (2002). *Branqueamento e branquitude no Brasil*. Vozes.
- Barros, J. D'A. (2012). *A construção social da cor: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira*. Vozes.
- Braga, A. P. M. (2016). Pelas trilhas de Virgínia Bicudo: psicanálise e relações raciais em São Paulo. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, 2, p. 1. Recuperado em 8 de outubro de 2021, de <https://revistalacuna.com/2016/12/06/n2-01/>
- Da Vila, M. (1998). *Kizombas, andanças e festanças*. Record.
- Da Vila, M. & Valença, R. (1985). Semba dos ancestrais. In M. Da Vila, *Criações e recriações*. BMG do Brasil.
- Da Silva, L. M. (2017). *Impactos do racismo não são reconhecidos pela psicanálise*. Recuperado em 8 de outubro de 2021, de <https://www.brasildefato.com.br/2017/07/31/impactos-do-racismo-nao-sao-reconhecidos-pela-psicanalise-afirma-psicologa>
- Du Bois, W. E. B. (2003). *The Souls of black Folk*. Barnes & Noble.
- Fachin, O. (2017). *Fundamentos de metodologia, noções básicas em pesquisa científica*. Saraiva.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Edufba.
- Houard, J. (2013). Documentário – A verdadeira história do samba. Recuperado em 8 de outubro de 2021, de <http://sambadosino.blogspot.com/2011/11/verdadeira-historia-do-samba.html>
- Kon, N. M.; Da Silva, M. L.; Abud, C. C. (2017). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. Perspectiva

- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In J. Lacan, *Escritos*. Jorge Zahar.
- Mingas, R.; Rui, M.; Da Vila, M. (1983). À volta da fogueira. In M. Da Vila, *Novas palavras*. BMG do Brasil.
- Mori, B.; Carneiro, C. (2020). Vidas Negras importam – IV. Febrapsi Observatório Psicanalítico. Recuperado em 4 de outubro de 2021, de <https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/observatorio-psicanalitico-1752020/>
- Emicida (2015). *Mufete*. Sony Music, 2015. Recuperado em 4 de outubro de 2021, de <http://genius.com/Emicida-mufete-lyrics>
- Machado, J. (2020). *Janelas de conversa: Racismo: gritos e sussurros*. Live da Sociedade de Psicanálise de Mato Grosso do Sul.
- Paim Filho, I. A. (2020). *Janelas de Conversa – Racismo: gritos e Sussurros: live da Sociedade de Psicanálise de Mato Grosso do Sul*.
- Paim Filho, I. A. (2021). *Racismo: Por uma psicanálise implicada*. Artes & Ecos.
- Paim Filho, I. A. & Cidade, W. M. (2020). *Podem negros e negras frequentarem os institutos de psicanálise?* Febrapsi – Observatório Psicanalítico. Recuperado em 5 de outubro de 2021, de <https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/observatorio-psicanalitico-1842020/>
- Pereira, A. M. (2018). *Virgínia Bicudo: a invisibilidade na psicanálise, racismo e as consequências psíquicas para uma psicanalista negra*. Recuperado em 5 de outubro de 2021, de <https://psicanalisedemocracia.com.br/2018/10/virginia-bicudo-a-invisibilidade-na-psicanalise-racismo-e-as-consequencias-psiquicas-para-uma-psicanalista-negra-milene-amaral-pereira/>
- Ramos, A. G. (1957). *A introdução crítica à sociologia brasileira*. Andes.
- Rodrigues, R. (2020). *O que a psicanálise pode dizer do racismo?* Recuperado em 7 de outubro de 2021, de https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniao/2020/02/22/internas_opiniao,829765/o-que-a-psicanalise-pode-dizer-do-racismo.shtml
- Schucman, L. V. (2020). *As teorias críticas da branquitude*. Racismo e política.
- Venosa, C. (2020). *Virgínia Bicudo: a brasileira pioneira em estudos raciais na psicanálise*. Recuperado em 15 de março de 2020, de <http://comissoes.crcsp.org.br/mulher/2020/03/15/virginia-bicudo-a-brasileira-pioneira-em-estudos-raciais-na-psicanalise/>

Evaldo Ferreira da Silva
evaldotupanpmr@gmail.com

Vânia Maria Martins Lopes
vaniammlopes.ml@gmail.com

Rosa Maria Batista Dantas
rmbdantas@gmail.com

Artigos

Por uma Masculinidade Cuir¹

Sergio Eduardo Nick,² Rio de Janeiro

Resumo: Com o propósito de estudar as várias transformações culturais ocorridas na noção de masculinidade, o autor faz um recorrido por termos como Masculinidade Tóxica, Masculinidade Positiva, Masculinidade Hegemônica, e Masculinidade Frágil, para desembocar na proposição que Brito faz de uma Masculinidade Cuir (ou Queer). Esta proposta se ancora numa tentativa, já formulada por vários autores psicanalíticos, de se contrapor ao binarismo próprio de alguns postulados para afirmar marcos fundadores baseados na pluralidade, na imprevisibilidade e no descentramento de um percurso analítico. Nesse sentido, busca-se um aprofundamento da distinção diferença/diversidade/multiplicidade como base para uma escuta analítica que permita a emergência de um sujeito alheio a definições fixas e cristalizadoras. A noção de Masculinidade Cuir, além de advir de uma cultura mais descolonizada, propõe uma amplificação do desejo, como própria do ser humano, passível de acolher dentro de si, as inúmeras contradições identitárias que o constituem. Estes postulados estariam de acordo com uma escuta analítica própria do sujeito descentrado, capaz de constituir efetivas possibilidades de sublimação e de criação, através da construção de uma forma singular de existência e de um estilo próprio para habitar seu ser.

Palavras-chave: masculinidade, queer, psicanálise, estudos de gênero, diversidade

- 1 Trabalho apresentado na mesa “Masculinidades hoje” da Jornada Latino-Americana do Cowap 2021 – Psicosexualidade hoje: aportes psicanalíticos – Cowap/SBPPSP/Cowap Latinoamérica em 2 de outubro de 2021.
- 2 Membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Pós-graduado em Psiquiatria e Psicoterapia da Criança e do Adolescente pela Clínica de Orientação à Criança da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pós-graduado em Direito Especial da Criança e do Adolescente pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro (UERJ).

O instigante título desta mesa nos faz pensar sobre o masculino, e, por renitência, o homem. Se por um lado a Psicanálise, desde o princípio, demonstrou que nem o feminino se refere apenas à mulher, nem o masculino ao homem, a norma comum tende a fazer este tipo de aproximação. Aliás, penso que justo a revolução cultural pós-feminismo e as contribuições psicanalíticas foram responsáveis por um forte esgarçamento das noções de homem e mulher, bem como das definições de gênero que causaram a adesão de tantos conservadores às pautas anti-LGBTQIA+ da ultra-direita. Deste modo, pensar as masculinidades hoje vem bem a propósito, pois nos permite alinhar algumas idéias do ambiente cultural com o que seria próprio da clínica psicanalítica e suas teorias.

De acordo com Verztman, Cubria e Navega (2022), a psicanálise:

precisa continuar atenta sobre o impacto de binarismos sexuais datados, impostos normativamente. Apesar do seu apelo oscilante desde o início da obra de Freud, certamente tal binarismo caminha na contramão de nossos marcos fundadores, os quais afirmam a pluralidade, a imprevisibilidade e o descentramento de um percurso analítico. (p. 182)

Os autores enfatizam a importância do aprofundamento da “distinção diferença/diversidade/multiplicidade” como base para uma escuta analítica que dê “um panorama mais bem acabado para a distinção entre gênero, sexo e *Sexual*” (Verztman, Cubria & Navega, 2022). Importante ressaltar que o termo *Sexual*, com letra maiúscula, foi cunhado por Laplanche (2003/2015), tendo sido a opção de tradução de *sexuel*, termo que aponta para algo que estaria alocado entre gênero e sexo. Vamos ouvir as esclarecimentos de Laplanche:

O gênero é plural. É geralmente duplo, com o masculino-feminino, mas não o é por natureza. É muitas vezes plural, como na história das línguas e na evolução social. O sexo é dual. Ele o é pela reprodução sexuada e também por sua simbolização humana, que fixa e engessa a dualidade em presença/ausência, fático/castrado. O *Sexual* é múltiplo, polimorfo. Descoberta

fundamental de Freud que encontra seu fundamento no recalçamento, no inconsciente, no fantasma. É o objeto da psicanálise. Proposição: O Sexual é o resíduo inconsciente do recalçamento-simbolização do gênero pelo sexo. (Laplanche, 2003/2015 p. 155)

Bem, se o gênero decorre dos ensinamentos freudianos sobre a identificação na construção do Eu, cabe-nos lembrar que somos fruto das identificações masculina e feminina com o pai e com a mãe. Dependendo da prevalência dessas identificações em cada uma das figuras parentais, o Eu nascituro terá características que ultrapassam e extrapolam seu sexo biológico. Se acrescentarmos aí o seu narcisismo, ou sua forma de se relacionar com cada uma dessas figuras parentais, temos um conglomerado complexo e único a cada sujeito. A isso se soma:

a construção das identificações sexuadas, concomitantemente no plano social e biológico, por conta de este remeter a uma discursividade. Trata-se de uma construção social desnaturalizada, a partir de um processo de relações, diga-se, relações de poder. (Ayouch, 2019, p. 158)

Ayouch propõe uma hibridação do discurso psicanalítico com os estudos de gênero, que teria como objetivo abrir as portas para considerar tanto as mutações antropológicas da contemporaneidade quanto os rearranjos em constante mudança referentes às formas de aliança, de filiação e de sexuação. Com esse objetivo em vista, será possível estabelecer um questionamento contínuo da naturalização do gênero em determinados discursos psicanalíticos (Ayouch, 2019).

Redefinindo a questão em termos linguísticos, Lacan trabalha com uma conceituação de sexos majoritariamente sintática e não semântica, ou seja, o que estaria em jogo seriam a função e a relação entre o masculino e o feminino enquanto estruturas dentro de um todo e, portanto, suas definições não poderiam ser descritas *per se*, enquanto significados absolutos.

É com base no exposto acima que proponho aqui pensar as Masculinidades como uma matéria urgente e necessária, visto que os estudos,

nas últimas décadas, se centraram na feminilidade, assimetria que pode ter a consideração implícita de uma masculinidade essencial ou natural, ignorando a dimensão de construção dessa categoria (Muszcat, 2006).

A Masculinidade pode ser definida como qualidade de masculino ou de másculo.

Segundo a nossa Wikipédia:

Masculinidade é um conjunto de atributos, comportamentos e papéis geralmente associados a meninos e homens. A masculinidade é construída socialmente, mas composta por fatores tanto social quanto biologicamente definidos, distintos da definição do sexo biológico masculino. Ambos os homens e mulheres podem exibir traços e comportamentos masculinos.

Temos hoje, portanto, uma discussão social bastante abrangente, no mundo ocidental, sobre o papel do homem na sociedade, bem como dos tipos de masculinidade existentes. Desta forma, proponho-me a apresentar, a seguir, alguns dos tipos de masculinidade que foram discutidos na literatura sobre o tema nos últimos anos.

A Masculinidade Hegemônica é uma proposta amplamente aceita e defendida por Connell em seu clássico estudo *Masculinities* (1995). Ela foi entendida como um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse. A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, e ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. Por outro lado, Connell e Messerschmidt (2013), propõem que:

ao mesmo tempo que acolhemos muitas das aplicações e das modificações do conceito de masculinidade hegemônica como contribuições à compreensão

das dinâmicas de gênero, rejeitamos aqueles usos em que ficou implícito um tipo fixo de caráter ou um conjunto de traços tóxicos. (p. 273)

Este conceito não deve se confundir com o de Masculinidade Positiva, que, segundo Asrieh (Jus Brasil, 2021) refere-se a uma masculinidade que não se restringe ao estereótipo de homem que foi alimentado por longos anos na nossa sociedade. Segundo o autor:

Através de um processo de desconstrução desse estereótipo, e da identificação de outras possibilidades de comportamentos e posturas diante das situações do mundo atual, acreditamos que os homens podem buscar novas possibilidades de agir na sociedade, e que acabam levando a uma relação mais saudável do homem consigo mesmo e com o meio em que convive. (Aarieh, 2021)

Críticas ao machismo e às masculinidades opressivas construíram conceitos como a Masculinidade Tóxica, uma forma muito tradicional de “ser homem”, recorrentemente imposta na formação de meninos e jovens e que hoje, mais do que nunca, sabe-se que gera violência e desordem emocional tanto para mulheres como para os próprios homens (Castro, 2018). Outro conceito decorrente destas críticas configura-se a partir do que é chamado de Masculinidade Frágil, a qual teria como pilar a necessidade de uma constante reafirmação de um comportamento intempestivo e truculento.

Dunker (2020) nos informa que a masculinidade frágil chama duas ideias contrárias: num primeiro sentido, poderíamos pensar que ela é aquela masculinidade que está acuada pelas transformações pelas quais passou o lugar da mulher; aquela que não consegue mais encontrar o seu lugar; que não sabe qual é o roteiro/*script* para, de fato, se constituir como uma figura viril; aquele homem que estaria meio perdido. Frágil, portanto, teria esse primeiro sentido. Um segundo sentido apontaria para as masculinidades frágeis que se apresentam como excessivamente fortes; que não suportam a sua própria fragilidade/vulnerabilidade; que entendem todas

essas transformações como ameaça narcísica por perda de poder, como se fossem uma afronta à sua potencial capacidade de violência.

Diante disso, o sujeito lida mal com o que ele percebe como uma incerteza, uma fragilidade, como uma transformação da identidade dos papéis. Ele reage exageradamente, quase que voltando a estereótipos que nem pertencem muito bem à nossa época. Nesse sentido, para o autor, a masculinidade frágil indicaria o anseio por voltar ao tempo em que havia “ordem”, hierarquia. Ela seria, assim, um efeito da violência sofrida na educação, do sujeito em relação a si mesmo, da privação de afetos, da domesticação e controle do seu corpo (Dunker, 2020).

E assim chego ao ponto que quero propor para nosso debate. Em meus passeios pelos textos de autores que recentemente publicaram sobre a masculinidade, encontrei o termo Masculinidade Cuir (ou *Queer*), que me remonta ao meu discurso na Abertura do Congresso da IPA de Boston, onde mencionei o conceito *Queer* e fui absolutamente ignorado por todos, menos pelo meu colega Marco Posadas, que mais adiante terminaria por ser o primeiro *Chair* do *Sexual and Gender Diversity Committee* da IPA. O termo *Queer*, na época (há pouco), ainda estava fortemente ligado à ideia de algo fora da norma, ao patológico. Hoje, podemos estender o conceito de *Queer* às masculinidades, e até, como propôs Brito (2021), naturalizá-lo para Cuir.

Mas por que propor uma masculinidade Cuir?

Perspectivas pós-estruturalistas levam alguns autores a defender que “a hegemonia supõe o caráter aberto e incompleto do social” (Laclau; Mouffe, 2015, p. 213). A hegemonia seria, portanto, um processo no qual determinadas condições discursivas assumiriam, num momento, o lugar do todo ou de uma verdade a ser seguida por todos. Esses discursos hegemônicos não podem ser pensados como totalmente estabelecidos, mas como aqueles que lutam para atingir um maior número possível de adeptos. Tais lutas não se dariam sem oposições, tanto no campo social, como no interior do próprio sujeito.

Rodrigues (2009) propõe que se pense na dificuldade de se formar uma identidade estável na medida em que tomemos em conta o sujeito

descentrado, isto é, aquele que abriga em si um outro que o aliena. Tomando a noção derridiana, Brito (2021) afirma que a

masculinidade como um indecível permite que se atribua um viés antiesencialista a seus sentidos, um movimento de deslocamento permanente, que não estabelece um lugar único e fixo para o masculino. Um deslizamento radical das solidificações e sedimentações de sentidos sobre a masculinidade. (p. 6)

A teoria *Queer/Cuir* se ancora nesses postulados para propor uma “instabilidade radical de sentidos para as identificações de sexo, gênero e desejo” (Brito, 2021, p. 9). Nela, a desconstrução da categoria sujeito busca alijar as definições fixas tanto do desejo como de seu objeto para pensar os caminhos de subjetivação que cada um iria tomar:

Como uma nova política de gênero, a teoria *queer* dá sentido à centralidade da dissonância entre gênero e sexualidade, demonstrando possibilidades para que a sexualidade não seja constrangida pelo gênero, de modo a romper a causalidade reducionista de argumentos que vinculam as duas categorias e mostrar possibilidades para o gênero que não estejam predeterminadas por uma matriz heterossexual. (Butler, 2012, apud Brito, 2021, p. 9)

A masculinidade Cuir seria, portanto, aquela pensada em uma perspectiva que:

reconheça significações do masculino para além do essencialismo binário, heterossexual, cisgênero, racializado e classista, materializando essa performatização em corpos de sujeitos que se identificam como homens cis, trans, não binários, pretos, pardos, deficientes, de diferentes classes sociais, regionalidades, entre outras incalculáveis identificações. É reconhecer as contingências, a precariedade, a imprevisibilidade e a instabilidade com que a masculinidade é significada e materializada na contemporaneidade. (Brito, 2021, p. 10)

Visando uma desestabilização de uma identidade fixa para o homem, a masculinidade Cuir propõe uma amplificação do desejo como própria do ser humano. Nela, cada um poderia se descolar das normas socioculturais que o limitam, para não apenas buscar a pluralidade e a multiplicidade, mas também acolher dentro de si as inúmeras contradições identitárias que o constituem. Aqui, é possível notar como tal proposta se aproxima da formulação, já descrita acima, do Sexual (Laplanche, 2003/2015) como objeto princeps da psicanálise.

Ainda segundo Brito (2021):

A masculinidade *queer/cuir/kuir* se traduz em um horizonte que nega as estabilizações sedimentadas e que são forçosamente impostas para o masculino. Enuncia performatizações que jamais se cristalizam, valendo-se dessa instabilidade radical para potencializar identificações inumeráveis do masculino, almejando a desidentificação como estratégia política potencializadora para afirmar a diferença sobre as significações da masculinidade. (p. 10)

Dentro do ponto de vista clínico, a Masculinidade Cuir implica uma escuta do desejo possível para cada analisando. Neste sentido, é interessante citar a leitura de Birman (1998), segundo a qual toda análise deveria possibilitar a constituição de circuitos pulsionais ligados a um campo de objetos de satisfação, fazendo com que seja possível a simbolização das forças pulsionais em representantes-representação. A partir disso, constitui-se como a condição *sine qua non* para a transformação da angústia do real em angústia do desejo, impossibilitando, pois, a instalação do horror do trauma.

O último autor ainda enuncia que o grande desafio com o qual o sujeito se depara em uma análise é a possibilidade de conseguir permanecer e suportar a dor provocada pela posição de desamparo e de feminilidade. Dessa forma, enunciar a posição radical do sujeito, no limite do desamparo e da feminilidade, seria outra forma de formular o efeito da experiência de castração na análise (Birman, 1998). Entretanto, ao ser colocado nessa posição limite, entre a vida e a morte, o sujeito pode constituir efetivas

possibilidades de sublimação e de criação, através da construção de uma forma singular de existência e de um estilo próprio para habitar seu ser. Por estilo próprio, leia-se Cuir!

Por una Masculinidad Cuir/Queer

Resumen: Con el propósito de estudiar las diversas transformaciones culturales ocurridas en la noción de masculinidad, el autor repasa términos como Masculinidad Tóxica, Masculinidad Positiva, Masculinidad Hegemónica y Masculinidad Frágil, para desembocar en la proposición, hecha por Brito, de Masculinidad Cuir (o Queer). Esta propuesta se ancla en un intento, ya formulado por varios autores psicoanalíticos, de oponerse al binarismo de algunos postulados para afirmar hitos fundantes a partir de la pluralidad, la imprevisibilidad y el descentramiento de un camino analítico. En este sentido, se busca una profundización de la distinción diferencia/diversidad/multiplicidad como base para una escucha analítica que permita la emergencia de un sujeto ajeno a definiciones fijas y cristalizantes. La noción de Masculinidad Queer/Cuir, además de provenir de una cultura más descolonizada, propone una amplificación del deseo como característica del ser humano, capaz de aceptar en sí mismo las innumerables contradicciones identitarias que lo constituyen. Estos postulados estarían de acuerdo con una escucha analítica propia del sujeto descentrado, capaz de constituir posibilidades efectivas de sublimación y creación, a través de la construcción de una forma única de existencia y un estilo propio para habitar su ser.

Palabras-clave: masculinidad, queer, psicoanálisis, estudios de género, diversidad

For a Cuir/Queer Masculinity

Abstract: With the purpose of studying the various cultural transformations that occurred in the notion of masculinity, the author makes a journey through terms such as Toxic Masculinity, Positive Masculinity, Hegemonic Masculinity, and Fragile Masculinity, to lead to the proposition, made by Brito, of Cuir (or Queer) Masculinity. This proposal is anchored in an

attempt, already formulated by several psychoanalytic authors, to oppose the binarism of some postulates to affirm founding landmarks based on the plurality, unpredictability, and de-centering of an analytical process. In this sense, a deepening of the difference/diversity/multiplicity distinction is sought as a basis for an analytical listening that allows the emergence of a subject oblivious to fixed and crystallizing definitions. The notion of Cuir Masculinity, in addition to coming from a more decolonized culture, proposes an amplification of desire as characteristic of human beings, capable of accepting within itself the countless identity contradictions that constitute it. These postulates would be in accordance with an analytical listening proper to the de-centered subject, capable of constituting effective possibilities of sublimation and creation, through the construction of a unique form of existence and of a style of his own to inhabit his being.

Keywords: masculinity, queer, psychoanalysis, gender studies, diversity

Referências

- Ayouch, T. (2019). *Psicanálise e hibridez: gênero, colonialidade e subjetivações*. Calligraphie.
- Birman, J. (1998). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Civilização Brasileira.
- Brito, L. T. (2021). Da masculinidade hegemônica à masculinidade *queer/cuir/kuir*: disputas no esporte. *Revista Estudos Feministas*, 29(2), e79309.
- Butler, J. (2012). *Deshacer el género*. Paidós.
- Castro, D. (2018). Ainda não sabemos se gays são bem-aceitos no vôlei, diz destaque da seleção. *Folha de São Paulo* [online]. Recuperado em 28 de setembro de 2021, de <https://bit.ly/2N24s3u>
- Connell, R. W. (2011). *Masculinities*. Polity Press. (Trabalho original publicado em 1995)
- Connell, R. W. & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282 [online] v. Recuperado em 21 de setembro de 2021, de <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>
- Dunker, C. & Bonduki, N. *A masculinidade frágil*. (58m30s). Recuperado em 21 de setembro de 2021, de <<https://www.facebook.com/christiandunkerprofessor/videos/338819143967379>>

- Aarieh, A. T. (2021). *Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul*. Entenda o que é “Masculinidade Positiva”, tema do Prêmio de Jornalismo do TJMS. Recuperado em 21 de setembro de 2021, de <https://tjms.jusbrasil.com.br/noticias/783081781/entenda-o-que-e-masculinidade-positiva-tema-dopremio-de-jornalismo-do-tjms>
- Laclau, E. & Mouffe, C. (2015). *Hegemonia e estratégia socialista*. Intermeios.
- Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. Dublinense, (Trabalho original publicado em 2003)
- Muszcat, S. (2006). *Violência e masculinidade: uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero*. Dissertação de Mestrado sob orientação do Prof. Dr. Nelson da Silva Jr., Instituto de Psicologia.
- Rodrigues, C. (2009). *Coreografias do feminino*. Mulheres.
- Verztman, J. S.; Cubria, A. C. & Navega, B. C. (2022). Diferença sexual e norma social: certas encruzilhadas para a psicanálise. In M. C. Poli; F. Costa-Moura & M. Mollica. (Orgs.). *Fora do armário: a realidade sexual do inconsciente, 1*, 183-200. Appris.
- Wikipedia (2021). Masculinidade. *A enciclopédia livre*. Wikimedia Foundation. Recuperado em 28 de setembro de 2021, de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Masculinidade>

Sergio Eduardo Nick
sergionick22@gmail.com

Masculinidades e pensamento dicotômico

Lucia Maria de Carvalho Aragão,¹ Rio de Janeiro

Resumo: Este trabalho buscou apresentar duas visões teóricas distintas sobre o processo de construção da masculinidade com suas respectivas consequências psicosssexuais, psicossociais e políticas, que convergem em seus questionamentos ao pensamento dicotômico. A complexidade dos processos em curso na construção de identidades de gênero e sua determinação intersubjetiva e cultural foram postuladas.

Palavras-chave: masculinidade, machismo, identificação/desidentificação, lógica fálica, diversidade/diferença

Introdução

Na sociedade em que estamos inseridos, podem ser observadas duas tendências de comportamento, por parte dos homens, que *parecem* andar em sentidos opostos. Por um lado, o machismo continua a imperar, apresentando-se como “uma rede que tende a infiltrar-se em todas as esferas da matriz social, exercendo um profundo impacto sobre o desenvolvimento psicosssexual e psicossocial tanto de homens quanto de mulheres” (Tylin, 2017, p. 221). O sintoma desse traço, no Brasil, são os chocantes índices de feminicídio e assédio sexual, além dos casos de violência e assassinatos de homossexuais, travestis e transexuais, fartamente documentados pelos meios de comunicação. Por outro, percebe-se um deslocamento de posições masculinas antigas, um estado de insegurança e confusão quanto à

1 Membro associado da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ). Membro da Cowap Brasil/IPA. Psicóloga com especialização em clínica de adultos pela PUC-RJ. Doutora em Filosofia pela UFRJ.

própria identidade e função, em virtude de mudanças de atitude, maior independência e fortalecimento da posição das mulheres através dos movimentos feministas. Como indícios dessa outra onda, surgem, nos consultórios, relatos de pacientes dizendo estarem perdidos, se perguntando pelo lugar do masculino hoje. E é possível indagar: a igualdade de posições entre gêneros necessariamente provocaria uma indefinição dos contornos da masculinidade, ou na verdade apenas questionaria uma concepção estreita dela?

Este trabalho procura descolar-se das visões de masculinidade que permanecem presas ao pensamento dicotômico, que opõe masculino e feminino, em uma posição binária das diferenças sexuais. Quer apontar para aquilo que entrelaça os sexos, antecedendo a diferença sexual, assim como para o jogo de identificações cruzadas e complexas que formam e transformam seres sexuados em homens, mulheres, e outras designações, em que o papel da alteridade e da cultura se mostram significativos.

As análises realizadas por Tylim (2017) e Diamond (2013) apresentam concepções distintas do processo de construção da masculinidade. O primeiro coloca ênfase nos processos intrapsíquicos, enquanto o segundo se orienta por um viés intersubjetivo, onde as relações são fundamentais. Ambas, entretanto, tecem críticas ao pensamento dicotômico, ao advogar certa convergência entre masculinidade e feminilidade

Tais questionamentos, com base em referenciais distintos, só fazem ressaltar as limitações do binarismo.

Assim como no pensamento de Diamond (2013), a intersubjetividade orienta as perspectivas de Bleichmar (2013) e Fiorini (2017a, 2017b). As autoras se embasam no pensamento de Laplanche (2018), que sublinhou a dimensão intersubjetiva da atribuição de gênero, ao ser a identificação do sexo da criança feita pelo adulto, carregada de suas representações inconscientes sobre a sexualidade. Isso mostra para o *infans* a necessidade de traduzir essas mensagens enigmáticas, tarefa para a qual ele não tem recursos. Sobrecarregado, é pelo reconhecimento anatômico que ele adere à *lógica fálica* em que, ou se é portador do falo, ou se é castrado. Laplanche se torna um importante crítico dessa forma de identificação simplista, assim

como do binarismo, ao propor que o sexual infantil, isto é, a sexualidade perversa polimorfa se caracteriza pela diversidade e não pela diferença fálico/castrado. Por isso a identidade de gênero assim realizada seria fruto “de uma castração precoce” anterior ao conhecimento da diferença sexual e não faria jus à diversidade de gêneros possíveis.

Bleichmar (2013) se utiliza desse referencial laplanchiano somado ao pensamento de Diamond (2013) para tratar da masculinidade. Já Fiorini (2017a, 2017b) alude à distinção diversidade/diferença e se utiliza do paradigma da complexidade de Morin (2015) para mostrar a insuficiência do pensamento dicotômico e a possibilidade de pensar a diversidade não reduzida à diferença.

Duas teorias a respeito da construção da masculinidade

Tylim (2017) realiza uma análise crítica de uma masculinidade defensiva, oriunda da imposição ao menino de desidentificar-se de sua mãe e passar a identificar-se com o pai. Tendo como base a teoria da *separação-individuação* de Mahler (1982),² tal processo de desidentificação implicaria uma perda identitária significativa, pela necessidade de o menino rejeitar sua identificação com a mãe castrada para afastar quaisquer desejos passivos inaceitáveis em relação ao pai. Tais desejos desafiarão a confiança dos homens em soluções binárias, e poderiam questionar sua heterossexualidade, o que os levaria a buscar identificar-se com o pai fálico idealizado do mesmo sexo. Essa idealização do falo potente do pai, além disso, o protegeria da ameaça de uma possível dissolução, ao se desidentificar com a mãe.

Tal forma de construção da masculinidade tenderia a resultar no machismo. Segundo o autor (Tylim, 2017), o machismo seria uma forma desesperada, por parte dos homens, de evitar a angústia de castração e rejeitar seu lado feminino. É assim que deve ser entendida sua defesa contra a

2 Nela o bebê seguiria uma evolução desde uma fase autística, meramente fisiológica, passando pela simbiótica com sua mãe, até sua separação dela, quando já se torna um ser independente e capaz de se voltar para outras relações e para o mundo.

suavidade e a vulnerabilidade, não só como formação reativa contra desejos passivos, mas também como defesa contra a vontade universal concomitante de retornar à mãe pré-genital.

Expressando-se como uma ideologia claramente homofóbica, sua face perversa transpareceria na medida em que se transforma em visão de mundo e forma de dominação, numa dimensão que se estende do psicosexual e psicossocial ao propriamente político, quando acaba por naturalizar as oposições entre masculino e feminino em sua forma de organizar o mundo e as diferenças sexuais a partir do suporte rígido do pensamento dicotômico, de tal forma que cabe ao homem o papel de sujeito e detentor do poder, e à mulher o de objeto, podendo ser usado e/ou abusado, e sempre controlado.

É nesse sentido que Tylim (2017) faz uma crítica a Freud: sua teoria da sexualidade teria contribuído para legitimar o pensamento dicotômico, ao acentuar as oposições da sexualidade humana, ao custo de sacrificar as similaridades e simetrias entre os sexos, o que teria acarretado dificuldades tanto para o menino alcançar a masculinidade quanto para a menina, a feminilidade. Ao estabelecer a descoberta da diferença sexual como o ponto central do desenvolvimento sexual, em que a fase fálica e a heterossexualidade constituem seu nível ótimo, num viés claramente desenvolvimentista e normativo, Freud teria ficado preso à teoria das consequências das diferenças anatômicas entre os sexos, estabelecendo como limites da psicanálise a angústia de castração para os meninos, e o sentimento de inferioridade e a inveja do pênis, para as meninas.

Contemporaneamente, entretanto, Tylim (2017) dá testemunho, na sua clínica nova-iorquina, de uma mudança na forma de seus pacientes masculinos lidarem com seu medo de castração e seus conflitos bissexuais. Para eles seria possível trazer à consciência desejos reprimidos ou negados de se identificarem com as mulheres, porque percebem que essa feminilidade dentro da masculinidade é inteiramente psíquica. Isso implicaria que, no campo da masculinidade, o homem pudesse estar mais à vontade com seu medo da passividade – aquilo que Freud qualificou como “não-analisável”,

assim como representaria aceitar os limites de sua própria heterossexualidade e a fluidez dos papéis de gênero.

Mas o machismo tornado ideologia, sentindo-se ameaçado diante da disseminação das *neosexualidades* e de novas versões da masculinidade,³ se reeditaria agora, como forma defensiva de reagir tanto aos questionamentos da lógica binária de oposição entre os sexos, quanto à desconstrução das estruturas de poder que submetem ou subalternizam as mulheres, além de discriminarem as formas identitárias LGBTQIA+. Tylim (2017) destaca a forma violenta dessa reação numa afirmação emblemática:

Nosso *zeitgeist* está cheio de machos que operam no domínio do que pode ser referido como “machismo alucinatório”. Para o homem macho, o mundo é um campo de batalha, e a brutalidade é considerada o núcleo da macheza. É transmitida através de gerações, de pais para filhos (Tylim, 2017, pp. 226-227).

Sua visão do gênero, baseada em Butler (2016), como construção de normas que o discurso regulatório e repressivo da sociedade sustenta, provocando sua internalização, insere os efeitos secundários psicológicos e sociopolíticos dessas normas em cenários de poder e dominação. A autora critica a categoria *gênero* em seu aspecto teatral, de encenação de uma construção social, onde é fundamental assegurar a repetição dessa performance para que essa estrutura normativa se perpetue. No caso do machismo, explica-se dessa forma a necessidade de repetir compulsivamente a performance para proteger essa construção e manter as estruturas de dominação.

Em uma perspectiva diferente do falocentrismo, caracterizado na crítica a Freud feita por Tylim anteriormente, algumas correntes psicanalíticas atribuem cada vez mais relevância às relações pré-edípicas com *ambas* as figuras parentais para a constituição da identidade de gênero. Mas não só. Sua importância igualmente se revela para uma futura triangulação edípica, como ficará mais explícito no pensamento de Diamond (2013).

3 Ken Corbett (2009) oferece uma abordagem de uma masculinidade homossexual, por exemplo.

A obra desse autor representa uma importante contribuição ao tema da masculinidade por permitir pensar a manutenção das identificações femininas que o menino produz a partir da relação com seu objeto primário, sem que isso se torne um motivo de conflito e rejeição dessa parte que o constitui. Baseando-se nos questionamentos que Lyons-Ruth (1991) faz ao processo de *separação-individuação* de Mahler, M. (1982), a partir da teoria do apego, Diamond (2013) afirma que é no processo de *apego-individuação* que o menino adquire um sentido seguro de sua identidade masculina – a partir da *qualidade do apego* que ele tem a sua mãe. Da mesma forma, as identificações iniciais do menino com seu pai também permanecem importantes na sua estrutura psíquica, e se tornam cada vez mais acessíveis à medida que ele amadurece. Na verdade, quando o menino vai se distanciando da mãe e experimentando essa perda, a existência de um pai pré-edípico como *o segundo outro* de Greenspan (1982), citado por Diamond (2013), mitiga as tendências defensivas do menino de se separar abruptamente da mãe, ao mesmo tempo que lhe fornece um foco convencional para a identificação masculina.

Nas palavras de Diamond,

O menino que é capaz de realizar uma identificação com um pai disponível, que o ama, que possui um corpo e uma genitália como a sua – que é como o menino mas que se mantém independente e fora do seu controle – facilita a integração das identificações materno-femininas ao tornar possível a internalização de uma imagem paterna (representando uma masculinidade genital) na qual as qualidades *tanto* ativas e penetrantes *quanto* as receptivas e cuidadoras da *paternagem* do pai se tornam um fundamento para uma identidade de gênero masculina saudável. (Diamond, 2013, p. 12)

No pensamento desse autor todo esse processo se mostra complexo. A internalização da imagem masculina genital do pai pelo menino depende da natureza da relação entre o casal. Utilizando sua libido para fortalecer sua conexão com sua mulher, o pai oferece à criança um objeto de identificação capaz de localizar a masculinidade na matriz de relações

íntimas. No duplo papel de *pai cuidador* e de *amante excitante*, o pai ajuda o menino a reunir o *casal primário* no *espaço triangular*. Essa realidade triádica pré-edípica geraria uma fase edípica mais favorável.

Isso não quer dizer que o caminho da separação progressiva da mãe seja fácil, primeiramente do ponto de vista de reconhecê-la como sexualmente diferente – “a descoberta traumática da alteridade de Ogden” (1989), citado por Diamond (2013). Em segundo lugar, o menino tem que repudiar o apego erótico maternal inicial, lamentando profundamente a perda daquela relação diádica. Cabe mencionar aqui que para Freud a criação de uma imagem fálica de si mesmo serviria para atenuar essa experiência de perda de uma relação com um objeto de amor privilegiado que, além disso, permitiria que o menino readquirisse o controle do objeto, agora visto como separado. Segundo Lax (1997), citado por Diamond (2013): “O pênis visto como órgão superior seria uma forma de substituir o seio como objeto privilegiado, lançando a inveja do seio no inconsciente”.

“A ilusão defensiva e adaptativa da supremacia de seu equipamento masculino próprio” de Manninem (1992, p. 25), citado por Diamond (2013), serviria para o menino aliviar suas ansiedades de diferenciação e lhe permitiria defender-se das tendências depressivas de um objeto maternal ainda necessário, mas separado. O monismo fálico, com a definição do pênis enquanto órgão sexual por excelência, funcionaria como precaução contra o reconhecimento daquela falta, tornando-se assim uma possibilidade de manter a união onipotente e idealizada com o objeto materno (a mãe pré-genital). Tal *falicidade defensiva* se tornaria um obstáculo permanente para o desenvolvimento adulto e seria evidente tanto nas *ansiedades de fragmentação*, quanto no sentimento de *vergonha* que são evocados quando qualquer identidade masculina estável não pode ser mantida. A ela se oporia uma *falicidade adaptativa*, em que o orgulho do pênis fomentaria atividades criativas na infância, adolescência e sobretudo na idade adulta, implicando em neutralização do narcisismo fálico e integração com os aspectos genitais da masculinidade, segundo Diamond (2013).

Diamond (2013) esclarece que, com a possibilidade de manter as duas identificações, com ambos os objetos de apego, torna-se possível integrar

as duas posições que se alternam e nem sempre se coadunam, a saber: a posição fálica e a posição genital. A primeira é definida pelas qualidades essencialmente masculinas, ativas, de estender, atirar, penetrar, associadas à assertividade, agressão, força e potência para alcançar metas e desejos. Já a segunda se aproxima mais das qualidades geralmente atribuídas à feminilidade, por serem relativas ao afeto, ao cuidar, ao passivo. A integração das duas posições permitiria associar a satisfação genital com a ternura pré-genital de Balint (1948), citado por Diamond (2013), de tal forma que o homem deseja sua parceira, mas também se envolve afetivamente com ela. Enfim, aqui é possível desenvolver as capacidades de estabelecer conexões de intimidade e afeto.

Com a integração desses dois polos podendo ser realizada, isto é, da posição fálica e da genital, nem é necessário desvalorizar a feminilidade e, portanto, assumir um comportamento defensivo machista, nem fazer da agressividade a forma de atuar sobre o mundo; e, no outro polo, é viável aceitar guiar-se pelo viés do sentimento, da receptividade com os outros, da empatia, sem se sentir destituído de suas atribuições masculinas.

Os homens adultos que fossem capazes de desenvolver um ego ideal maduro que integrasse o ego ideal fálico com o ego ideal genital estariam livres de uma masculinidade bifurcada, “falicizada”, e conseguiriam desenvolver um sentimento de identidade masculina maduro, fruto de uma posição pendular entre as duas posições.

Diamond (2013) elabora críticas ao pensamento dicotômico rejeitando a ideia de uma profeminilidade, a qual o menino deve renunciar para alcançar a identidade de gênero – presente tanto em Greenson (1966,1968) citado por Diamond (2013), quanto em Stoller (1976/1982) – pois essa definiria a construção da identidade masculina de forma negativa: por não ser feminina. “O paradoxo se anunciaria quando se percebe que, nessa vertente, a coisa mais importante para um menino tornar-se homem seria *não ser uma mulher*” (Diamond, 2013, p. 2).

Carecendo de qualquer evidência, tal suposição de uma feminilidade primária, que culminaria numa cisão forçada entre o feminino e o masculino, apresentar-se-ia como problemática teórica e, clinicamente,

tendendo para a psicopatologização (Axelrod,1997) e Fast (1984), citados por Diamond (2013). Postula-se um conflito ou luta, em que se torna necessário para o menino desacreditar as identificações maternas para que possa internalizar o modelo paterno. Seria um jogo de soma zero, em que um tem que ser eliminado para que o outro possa ser assimilado. Desse jogo poderia surgir a *femifobia* – “um ódio inconsciente e um pavor da parte que o menino experiencia em si como feminina” – definida por Ducat (2004), citado por Diamond (2013), evidenciando uma falha no seu desenvolvimento e uma organização fálica defensiva que nega “a capacidade procriativa e as possibilidades de cuidar” de um homem, segundo Fast (1984, p. 73), citado por Diamond (2013). Percebe-se, portanto, que as análises de Tylim (2017) sobre a construção da masculinidade resultante no machismo e de Axelrod (1997), Fast (1984) Ducat (2004) e Diamond (2013) sobre o abandono da identificação com a mãe coincidem quando apontam para a patologização, para uma organização fálica defensiva.

Na visão de Diamond (2013), tanto a masculinidade (hipótese freudiana), quanto a feminilidade (hipótese de Greenson e Stoller) não seriam o estado natural para os dois sexos. Não sendo *inatas*, seria a partir das relações mais incipientes, identificações e fantasias de cada indivíduo com cada um dos membros do casal parental, em suas múltiplas formas, que masculinidade e feminilidade se construiriam. A masculinidade seria forjada pelos desejos iniciais do menino de ser *ambos* mãe e pai. Ao longo do caminho, haveria uma diferenciação progressiva em que entraria em campo uma identificação com um pai/substituto disponível, uma mãe capaz de reconhecer a masculinidade de seu filho, e um casal parental que reafirma e ama esse menino.

É importante perceber a complexidade dessa operação, que supõe uma *integração* entre ambas as identificações iniciais, demandando um trabalho à esfera psíquica que o modelo de desidentificação com a mãe não contempla, porque trabalha sobre oposição. Adicionalmente, teriam que ser incorporadas variáveis biológicas relacionadas a traços, desafios e conflitos intrapsíquicos relativos ao gênero. Para a construção da identidade de gênero de um menino, portanto, além dos fatores biológicos (tais como

um cérebro influenciado por hormônios e a masculinização do corpo), nas palavras do autor,

seria importante incorporar as marcas iniciais (*early imprinting*) das suas interações com suas figuras de apego primárias, suas relações de objeto internalizadas, os determinantes socioculturais prevalentes e, especialmente, suas reações determinadas psicodinamicamente a cada uma dessas influências. (Diamond, 2013, p. 4)

Na verdade, entretanto, a construção da masculinidade não se apresentaria como um processo natural nem simples. A partir das imposições sociais, segundo Diamond (2013), a socialização masculina operaria basicamente sobre o sentimento de vergonha, e os meninos cresceriam como homens não porque se sintam masculinos, mas tendo que conquistar e provar a sua masculinidade a todo instante. Nesse sentido, seu pensamento converge com a posição de Corbett (2009).

Pode-se observar, de todo esse desenvolvimento, portanto, que essa complexa construção da masculinidade evidenciaria dois aspectos da formação da identidade do menino: o intersubjetivo, pelas suas reações às interações realizadas com suas figuras de apego primárias, internalizando-as; e o sociocultural, através das demandas da sociedade de moldar sua identidade individual pela identidade de gênero masculina instituída socialmente como modelo a ser seguido, frente ao qual tem que se posicionar.

O viés intersubjetivo do eu e da sexualidade ressaltado

Bleichmar, E. (2013) dá grande ênfase à necessidade de se levar em conta a estrutura intersubjetiva do eu e da sexualidade para poder tornar claras as relações entre gênero e sexualidade. A introdução dessa intersubjetividade constitutiva acaba por produzir um enorme desafio ao pensamento dicotômico, que opõe sexo e gênero, feminilidade e masculinidade e o código binário rígido da castração: ter/não ter. Seu norte é o pensamento de Laplanche (2018), que não só coloca a precedência do gênero sobre o

sexo, situando o social previamente ao biológico, como também sobrepõe a atribuição (do sexo) à simbolização/identificação. Quando se atribui um sexo a uma criança é disparado um conjunto complexo de atos que a inserem na linguagem, no comportamento social e no ambiente familiar, o que revela a importância da dimensão do gênero para a identificação da criança. Sendo assim, a identificação primária dela, *menino* ou *menina* através do sexo biológico, ao invés de ser uma identificação da criança *com* o adulto, é uma identificação feita *pelo* adulto, o que desde então já indica o comportamento social que é esperado daquela criança.

A autora entende que a identidade de gênero inclui representações bem diferenciadas dos corpos da mãe e do pai mesmo antes de a criança perceber a diferença entre os sexos, mas que essas representações são sempre formadas pela percepção conjunta do sexo biológico associado ao gênero. Por meio de uma relação de apego, há uma comunicação veiculada pelo adulto à criança que não permite separar representações do corpo de identidades, como se fossem dois processos diferentes. Mais tarde, entretanto, em condições de *cisgenereidade*, isto é, quando se estabelece uma coincidência entre o sexo de nascimento da criança e sua identificação com o gênero que lhe é correspondente, o reconhecimento da própria masculinidade inclui um corpo que se vê igual ao próprio sexo e diferente do outro sexo, mas ao qual se associa também um gênero, ou seja, um conjunto de gestos, uma forma corporal, e modos de se relacionar. Ao longo de todo o processo de desenvolvimento da criança se evidencia a importância dos significados sociais do gênero que as representações conscientes e inconscientes da mãe e do pai sobre a feminilidade e sobre a masculinidade fazem transparecer nas suas modalidades de interação com o/a filho/filha, assim como na forma como o casal se relaciona entre si.

Bleichmar também se nutre das ideias de Diamond (2013), além das de Laplanche (2006/2018), e esclarece que o núcleo da identidade da criança depende muito mais de uma relação vivenciada com os pais do que de uma simples percepção de um corpo, de uma silhueta. Assim, quando um menino se identifica com seu pai, o núcleo que internaliza é a relação deste com a mãe. Dessa forma, suas identidades pertencem não só ao

complexo de Édipo, no sentido estrito de tomar o sexo oposto como objeto sexual e o genitor do mesmo sexo como rival, ou tomar o casal parental como um casal sexual – mas também à performance de gênero da mãe, como mulher, e do pai, como homem, num sentido muito mais amplo de masculinidade e feminilidade.

Leticia Glocer Fiorini (2017a), por sua vez, alude à distinção laplancheana (2018) entre diversidade *versus* diferença, anteriormente abordada, para questionar a diversidade sexual reduzida ao binarismo. Embora reconhecendo que o binarismo está inscrito na linguagem, na cultura e no próprio psiquismo, pois, além da orientação sexual, a diferença sexual e a de gênero se fazem representar na constituição de meninos e meninas enquanto tais, – Fiorini (2017a) acredita que a lógica binária do *ou isso, ou aquilo* não pode dar conta de todas as formas de sexualidade, identidade, relações amorosas e parentalidade hoje vivenciadas. Para isso acredita ser necessário recorrer ao pensamento complexo de Morin (2015), que extrapola as simples oposições masculino/feminino, sujeito/objeto, cultura/natureza e tudo que elas implicam em termos de relações de poder e suas consequências para os processos de subjetivação.

Em relação à parentalidade, a autora (2017b) prefere qualificar como função *terceira* ou *simbólica* aquela mais adequada às novas configurações familiares que as funções materna e paterna tradicionais, pois a tarefa de cuidar, proteger, dar limites e horizontes pode ser realizada por qualquer designação de gênero. Da mesma forma, nessas novas configurações familiares, o complexo de Édipo, enquanto conceito nuclear familiar, precisa ser estendido para o transfamiliar, o transcultural e o transgeracional, pois as identificações se formam tanto a partir dos discursos vigentes como daqueles de gerações anteriores e culturas diferentes, e incluem pessoas que podem extrapolar o núcleo familiar, clássico ou não (Fiorini, 2017b).

Contemporaneamente, na discussão da questão dos gêneros, à *situação antropológica fundamental*, relativa à relação *adulto-infans* tal como descrita por Laplanche, apresentando uma crítica da redução da diversidade à diferença; e ao pensamento complexo, somaram-se as contribuições da teoria *queer*, que defende que não existem papéis sexuais biologicamente

inscritos na natureza humana, sendo fruto de construções sociais, isto é, de formas socialmente variáveis de desempenhar papéis sexuais. Butler (2016), um de seus expoentes, dialoga com a psicanálise, com Laplanche e Lacan, e advoga que as identidades de gênero não decorrem de opções nem naturais nem estáticas, mas, ao contrário, que são desde sempre construídas pelos códigos normativos dominantes na cultura. O objetivo da autora é apontar como toda a arquitetura simbólica de representações binárias de gênero se torna uma pesada estrutura de poder que constrói e aprisiona corpos e desejos que ali não se encaixam, diante das inúmeras combinações que atualmente se estabelecem entre sexo, gênero, escolha de objeto e práticas sexuais; diante das sexualidades nômades e da fluidez das identidades na contemporaneidade, permitindo migrações entre gêneros.

Já anteriormente referida por Tylim (2017), quer mostrar que o gênero se reduz a uma *performance*, encenada repetidamente à exaustão para atender às demandas sociais e à manutenção das relações de poder entre os sexos.

Reflexões finais

O viés psicanalítico permitiu identificar uma relação intrínseca entre machismo, homofobia e femifobia. A nível intrapsíquico, adotar uma posição machista equivale a defender-se das angústias de castração, o que exige apagar quaisquer vestígios de identificação materna e passar a modelar seu ideal de eu em torno da idealização de um pai fálico. A construção patológica da masculinidade se revela exatamente nessa exigência de escindir a parte constitutiva da identidade masculina oriunda da identificação do menino com a mãe pré-genital.

No pensamento de Freud (1914/2004) o sujeito é constituído através de sua identificação com seus objetos anteriores e, no campo da libido, não é capaz de renunciar a uma satisfação prévia com um objeto, de onde nasce a necessidade de incorporá-lo a si. Há, pois, numa perspectiva machista da masculinidade, uma exigência desmedida de se negar e anular uma das partes de que se constitui o menino. A alternativa de passar do amor ao

ódio a um de seus objetos constitutivos, – a mãe –, produziria nele intenso sofrimento, profundo recalque e exigiria dele acionar os mecanismos defensivos mais primitivos como, por exemplo, a cisão. O ódio inconsciente e o pavor da parte que o menino experimenta em si mesmo como feminina, remetendo-o à sua homossexualidade, quando desejou *ser* a mãe como objeto sexual do pai, inclusive dando-lhe um filho, traduz-se em atitude de rejeição e desvalorização de tudo que remeta à delicadeza, ternura, fraqueza e passividade, restando-lhe como alternativa exclusiva a brutalidade, frieza de sentimentos, força e vontade de dominação. Podemos constatar em nossa sociedade as consequências ampliadas disso.

Em termos psicosssexuais e sociopolíticos, a face perversa do machismo se revela em todas as suas nuances nas duas situações em que esses sentimentos se convertem: (a) em atitudes de ódio e violência em relação aos homossexuais ou quaisquer identificações de gênero que ameacem a visão de mundo binária, estruturada sobre a diferença entre os dois sexos; (b) em inferiorização, transformação das mulheres em objeto de prazer – leia-se abuso sexual – e/ou assujeitamento, a ponto de exercer controle sobre suas vidas e causar-lhes violência ou até mesmo a morte, o frequente feminicídio, quando elas ousam julgar-se seres de vontade e direitos, manifestando sua recusa em perpetuar relações abusivas. Essa reflexão remete ao pensamento de Tylim (2017).

Atitudes perversas como as associadas ao machismo encontram menor ou maior espaço para se manifestarem dependendo do grau de complacência da sociedade para com essa ideologia e práticas criminosas. Códigos familiares e sociais de identificação de gênero, oriundos de relações transfamiliares, transgeracionais e transculturais, endossam ou combatem a subalternidade, a objetivação e as violências sexual e física comumente associadas a elas. Nesse sentido, é importante considerar o papel simbólico das figuras de autoridade, com as quais identificações possam ser estabelecidas, dando limites e punições, ou, em sentido inverso, manifestando posições misóginas e/ou homofóbicas.

A uma construção patológica da masculinidade foi contraposta outra, integradora das fases fálica e genital, que faz jus à bissexualidade

psíquica do ser humano, possuidor, em sua constituição, de disposições tanto masculinas quanto femininas, como já preconizava Freud. O processo de construção do tornar-se homem passou a ser olhado de modo diferente quando, ao não desejar estabelecer uma identificação exclusiva com a masculinidade, entendeu-se que o menino pode integrar em sua identidade *ambas* as figuras parentais, a partir da qualidade de sua relação com elas e da própria relação entre elas. Essa vertente foi expressa através do pensamento de Diamond (2013).

Quando procuramos relacionar tais processos de construção da masculinidade com certas teorias psicanalíticas, percebemos que é possível associar uma falicidade defensiva, tal como a que predomina no machismo, com o falocentrismo, que acaba por veicular uma visão inferiorizada das mulheres ao preconizar a superioridade não só do órgão sexual masculino, mas também dos papéis, da *moralidade* (o supereu mais rígido diante da ameaça de castração, segundo Freud) e até mesmo da função paterna enquanto instituidora da Lei e do simbólico (o nome-do-pai de Lacan). Por outro lado, o kleinismo, ao privilegiar a relação decisiva da criança com a mãe e o seio, embora reconhecendo a presença do pênis do pai dentro da mãe e a figura dos pais combinados, não permite perceber a *importância* da relação pré-edípica do menino com o pai *em termos de identificação*, o que lhe permite fazer face ao poder materno.

Igualmente atribuindo papel significativo à função materna, Winnicott traz à cena a *maternagem* como determinante para a constituição do psiquismo. E embora assinale a importância do pai enquanto holding para a mãe e o bebê, permitindo a ela exercer os cuidados necessários à criança, não se ocupa da necessidade da *paternagem suficientemente boa*.

A questão tratada aqui é a necessidade de o menino ultrapassar uma falicidade bifurcada, integrando suas identificações e incorporando qualidades e funções tanto maternas, quanto paternas. Esse modelo, integrador das disposições bissexuais, expõe a maior complexidade do processo de tornar-se homem. Nele são levadas em conta tanto as identificações diádicas, com cada uma das figuras parentais, e do casal entre si, quanto as triangulares, através das relações que o casal mantém para com a criança.

O casal lhe serve de modelo para suas futuras relações de intimidade e para suas próprias identificações enquanto futuro genitor. Enquanto representação de relações de afeto, o casal permite à criança perceber que a masculinidade não precisa ser associada à frieza de sentimentos, à dominação e à brutalidade.

No que diz respeito às relações dos homens com as mulheres, as posições assumidas podem ser de horizontalidade, cumplicidade, e troca de experiências ao vivenciar o mundo. Além disso, à satisfação sexual pode se somar a dimensão da ternura, sem a necessidade de que uma rígida distinção entre a santa (que só emana ternura) e a puta (que só proporciona prazer) seja estabelecida. Mais ainda, ao perceber sua parceira igualmente como sujeito de desejo, sua obtenção de prazer se condiciona a também proporcionar-lhe prazer. Seguro de sua masculinidade, é possível demonstrar vulnerabilidade, medo, toda uma gama de sentimentos, desejo de ter filhos, dar amor, exercer a função de cuidar, proteger e dar limites.

Os efeitos sociais dessa forma de exercer a masculinidade poderiam facilitar o respeito pelo desejo, corpos, escolhas e funções exercidas não só pelas mulheres, mas também por outras formas de sexualidade e gênero, desde que as normas e práticas sociais, provenientes dos determinantes culturais, começassem a referendar essa atitude de maior tolerância. As novas configurações familiares exigem que as funções materna e paterna sejam pensadas enquanto função *simbólica*, podendo ser exercidas por qualquer designação de gênero, assim como por um núcleo de pessoas, o que exigiria pensar em um conceito de Édipo ampliado.

O padrão de complexidade se amplia. E ainda pode ser levada em conta a relação entre diversas famílias, gerações e culturas na formação dos efeitos que cada uma dessas influências produz na criança que, ao nascer, vai ocupar um lugar na família, na sociedade e na cultura. A atribuição pelo adulto de um sexo a ela contém a representação identitária de um gênero e de um casal, veiculando conteúdos conscientes e inconscientes sobre a designação dos gêneros e sua forma de relacionar-se. Bleichmar (2013) e Fiorini (2017a) oferecem essa contribuição ao tema ao trazer o pensamento de Laplanche (2000-2006/2018). Isso permite chegar à conclusão de que

a singularidade do sujeito é constituída pelo conjunto de suas reações individuais a esses múltiplos determinantes e influências, apontando para a importância do outro e da cultura em sua constituição.

Talvez, melhor que minhas próprias palavras, a letra da música *Masculinidade*, de Tiago Iorc, que será reproduzida em parte, possa resumir o *espírito* desse trabalho:

Ai, ai
Esse homem macho, machucado
Esse homem violento, violado
Homem sem amor, homem mal amado
Precisamos nos responsabilizar, meus amigos
A gente cria um mundo extremo e opressivo
Diz aí, se não estamos todos loucos
Por um abraço
Que cansaço
Cuidado com o excesso de orgulho
Cuidado com o complexo de superioridade, mas
Cuidado com desculpa pra tudo
Cuidado com viver na eterna infantilidade
Cuidado com padrões radicais
Cuidado com absurdos normais
Cuidado com olhar só pro céu
E fechar o olho pro inferno que a gente mesmo é capaz
Cuida, meu irmão
Do teu emocional
Cuida do que é real
Cuida, meu irmão
Do teu emocional
Cuida do que é real
Minha alma é profunda e se afoga no raso
Minha alma é profunda e se afoga no raso
Minha alma é profunda e se afoga no raso

Eu fico zozno
Eu fico triste
Eu sigo à risca
O que é ser homem
Isso não existe
A vida insiste
O tempo todo
Que eu repense
O que é ser homem?
O que é ser homem?
O que é ser homem?
(Iorc, 2021)

Masculinidades y pensamiento dicotómico

Resumen: Este trabajo buscó presentar dos teorías distintas sobre el proceso de construcción de la masculinidad con sus respectivas consecuencias psicosexuales, psicosociales y políticas, que convergen en sus cuestionamientos al pensamiento dicotómico. La complejidad de los procesos en curso en la construcción de las identidades de género y su determinación intersubjetiva y cultural fueron postuladas.

Palabras clave: masculinidad, machismo, identificación/desidentificación, lógica fálica, diversidad/diferencia

Masculinities and dichotomic thought

Abstract: This work intended to present two different theories about the process of constructing masculinity with their respective psychosexual, psychosocial and political consequences, that converge in their critique of dichotomic thought. The complexity of the ongoing processes in the construction of gender identities and their intersubjective and cultural determination were postulated.

Keywords: masculinity, machismo, identification/desidentification, phallic logic, diversity/difference

Referências

- Bleichmar, E. (2013). Intersubjective context of gender and sexuality. In E. Mari & F. Thompson-Salo *Masculinity and Femininity Today* (pp. 117-130). Karnac.
- Butler, J. (2016). *Problemas de gênero*. Civilização Brasileira.
- Corbett, K. (2009). *Boyhoods: rethinking masculinities*. Yale University Press.
- Diamond, M. J. (2013). Evolving Perspectives on masculinity and its discontents: reworking the internal phallic and genital positions. In E. Mari & F. Thomson-Salo *Masculinity and Femininity Today* (pp. 1-24). Karnac.
- Fiorini, L. G. (2017a). The decline of the father: paternal function or third-party function? In C. Holovko & F. Thomson-Salo *Changing sexualities and parental functions in the Twenty-First Century* (pp. 3-14). Karnac.
- Fiorini, L. G. (2017b). Novas Configurações Familiares: funções materna e paterna. In C. Holovko & C. Cortezi, *Sexualidades e gênero* (pp. 81-92). Blucher.
- Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (pp. 95-131). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Iorc, T. (2021). *Masculinidade*. Som Livre.
- Laplanche, J. (2018). *Sexual. A sexualidade ampliada no sentido freudiano*. Dublinense. (Trabalho original publicado em 2000-2006)
- Lyons-Ruth, K. (1991). Rapprochement or approachment: Mahler's theory reconsidered from the vantage point of recent research on early attachment relationship. *Psychoanalytic Psychology*, 8, 1-23.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. Artes Médicas.
- Morin, E. (2015). *Introdução ao Pensamento Complexo*. Sulina.
- Stoller, Robert J. (1982). A feminilidade primária. In H. Blum, *Psicologia feminina: uma visão psicanalítica contemporânea* (pp. 47-61). Artes Médicas.
- Tylim, I. (2017). Machismo and the limits of male heterosexuality In V. B. Pender, *The Status of Women. Violence, Identity, and Activism* (pp. 221-236). Karnac.

Lucia Maria de Carvalho Aragão

luciaragao@uol.com.br

Repetições

Entre a dor e o prazer na procura do ritmo¹

Maria Letícia Wierman,² Ribeirão Preto

Resumo: A autora tenta transmitir suas vivências clínicas por meio de vinhetas sobre o tema repetição. Busca entrelaçar as teorias psicanalíticas referentes ao tema com a arte, para se aproximar dos estados mentais primitivos dominantes na repetição. Seu intuito é chamar atenção para a força envolvida na repetição, não apenas para os elementos mortais conhecidos, mas principalmente pela ideia de centelha de curiosidade proposta por Bion. Propõe-se, assim, que na repetição há possibilidade de continente rítmico de transformação.

Palavras-chave: repetição, compulsão, desejo, culpa, transformações

Moldura I

O prazer nascendo dói tanto no peito que se prefere sentir a habituada dor ao insólito prazer. A alegria verdadeira não tem explicação possível, não tem a possibilidade de ser compreendida – e se parece com o início de uma perdição irrecuperável. Esse fundir-se total é insuportavelmente bom – como se a morte fosse o nosso bem maior e final, só que não é a morte, é a vida incomensurável que chega a se parecer com a grandeza da morte.

1 Trabalho apresentado em reunião científica na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) em 9 de agosto de 2018.

2 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

Deve-se deixar-se inundar pela alegria aos poucos – pois é a vida nascendo. E quem não tiver força, que antes cubra cada nervo com uma película protetora, com uma película de morte para tolerar a vida. Essa película pode consistir em qualquer ato formal protetor, em qualquer silêncio ou em várias palavras sem sentido. Pois o prazer não é de se brincar com ele. Ele é nós.

(Clarice Lispector)

Moldura II

Poderíamos imaginar que o Id se acha sob a dominação dos silenciosos, mas poderosos, instintos de morte, querem ter paz e fazer calar Eros, o estraga sossegos, por instigação do princípio do prazer; mas com isso tememos subestimar o papel de Eros

(Sigmund Freud)

Nós estamos investigando o desconhecido, que pode não nos obrigar a nos coadunarmos ao comportamento que está dentro da faixa apreensível pelas nossas frágeis mentalidades, nossa frágil capacidade para o pensamento racional. Pode ser que nós estejamos lidando com coisas que são tão sutis a ponto de serem virtualmente imperceptíveis, mas que são tão reais que poderiam nos destruir e quase sem a nossa consciência. Esta é a espécie de área na qual nós temos que penetrar

(Wilfred Bion)

Abertura

Todo ser humano carrega dentro de si uma inquietação, que pode ser formulada como uma “questão existencial”, a qual tentará responder ao longo de sua vida. Em sua busca, muito provavelmente se aproximará

dela, mas jamais dar-se-á por satisfeito. Michelangelo Buonarroti fez sua primeira escultura, “Nossa Senhora junto à escada”, aos 15 anos de idade, retratando a virgem amamentando seu filho. Na minha apreensão, o tema “Intimidade do encontro” e desse encontro a possibilidade de nascimentos e renascimentos, se repetirá em suas três Pietàs.

Tenho “conversado” com Clarice Lispector há alguns anos, ela auxilia-me a aproximar-me das experiências que vivencio junto aos meus analisandos, fornece-me ritmos para que eu possa entrar em sintonia com a natureza única de cada pessoa. O coração do meu trabalho e a essência do presente texto estão contidos nas epígrafes acima. As citações de Clarice Lispector, Sigmund Freud e Wilfred Bion são elementos que moldaram minha perspectiva.

No meio dessas molduras, minha tentativa de delimitar o campo no qual desejo expor as “hipóteses imaginativas” sobre o tema “Repetições”. A busca para dar sentido, por significar a experiência, refiro-me a tudo o que envolve o fato de “estar vivo”, a relação consigo mesmo, com o outro e com a natureza – é intrínseca ao Homem e a base da filosofia e da arte. Os mitos são expressões dessa busca.

A curiosidade, que envolve necessidade (sobrevivência física), desejo (sobrevivência psíquica) e temor (riscos de morte física e/ou psíquica), pode levar preponderantemente ao crescimento ou às obstruções. *Prometeu acorrentado* (Stephanides, 2001), “Jardim do Éden”, “Torre de Babel” (Gênesis, 1960) são alguns dos mitos relacionados à busca do conhecimento. A “repetição” envolvida nessa busca é inerente à natureza e ao Homem como parte dela. Será que existe algo conhecido sem a repetição?

Todavia, desde as eras mais remotas, inúmeros povos compartilharam a crença, e daí chegaram a convicção ou certeza, de que a natureza se organizaria ritmicamente, sendo a conjugação dos diversos ritmos naturais a própria expressão de ordem cósmica ou divina vigente (Chuster, 2018, p. 29)

Dos gestos que se tornaram automáticos, como andar, escrever, até as mais sublimes manifestações artísticas como o balé, esculturas, pinturas,

músicas, se dão pela repetição. Assim, todo processo de construção/não-construção por meio do aprendizado/não-aprendizado, se dá pela repetição. O retorno e o ritmo estão intrinsecamente relacionados à repetição em suas mais diversas manifestações numa espécie de “Eterno retorno” (Eliade, 1998, pp. 17-62). Penso, com Chuster, quando diz que:

Na relação com o tempo existe sempre uma história que os pacientes podem estar nos contando sobre o ritmo das amamentações ou dos ritmos que se combinaram no meio intrauterino (mente embrionária) para dar à luz a uma individualidade acolhida pela função da mente materna (reverie/ função alfa). (Chuster, 2018, p. 30)

Foi um longo caminho percorrido desde Freud com o método catártico, recordar e ab-reagir, abandono da hipnose, descoberta da associação livre e as resistências a elas, até a interpretação para tornar conscientes os responsáveis pela formação dos sintomas.

Da evolução do conceito de Freud, passando por Klein e até Bion, do pensar como forma de aliviar o excesso de estímulos, das relações de objetos arcaicos e a construção de um aparelho para pensar os pensamentos, mente primordial, consciência moral primitiva, cesuras e todas as geniais contribuições, muitas expansões foram feitas. Permanece a necessidade, o desejo e o temor para compreender os mistérios que envolvem a complexidade do funcionamento mental relativos aos processos de pensar e sentir.

A “repetição” como um fenômeno bastante corriqueiro, presente na sala de análise, tem me interessado há alguns anos. Ela se faz presente em todos nós numa gradação que vai dos gestos naturais até às formas mais acentuadas, podendo ser obstrutivas quando se perde o ritmo e/ou artísticas e não excludentes.

Bion chama nossa atenção para o fato de que

as questões repetidas podem ser até aquilo que é conhecido como compulsão à repetição. Mas a compulsão à repetição pode ser, na verdade, uma centelha

da curiosidade humana que até então não conseguiu ser extinta por nenhuma afirmação professoral, de nenhuma fonte. (Bion, 1977/1987, p. 129)

O atendimento de crianças autistas³ e/ou espectros autistas e/ou adultos com funcionamento autista acentuado, transtornos obsessivos (atos ritualísticos e pensamentos ruminatórios), fobias e pânico e a permanência por um período razoável – entre 10 e 18 anos – de alguns analisandos, ofereceu-me a oportunidade de observar e acompanhar esse ponto. Ou seja, a repetição em suas diversas manifestações⁴ na experiência, de forma mais amplificada e que se estendeu para todos os atendimentos.

O desafio que se apresenta com esses analisandos refere-se ao como lidar com a face do funcionamento repetitivo de difícil transformação, por parte do analisando e, de difícil manejo por parte do analista. Alguns analisandos se foram, pois a consciência precipitava-se tão avassaladora antes de ser possível a construção de uma continência capaz de conter a violência das acusações de um superego cruel e assassino por parte deles e, por parte do analista, ser possível encontrar uma forma de comunicação apropriada. A velocidade na experiência com que os afetos e as ideias circulam, atropela e inunda tudo ao redor. Essa face é a película de morte recobrando a vida que por sua vez exige sua manifestação urgente.

Na sala de análise estão presentes o sofrimento, a dor experimentada por ambos incluindo dores físicas como cólicas, enjoos, taquicardias etc. com a ameaça permanente do processo analítico ser interrompido, com riscos e tentativas de suicídio, eclosões de surto psicótico e atuações. Na medida em que a esperança para possíveis mudanças capazes de trazer um pouco de alívio à dor mental é mantida minimamente, vive-se à beira. Ao mesmo tempo que, em sua outra face, momentos de extrema beleza podem se apresentar por imagens, ideias, realizações, sendo compartilhados num clima emocional amoroso de profunda intimidade.

3 Bion diz textualmente que tentar compreender o autismo trará novos esclarecimentos sob nosso funcionamento primitivo, estágios precoces que não puderam seguir seu fluxo natural.

4 Pode expressar-se também nas compulsões aditivas tais como nas drogas, comida, ginástica, trabalho, poder, dinheiro.

Cenas analíticas

Cena I – Pietá

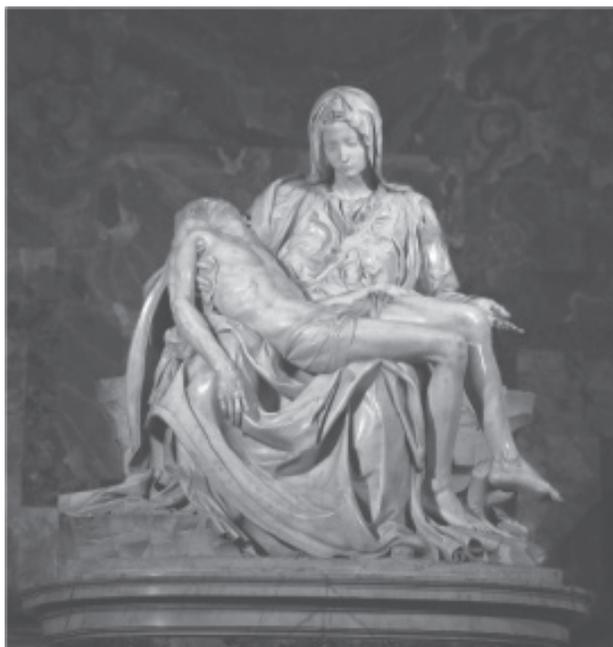


Figura 1

Michelangelo – Pietà – 1497-99

Iniciou a análise com 2 anos e 8 meses. Quando a vi sentada na poltrona da sala de espera, agarrada a um ursinho, fui tomada simultaneamente por fortes emoções e sensações. A poltrona parecia que iria engoli-la e fazê-la desaparecer. Quando me percebi, notei que havia me precipitado em sua direção para arrancá-la imediatamente daquele lugar. Não sabia se era uma menina ou um bichinho estranho, ocorreu-me que seria alguma síndrome desconhecida. Tudo isso acompanhado por uma ternura com vontade imensa de chorar, um arrepio pelo corpo todo e a palavra pulando solta na minha cabeça – Renascimento.

Assim começamos nosso trabalho, ela não falava nada, movimentava os bracinhos como se fosse sair voando, andava em círculos, andava pelo consultório todo muito rapidamente. Eu corria atrás dela tentando evitar que ela se machucasse. Depois de um longo tempo, em um determinado momento da análise ela começou a cantar. Então, cantávamos apaixonadamente, ela adorava as músicas *Menina*⁵, de Benito di Paula e *Amor I love you*⁶ de Marisa Monte e Carlinhos Brown.

Ela inventava as letras da maior parte das músicas, numa linguagem verbal própria incompreensível (numa idade em que já não era o comum de se fazer); no entanto as músicas expressavam o que vivíamos, pois “a música pode revelar a natureza dos sentimentos com um pormenor e uma verdade de que a linguagem não consegue aproximar-se” (Langer, 2004, p. 233).

Quando ela contava com aproximadamente oito anos, pediu-me para abotoar sua roupa. Naquele instante fui atravessada por um pensamento/emoção muito forte e pensei que eu já funcionara como sua extensão para várias situações por tempo suficiente. Disse a ela: “É muito importante que você faça por você a partir de agora”.

- 5 “Menina, que um dia conheci criança/Me aparece assim, de repente, Linda, virou mulher/Menina, como pude te amar agora?/Te carreguei no colo, menina,/Cantei pra ti dormir/Te carreguei no colo, menina,/Cantei pra ti dormir/Lembro a menina feia/Tão acanhada, de pé no chão/Hoje, maliciosa,/Guarda um segredo em seu coração/Menina, que muitas vezes fiz chorar/Achando graça quando ela dizia: “Quando crescer vou casar com você!”/Menina, porque fui te encontrar agora?/Te carreguei no colo, menina,/Cantei pra ti dormir/Te carreguei no colo, menina,/Cantei pra ti dormir...” (De Paula, 1971)
- 6 “Deixa eu dizer que te amo/Deixa eu pensar em você/Isso me acalma, me acolhe a alma/Isso me ajuda a viver/Hoje contei pras paredes/Coisas do meu coração/Passsei no tempo, caminhei nas horas/Mais do que passo a paixão/É o espelho sem razão/Quer amor, fique aqui/(Rep. 1ª estrofe)/Meu peito agora dispara/Vivo em constante alegria/É o amor que está aqui/Amor, I love you (rept.7x)/Tinha suspirado, tinha beijado o papel devotamente!/Era a primeira vez que lhe escreviam/Aquelas sentimentalidades/E o seu orgulho dilatava-se/Ao calor amoroso que saía delas/Como um corpo ressequido/Que se estira num banho tépido/Sentia um acréscimo de estima por si mesma/E parecia-lhe que entrava enfim numa existência/Superiormente interessante/Onde cada hora tinha o seu encanto diferente/Cada passo conduzia a um êxtase/E a alma se cobria de um luxo radioso de sensações! (Brown & Monte, 2000)

Ela chora com desespero, percebi que fora pega de surpresa pela intensidade de sua reação. Na sessão seguinte assim que me encontra repete o pedido “abotoa para mim”.

Falo para ela: “Você não pode acreditar que já mudou isso é muito assustador e dói muito, mas eu continuo aqui” – chora com o mesmo desespero. Comecei a ser invadida por pensamentos e sentimentos terríveis: *O que você está fazendo Leticia? Você tem certeza disto? Você é cruel, é o seu lado sádico que está agindo. Será que você está cega e não percebe que ela não está pronta ainda? Você a está maltratando!*

Essa tortura se repete a semana toda, passei o final de semana em tristeza profunda. Em minha supervisão eu dizia que não queria mais ser analista de crianças, que não era pra mim. Visitei o inferno. Na primeira sessão da semana seguinte, ela ao me encontrar olha bem fundo nos meus olhos e diz: “Você não é brava, você é firme”. Atônita, pois ela nunca havia se comunicado dessa maneira, respondi: “Se eu acredito em você, você também pode acreditar em você e isso faz você firme”.

Um dos pontos marcantes desse episódio, que escolhi como um dos focos do meu interesse nesse trabalho é a “força”, “obstinação” para manter a repetição. Qual a natureza dessa força? Qual o seu propósito? Tempos depois ela iniciou um movimento com a boca em resposta ao que vivíamos, fazia uma “boca de peixe”, sugando com prazer. Eu me sentia totalmente excluída, pois sentia que havia sido engolida. Lembrei-me de Clarice Lispector:

Saudade é um pouco como fome. Só passa quando se come a presença. Mas às vezes a saudade é tão profunda que a presença é pouco: quer-se absorver a outra pessoa toda. Essa vontade de um ser o outro para uma unificação inteira é um dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida (Lispector, 1999, p. 105)

Eu dizia: “Acabei de ser engolida não precisa mais de mim aqui fora”. Ela respondia com gargalhadas. Eu dizia também: “Só entra, nada sai”. Ela dava as mesmas gargalhadas. Repetiu esse movimento por longo tempo. Surgiu como memória-sonho, a cena em que eu estudava piano e entrava

num estado de profundo isolamento, onde nada mais existia e importava, era prazeroso e assustador ao mesmo tempo.

Cena II – Paola



Figura 2

Michelangelo – Pietà ca. – 1547-55

Inicia a análise, por temer suicidar-se, pois sua vida não fazia mais sentido. Pede para ser medicada, chora convulsivamente, não tem vontade para nada. Ela anda pela sala, senta-se no chão, não consegue encontrar um lugar para pousar. Repete por anos:

Eu sou uma idiota, caí novamente no mesmo lugar, eu não tenho jeito, de nada adianta saber, eu faço sempre tudo igual.

Eu não sei o que venho fazer aqui, não adianta nada, aprontei novamente.

Hoje quase não vim, como iria contar que eu fiz tudo igual novamente, o que você vai pensar de mim?

Quantas vezes eu omiti e menti para você, por sentir vergonha em voltar a fazer sempre o mesmo.

Como eu sou burra, não aprendo! Como você me suporta? Como suporta me ouvir falando e fazendo as mesmas coisas, eu não mudo.

Fiquei com vontade de chutar a análise para bem longe, estou perdendo meu tempo e meu dinheiro, eu não tenho jeito.

A repetição estava presente praticamente em todos os aspectos de sua vida, vivia enredada, paralisada. No início ela não era capaz de perceber que mudanças estavam se operando, pois o ritmo da passagem de um estado mental para outro era muito rápido, jogando-a de um extremo a outro anulando o espaço entre eles, como se ouvisse apenas o fortíssimo e o pianíssimo, resultando em experiências empobrecidas, desvitalizadas e exaustivas. Queixava-se do som da própria voz, as vivências eram de muito barulho.

Quando o ritmo alargou-se, ela pode acompanhar as entradas e saídas das trevas, das turbulências. Assim, aos poucos, o resgate foi acontecendo e conseguia emergir e transitar por diferentes estados mentais inclusive experimentar sentimentos prazerosos e gratificantes.

Cena III – Prima

Inicia sua análise assim que retorna do intercâmbio de um ano fora do país. Deseja morrer, pois vivera um ano no paraíso e agora voltara para o inferno que era a convivência com sua família. Sua mãe vivia deprimida não suportando nada, frente a qualquer contrariedade se entupia de remédios e se isolava no quarto. Seu pai, embora um empresário bem-sucedido, vivia ameaçado por desastres iminentes de toda natureza, considerando a todos da sua família como “sanguessugas”, sentia-se constantemente lesado.

Prima não se sente vista e compreendida por ninguém, muitas vezes durante as constantes brigas perde o controle e atira o que vê pela frente. Repete, repete, repete... Chora o tempo todo, um choro doído e sem fim!



Figura 3

Michelangelo – Pietà Rondanini 1552/53-64

Eu não suporto mais ser a louca da família, eles me chamam de insuportável, enjoada, insatisfeita que recebe tudo do bom e do melhor e não reconhece.

Eu quero mudar e não consigo. Eu vejo que eles fazem tudo por mim, mas eu só entendo, não sei o que acontece, não consigo me sentir amada de verdade.

Letícia, o que eu tenho? O que acontece comigo? Nada muda, eu não tenho vontade de viver, só penso em morrer.

Eu sou desorganizada, odeio me atrasar, mas não consigo chegar no horário para nada, estou sempre perdendo a hora, eu fico me sentindo mal, pois não consigo mudar.

Ao mesmo tempo, é marcante seu respeito, consideração, compromisso com tudo e todos de suas relações. O perfeccionismo está presente em tudo a que se propõe, e realiza com elevado padrão estético. Ela me mostra uma foto que tirou dizendo que a imagem era falsa, pois retratava algo muito mais lindo do que existia de fato.

Lembrei-me de Beethoven que compôs concertos e sonatas, obras somente executáveis com os pianos modernos e sua riqueza sonora digna da composição indicada nas pautas. Essa experiência permitiu-nos descobrir que na verdade nossos “olhos” ainda não são capazes (algum dia serão?) de capturar o que de fato existe, tantas riquezas, como pode a lente de sua máquina. Portanto, o que acreditamos (físico e psíquico) como sendo o real são meras visões parciais e distorcidas.

Reflexões a partir das experiências clínicas

Um dos desafios para mim, diante dessas experiências, era encontrar uma maneira de comunicar o vivido da sessão, pois tudo era imediatamente “tragado” para o mesmo lugar das autoacusações e, se eu mostrasse esse funcionamento, que isso era feito, a resposta era: “Está vendo, eu não tenho mesmo jeito, não adianta”. Uma muralha se levantava instantaneamente.

Tentar descrever o estado emocional, tentar ficar no mesmo lugar, sem acréscimo algum, era o possível a ser feito, tudo muito lentamente. Isso acompanhado de dúvidas frequentes quanto à função analítica, enfrentar as próprias exigências e cobranças superegoicas. Eu dizia para eles mais ou menos assim:

Você se sente invadido por esses sentimentos, violentado por eles.

Como diz Clarice, você não sente e pensa, é sentido e pensado.

O que mais deseja é livrar-se desses sentimentos terríveis, o mais rápido possível, mas não depende da sua vontade, observo que tem feito todo o possível para isso.

Quando é dominado por essas emoções perde a esperança de que isso irá pelo menos ficar mais ameno, pois o que você já experimentou de diferente desaparece como se nunca tivesse existido.

Você pensa, e muitas vezes planeja em acabar com a própria vida, acreditando que é a única maneira de parar com tanto sofrimento. Quero que saiba que para mim não é tanto faz, embora, eu não tenha poderes para evitar, caso você decida por esse caminho.

Como é difícil pegar no colo o morto, o rejeitado, o odiado.

A saída desses estados ocorria no princípio muito pouco e a volta era rapidamente vertiginosa o que levava a outro desafio, manter a crença e a esperança na possibilidade de transformações desse funcionamento repetitivo. Eu dizia para eles e para mim mesma: *Você não conseguirá me convencer da sua convicção de que não tem jeito, pode desistir.*

Eu sentia o quanto manter minha crença e esperança era fundamental para a sobrevivência do nosso trabalho, baseadas no que eu podia observar de retomadas de movimentação mental; da companhia de Anne Alvarez ao dizer que seria necessário carregar a crença e a esperança por nós dois pelo tempo que fosse necessário; da lembrança de Sebastião Salgado,⁷ do filme *O sal da terra*, Wenders e Rosier:

Eu já sabia uma sobre esse Sebastião Salgado: Ele se importava mesmo com as pessoas. Isso tinha um grande significado para mim. Afinal, as pessoas são o Sal da Terra. O homem cujas fotos nos contaram milhões de histórias da vida neste planeta hoje compartilha conosco um grande sonho: A destruição da natureza é reversível. Mais de mil nascentes voltaram a jorrar no Instituto Terra e mais de 2,5 milhões de árvores já foram plantadas. Os animais voltaram, inclusive onças. Essa terra já não é mais dos Salgados, é um parque Nacional que pertence a todos. Ela é o exemplo de que, em qualquer lugar, Terras maltratadas podem ser novamente transformadas em Floresta (Wenders & Rosier, 2014)

O ritmo é dado pelos ciclos. Ciclo não é círculo. O círculo são experiências claustrofóbicas, de encarceramento e morte. Nos ciclos, as repetições, nunca voltam para o mesmo ponto de partida, ao retornar estão sempre um pouco além, mesmo que muitas vezes imperceptíveis.

Com o tempo, pelo ritmo, as experiências foram se ampliando e permanecendo por um período maior, estados emocionais mais prazerosos

7 A lembrança refere-se ao impacto causado pelas fotos tiradas, antes degradada e depois recuperada, da fazenda pertencente à família de Sebastião Salgado, local de sua infância, hoje Projeto Instituto Terra. A força de vida que permanece, mesmo que soterrada por tantos maus-tratos, e renasce ao receber os cuidados necessários (Salgado, 2013).

foram surgindo, bem como foi sendo possível, para mim, uma comunicação mais livre, pois já não era mais usada como munição auto-acusatória. Dessa forma, a experiência analítica é como “máquina de fazer sentir”, parafraseando Mia Couto ao falar dos livros de Valter Hugo Mãe.⁸

Molduras

Pudesse eu um dia escrever uma espécie de tratado sobre a culpa. Como descrevê-la, aquela que é irremissível, a que não se pode corrigir? Quando a sinto, ela é até fisicamente constrangedora: um punho fechando o peito, abaixo do pescoço: e aí está ela, a culpa. A culpa? O erro, o pecado. Então o mundo passa a não ter refúgio possível. Aonde se vá e carrega-se a cruz pesada, de que não se pode falar. Se se falar – ela não será compreendida. Alguns dirão – “mas todo o mundo...” como forma de consolo. Outros negarão simplesmente que houve culpa. E os que entenderem abaixarão a cabeça também culpada. Ah, quisera eu ser dos que entram numa igreja, aceitam a penitência e saem mais livres. Mas não sou dos que se libertam. A culpa em mim é algo tão vasto e enraizado que o melhor ainda é aprender a viver com ela, mesmo que tire o sabor do menor alimento: tudo sabe mesmo de longe a cinzas.

(Clarice Lispector)

A vida não é dos bens o supremo; dos males, entretanto, o maior é a culpa.

(Friedrich Schiller)

8 Nesse livro, especificamente, compreendo-o a partir de um dos legados de Bion, que a função principal da análise é o conectar-se afetivamente que permite o desenvolvimento da mente. Couto (2016, p. 11).

Considerações teóricas

O cenário em que o funcionamento repetitivo se apresenta tingido por cores escuras, em sua face sombria, pelo sentimento de culpa, crueldade e exigência, encontra-se fundamentado nas teorias de Freud, Klein e Bion; na origem do superego e pelas expansões de autores atuais. Em seus trabalhos, Walter Trinca (1997) pesquisou os fatores obstrutivos na personalidade responsáveis pelo impedimento de fluidez mental, resultando em paralisações estéreis.

Nomeou de “inimigo interno” a presença do instinto de morte, expresso em um superego cruel, algoz, despojando a personalidade de seus elementos vivos e criativos.

A conjectura, então é de que nas fundações de nossa vida mental existe uma atividade moral que urge para existir. Refere-nos ao que não é pensamento e nem aprendido com a experiência, mas sim repetições de um já vivido primevo. O conceito consciência moral primitiva, neste sentido, mescla as teorizações precedentes: é inata (embora não filogenética) e é decorrente de experiências, embora anteriores às relações de objeto. Estabelece-se uma distinção entre uma consciência moral “madura” e uma consciência moral “primitiva”. A primeira compreendendo os desenvolvimentos éticos de um superego em interação criativa com o ego, enquanto a moralidade primitiva manifesta-se de forma impeditiva ao contato com situações novas, que possibilitam crescimento da personalidade. (Mattos & Braga, 2009)

Braga e Mattos, em relação aos sentimentos de culpa e as crueldades como consequências, nos mostram a urgência da vida e a existência diante da face da morte e o seu processo repetitivo.

Retomando as molduras I e II

E ainda em Freud:

O que a biologia e as vicissitudes da espécie humana criaram e deixaram no Id é assumido pelo Eu, através da formação do Ideal, e revivenciado nele individualmente. Graças à história de sua formação, o ideal do Eu tem amplos laços com a aquisição filogenética, a herança arcaica do indivíduo (Freud, 2011).

E em Bion:

Limitarmo-nos à observação somente do que compreendemos é negar a nós mesmos a matéria-prima da qual a sabedoria e o conhecimento presentes e possivelmente futuros podem depender. O fato de serem incompreensíveis agora, porque nossas mentes não estão preparadas ou estão mal – ajustadas para apreendê-los, não é uma razão para limitar os fatos tais como se apresentam realmente (Bion, 1981/1991).

Seria provável a hipótese da existência de um componente filogenético, concomitante ao funcionamento descrito acima, em que quando interrompido o ritmo, dado pelos ciclos da natureza (externa e interna) e, pelos ciclos da vida, a força pela sua retomada não cessará enquanto houver vida? E a força não cessará na busca por atingir o sublime em suas potencialidades de SER? E essa busca não só considera o outro como entende que só na relação com o outro será possível a expansão de suas potencialidades.

Sinto falta da Natureza.

Natureza real, selvagem

Não construída, acontecida.

Tenho a impressão que convivência muda tudo,

Ao fim do encanto com o novo,

Ao conviver com uma igreja do séc. 12

Com o passar do tempo ela se torna imperceptível

como nosso próprio nariz.

Ignorada ao plano de fundo do comum.

Já a Natureza é infinita e nem a convivência torna o infinito comum.

Por isso a Arquitetura por mais sublime que possa ser,

Precisa saber seu lugar no cosmos, eternamente fadada

às limitações do Homem

Que a cria, contra a magnitude de um Universo em eterna mudança.

(Gustavo Wierman)

Repeticiones: entre el dolor y el placer en la búsqueda del ritmo

Resumen: El autor intenta transmitir sus experiencias clínicas a través de viñetas sobre el tema de la repetición. Busca entrelazar las teorías psicoanalíticas sobre el tema con el arte, para acercarse a los estados mentales primitivos dominantes en la repetición. Su finalidad es llamar la atención sobre la fuerza que implica la repetición, no sólo por los conocidos elementos mortíferos, sino principalmente por la idea de chispa de curiosidad propuesta por Bion. Se propone, por tanto, que en la repetición exista la posibilidad de un contenedor rítmico de transformación.

Palabras clave: repetición, compulsión, deseo, culpa, transformaciones

Repetitions: between pain and pleasure in the search for rhythm

Abstract: The author tries to transmit her clinical experiences through vignettes on the theme of repetition. She seeks to intertwine the psychoanalytic theories related to the theme with art, in order to approach the primitive mental states dominant in repetition. The intention is to call attention to the force involved in repetition, not only for the known mortal elements, but mainly for the idea of spark of curiosity proposed by Bion. It is proposed, therefore, that in repetition there is the possibility of a rhythmic continent of transformation.

Keywords: repetition, compulsion, superego, guilt, transformation

Referências

- Bion, W. R. (1976). Sobre uma citação de Freud. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 7(2), 291-296.
- Bion, W. R. (1981). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(2), 123-136. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (1983). Como tornar proveitoso um mau negócio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 13, 467-478. (Trabalho original publicado em 1979)
- Bion, W. R. (1985). Evidência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 19(1), 129-140. (Trabalho original publicado em 1976)
- Bion, W. R. (1987). Turbulência emocional. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 21, 121-133. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (1973). A grade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 7(1), 103-129. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (2004a). *Elementos de psicanálise*. Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (2004b). *Transformações. Do aprendizado ao crescimento*. Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação*. Imago, 2006. (Trabalho original publicado em 1970)
- Brown, C. & Monte, M. (2000). Amor, I love you. *Memórias, crônicas e declarações de amor*. Recuperado em 8 de dezembro de 2022, de: <https://www.letras.mus.br/marisa-monte/47268/>
- Chuster, A. (2018). Serendipidade, capacidade negativa e memória do futuro: pensamentos selvagens em busca de uma descoberta. *Berggasse* 19, 8(2), 18-36.
- Couto, M. (2016). Prefácio. In M. Couto, *Contos de cães e maus lobos* de Valter Hugo Mãe. Porto.
- De Paula, B. (19171). *Menina*. Recuperado em 8 de dezembro de 2022, de: <https://www.youtube.com/watch?v=phQQFPY82Ks>
- Eliade, M. (1994). *Mito e realidade*. Perspectiva.
- Eliade, M. (1996). *O sagrado e o profano*. Martins Fontes.
- Eliade, M. (1998). *O mito do eterno retorno, arquétipos e repetição*. Edições 70.
- Eliade, M. (2000). *Mitos, sonhos e mistérios*. Ed. 70.
- Freud, S. (1976). A dissolução do complexo de Édipo. O ego e o id e outros trabalhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Imago, 1976. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1976a). A negativa. O ego e o id e outros trabalhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (1976b). O problema econômico do masoquismo. O ego e o id e outros trabalhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2010a). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 14). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)

- Freud, S. (2010b). Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica. Os criminosos por sentimento de culpa. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 12). Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (2010c). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 10). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (2010d). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 12). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010e). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 12). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917 [1915])
- Freud, S. (2010f). A predisposição à neurose obsessiva. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 10). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (2010g). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 10). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010h). A transitoriedade. In S. Freud, *Obras Completas*. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 12). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 17). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (2015a). Atos obsessivos e práticas religiosas. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 8). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1907)
- Freud, S. (2015b). Caráter e erotismo anal. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 8). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908)
- Gênesis (1960). Os cinco livros do Pentateuco. Jardim do Éden (Caps. 1, 2, 3, pp. 6-8); Torre de Babel (Cap. 11, pp. 15-17). *A Bíblia Sagrada Velho e Novo Testamento* (Vol. I). Guarabu.
- Langer, S. (1989). *Filosofia em nova chave*. Perspectiva.
- Lispector, C. (1992). Saudade. In C. Lispector, *A descoberta do mundo*. Francisco Alves.
- Salgado, S. (2013). *Gênesis* (Edição, concepção e design L. W. Salgado). Taschen.
- Stephanides, M. (2001). *Prometeu, Os homens e outros mitos*. Odysseus.
- Trinca, W. (1997). *Fobia e pânico*. Vetor.
- Trinca, W. (1999). *Psicanálise e expansão de consciência: apontamentos para o novo milênio*. Vetor.
- Trinca, W. (2006). *A personalidade fóbica, uma aproximação psicanalítica*. Vetor.
- Trinca, W. (2011). *Psicanálise compreensiva, uma concepção de conjunto*. Vetor.
- Trinca, W. (2016). *As múltiplas faces do self*. Vetor.
- Wenders, W. & Rosier, D. (2014). *O sal da terra* (Documentário). Imovision.

Maria Leticia Wierman
mleticiawierman@gmail.com

Ensaaios e crônicas

Ser e não ser, eis a situação

Eveline Braga Nogueira,¹ Maceió

Freud descobriu um modelo de sexualidade instaurado no campo pulsional, no discurso das mulheres, através dos sintomas reveladores das fantasias e desejos eróticos marcados pelas experiências sexuais infantis. Foi ao estudar as perversões, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1996d) que anunciou a existência de uma sexualidade infantil, inscrevendo a sexualidade no registro das representações psíquicas, no registro simbólico. Porém, nesses mesmos estudos sobre a sexualidade infantil, em 1905, fundamentou a sexualidade feminina em um registro biológico colocando a mulher na condição de castrada e movida pela inveja do pênis. Freud atribui, como é sabido, dois diferentes destinos em relação ao Édipo masculino e ao Édipo feminino (Freud, 1924/1996b). No primeiro, a castração como castigo é a saída do Édipo. No segundo, a castração como promessa, é a porta de entrada para o Édipo na menina.

É preciso reconhecer que Freud pouco se empenhou em desvendar o enigma que especifica a feminilidade. Na verdade, Freud sempre hesitou face ao problema da feminilidade, esse “continente negro”, como ele próprio denominou, sublinhando, desse modo, o caráter inacabado dos seus estudos até então efetuados. Continente negro (Freud, 1925/1996a)? Buraco negro (Wheeler, 1968)? Talvez se possa fazer uma analogia com uma ciência dita exata. Como estudar uma entidade que é o equivalente

1 Membro associado da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE). Especialista em Saúde Mental pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal). Mestre em Psicanálise pela Universidad Kennedy (UK). Doutoranda em Psicologia pela Universidad de Ciencias Sociales y Empresariales (UCES).

psíquico ao buraco negro na astronomia? O buraco negro no espaço sideral é um campo gravitacional intenso que pode refrear o movimento da estrela próxima ou acelerá-lo; tirá-lo do curso ou ocultar a sua existência porque pode gerar uma energia que a gravidade não suporta; e, sendo assim, a estrela explode. Em apenas um segundo, a explosão é capaz de gerar cem vezes mais energia que o sol produzirá em toda sua existência (Thorne, Wheeler & Misner, 1973/2017). O buraco negro é o centro gerado por toda essa força (Hawking, 2001/2011).

O físico britânico Stephen Hawking, baseado nos estudos de Wheeler (1968), apontou um mecanismo pelo qual buracos negros transformam a massa em radiação e em partículas que escapam das imediações do buraco, disse que os astrofísicos acumularam um cabedal impressionante de conhecimento sobre a natureza dos buracos negros, mas, ainda assim, não puderam compreender tudo sobre eles. Ele disse também que os conhecimentos, àquela época, sobre a natureza da matéria ainda não eram suficientes para explicá-los. Disse mais: que o estudo dos buracos negros contribuiria significativamente para o entendimento do universo, da matéria e da origem das galáxias; e que, por isso, existe um grande interesse nesse assunto (Hawking, 2002/2010).

De modo análogo, e em um único verso (universo), Freud não disfarçou a sua insatisfação em relação à sua teoria sexual feminina (1933/1996c). Ele mesmo aconselhou que interrogássemos os poetas se quiséssemos conhecer melhor o enigmático mundo da mulher ou aguardássemos até que a ciência pudesse nos dar informações mais profundas e mais bem correlacionadas. Podemos inferir que as inibições ou a superexcitação, a perda de equilíbrio mental ou a ausência de faculdades mentais podem ser investigadas como efeitos possíveis do complexo de castração na menina (Freud, 1925/1996a), como efeito desse campo gravitacional, ou seja, nessa região de perturbação gravitacional que um corpo, no sentido mais amplo, gera ao seu redor. Então, por analogia, é possível conceber que essa força gravitacional pode distorcer o espaço mental e interferir na distribuição dos objetos mentais.

Pensemos agora na atualidade que traz um referencial de feminilidade: a mulher corpo-sexo. Por meio da exposição e da erotização do corpo sensual, erótico e provocante, a mulher aparenta ter o reconhecimento social. No geral, as mulheres de hoje não têm vergonha de viver sua sexualidade nem de expor o corpo; tampouco, é a maternidade e/ou o casamento que lhes garantem feminilidade ou que são ícones de feminilidade.

Assim, deparamo-nos com um outro modelo de feminilidade onde o que se revela não é a imagem da mulher contida na sua sexualidade, encerrada nos afazeres domésticos como anteriormente, à época de Freud. A mulher de hoje seduz e insinua os prazeres da carne, sem recato nem constrangimentos, através do seu corpo pelo qual os movimentos eróticos expressam, por suposto, um certo primitivismo. Então, a sexualidade infantil se atualiza pelos investimentos narcísicos no próprio corpo como fonte de prazer comparados a um estado de satisfação autoerótica. As pulsões parciais primitivas atuam com toda força peculiar às pulsões, na busca da satisfação do olhar do outro e dos objetos substitutos propostos pela sociedade de consumo, na expectativa, talvez, de recuperar, e não de reparar o objeto de amor originário: o seio materno, perdido para sempre. Trazemos aqui, resumidamente, o enunciado da lei da gravitação universal, de Isaac Newton: todo corpo atrai outro corpo com uma força que, para qualquer dos dois corpos, é diretamente proporcional ao produto de suas massas e inversamente proporcional ao quadrado da distância que os separa. Versando sobre os dois dos três modelos estruturais cosmológicos (heliocentrismo e geocentrismo), o feminino gravita fortemente atraído por um “centro de influência”: o sol (astro rei) e/ou a (mãe) terra.

Parafraseando Anzieu (1989/1992), meu próprio pensamento sobre a feminilidade, falseado pelos limites que o contém, terá pelo menos o mérito de ser *uma mentira de mulher*.

Referências

- Anzieu, A. (1992). *A mulher sem qualidade: estudo psicanalítico da feminilidade* (J. P. Neto, Trad.). Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1989)
- Freud, S. (1996a). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (1996b). A dissolução do complexo de Édipo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1996c). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência 23. Feminilidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22). Imago. (Trabalho original publicado em 1933[1932])
- Freud, S. (1996d). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Guidry, M. (2019). *Modern General Relativity: black holes, gravitational waves and cosmology*. Cambridge University Press.
- Hawking, S. (2010). *A Teoria de Tudo: a origem e o destino do universo*. (Coleção Ciência Aberta). (M. A. L. Marques, Trad.). Gradiva. (Trabalho original publicado em 2002)
- Hawking, S. (2011). *O Universo numa Casca de Noz* (M. G. F. Friaça, Trad.). Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 2001)
- Nogueira, E. B. (2018). *La Diferencia Sexual de La Mujer: siguen vigentes los conceptos de Freud?* Logos Kalós.
- Thorne, K. S.; Wheeler, J. A. & Misner, C. W. (2017). *Gravitation*. Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1973)
- Wheeler, J. A. (1968). Our universe: the known and the unknown. *The American Scholar* 37, 248-274.

Eveline Braga Nogueira

evelinebraganogueira@gmail.com

Mulheres invisíveis¹

Lina Rosa,² Recife

Terez(s)a

Apesar do despertador e do relógio de pulso encontrados no lixo, Tereza Cristina Galdino da Silva parece não sentir o tempo passar. Diz que tem 40 anos, mas não tem. Não sabe sua idade. Nem se o seu nome Tereza é com S ou com Z. Ao ser perguntada sobre seu estado civil, respondeu: “Eu vivo com um inquilino”. O companheiro atual é bem mais novo que ela e também trabalha com reciclagem. Gasta tudo o que ganha com bebida. Um inquilino que não paga o aluguel. Às vezes, Tereza, que nem bebe, acorda doida de dor de cabeça.



Já trabalhou no lixão. Hoje trabalha em cooperativa. Cata coisas no caminhão debaixo de sol e chuva. É disposta. Gosta quando encontra



1 Fotografias de Helder Ferrer.

2 Psicanalista em formação pela Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE).

peças educadas na rua, que dizem bom-dia, boa-tarde, obrigado. Quando alguém não compreende o seu ofício e manda Tereza trabalhar, ela responde: “Eu já estou trabalhando”.



O segundo nome da catadora é Cristina. Seus dois filhos são Cristiane e Cristiano. Tem quatro netos. Uma colcha colorida de fuxico, toalha de mesa com desenhos de flor, cadeira cor-de-rosa e bichinhos de enfeite da mesma cor. Tudo que possui em sua casa veio do lixo ou do coração. De pessoas que doam de bom grado o que não querem mais. Você se considera feliz? “Sabe que eu nem sei?”. Tereza também não sabe se Feliz é com S ou com Z.

Cícera

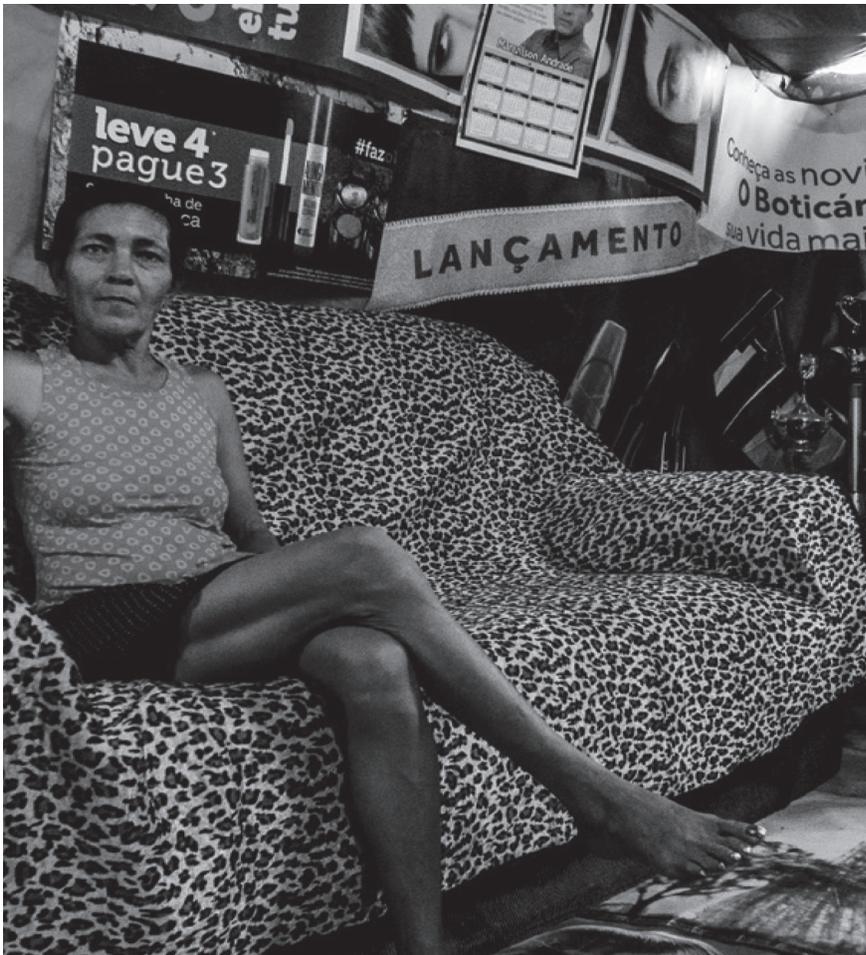
Cícera Rodrigues de Moraes nunca foi a Nova York. Jamais ouviu falar em Andy Warhol. Nem teve acesso à Pop Art, a manifestação contemporânea que coloca a arte em xeque e o Kitsch na cena, reavalia conceitos estéticos, usa produto de consumo e linguagem publicitária como instrumentos de provocação, explora a colagem como recurso e mistura elementos de cores vibrantes. Reinventa.



A casa de Cícera é semelhante a uma instalação de arte pop. Reinvenção de si mesma e da realidade que a cerca. O piso, o teto e as paredes são colagens feitas com lona de publicidade, papelão e madeira encontrados no lixo. Aliás, tudo na casa foi achado nele. Ou melhor: garimpado. A catadora escolheu os objetos como quem colhe pérolas. A

cadeira-macarrão azul, a colcha de veludo vermelha, o pano de oncinha sobre o sofá verde, a bolsa de retalhos pendurada como se fosse quadro. A catadora como se fosse curadora. De arte e da dor.

Cícera já catou lixo na rua, viveu no lixão, perdeu o marido por um câncer na cabeça. Perdeu a audição. Tem dez filhos. Seis permanecem na Vila Emater. Em sua casa, mora com três netos. No meio das colagens que decoram a sala, tem um cartaz de propaganda de batom que diz assim: Leve 4, Pague 3. Depois de visitar Cícera, levamos muito mais que quatro lembranças. E jamais teremos como pagar.





Ijanete

O tecido vermelho estendido ao vento no varal de Ijanete Aureliano dos Santos lembrava o pano de um toureiro. Toureira Janete. Assim, sem o I, como ela gosta de ser chamada. Bela mulher, enfrentou na vida uma tourada atrás da outra. Em algumas, conseguiu ouvir o coro: Olé! Em outras, foi ferida pelo chifre. Mas, em todas, segurou o touro à unha. Pintada com o restinho do esmalte encontrado no lixo.

Nascida na Região Metropolitana do Recife, Janete passou muita dificuldade em Pernambuco. Quando completou 15 anos, viajou para morar com a avó em São Paulo. Foi estuprada pelo tio. Ficou grávida. A tia obrigou a moça a tomar remédio para abortar. A avó deu muitos chutes na sua barriga. Apesar da violência, a filha nasceu. Olé! Pouco tempo depois, Janete se casou pela primeira vez. Da união, nasceu sua segunda filha. Achava que seria feliz, mas não foi. O marido tentou estuprar a enteada. Não conseguiu, mas queimou o rosto da menina. “Assim não tem como não ficar magoada. Melhor ficar só.” Voltou para o Recife. Casou pela segunda vez, também não foi fácil. Debaixo do mesmo teto, moravam o casal, as duas filhas dela e os dez filhos dele. Janete e as meninas passaram muito aperto. Decidiu se separar novamente. Deixou as meninas com os pais e

partiu para Maceió. Na capital alagoana, moravam quatro de seus dezesseis irmãos. Peregrinou de casa em casa de parente até casar pela terceira vez. Teve mais três filhos. Novamente, não foi feliz com o companheiro. “Eu catava latinhas na rua, com as crianças, pra sobreviver. Sustentava nossos filhos sozinha. Resolvi me separar.”

Catadora independente, Janete é mãe de cinco filhos e avó de três netos. Jura que não vai casar pela quarta vez. Continua linda, dona de um sorriso largo e confiante. Tem certeza de que dias melhores virão. Chama o barraco onde vive de palácio. “Porque é meu.” A casa não tem água nem esgoto. Mas é cheia de coisa bonita que ela trouxe do lixo. O lençol encarnado, o arranjo de flores desidratadas, as panelas areadas no capricho, as lingerie, o charmoso vestido de malha listrado em verde, branco, laranja e preto, o estiloso chapéu de abas largas, as sandálias cor de rosa-choque. Por isso, não provoque.

Lina Rosa

linarosa.anil@gmail.com





Preconceitos

Um continente a ser explorado?

Giovanna Albuquerque Maranhão de Lima,¹ São Paulo

Portas²

Nesse corredor, portas ao redor

Querem escolher, olha só

Uma porta só, uma porta certa

Uma porta só, tentam decidir a melhor

Qual é a melhor?

Não importa qual, não é tudo igual

Mas todas dão em algum lugar

E não tem que ser uma única

Todas servem pra sair ou para entrar

É melhor abrir para ventilar

Esse corredor...

Ao dar início à escrita deste ensaio, percebo que sou visitada por emoções de matizes os mais diversos. Uma hora é a curiosidade que vem acompanhada de alegria e entusiasmo. Esse ânimo vai arrefecendo... surge certo abatimento, como que antevendo uma árdua tarefa. Na sequência experimento cansaço. Resistência? Penso: resistência a que?

Estaria eu sentindo preconceitos em me debruçar sobre o tema *preconceitos*?

1 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), membro da atual Diretoria Científica da SBPSP e representante desta diretoria na Comissão Virgínia Bicudo. É paraibana, e paulista por adoção.

2 Letra da música "Portas" de autoria de Marisa Monte, Arnaldo Antunes e Dadi.

Aflita, recorro aos fiéis e queridos parceiros de escrita: os dicionários. Quem sabe encontro em suas páginas, companhia e algum alento para este desassossego?

Encontro em Aurélio: *sinonímia de repulsão, intolerância, sentimento hostil*. Houaiss fala de *prejuízo, suspeita, superstição*. Continuo a busca. Desta feita, em busca do étimo, da origem: onde estaria a fonte desta palavra? *Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos, calcado no francês préconçu*, ensina Da Cunha (2019).

Trabalho psíquico de busca de pensadores para desenvolver pensamentos?

“Tenho duas armas para lutar contra o desespero, a tristeza e até a morte: o riso a cavalo e o galope do sonho”, me lembra Ariano.

Gradualmente os pensamentos – antes à deriva – vão encontrando imagem. Em meu sonho diurno, surge uma máquina de costura bem antiga, de família. Me animo, começo a costura! E alguns dos preconceitos que me habitam, começam a se apresentar...

Que difícil esta experiência. Sugere um continente a ser desvendado: prejuízo, repulsa, suspeita. Vou me dando conta de que o medo – que suspeito seja ancestral – é o elemento comum àqueles preconceitos que consigo acessar. Então, vem a indagação: estarei eu com medo daquilo que rechaço em mim mesma e *vejo* posto no outro?

“Narciso acha feio o que não é espelho” (Veloso, 1978).

Com base nessas vivências, aprendo que os preconceitos são vazios de experiências. Eles “pulam” a experiência e dão lugar a uma teoria que, de nada mais serve do que tentar preencher tal vazio, estreitando assim, a vida psíquica. Exemplificando, se uma pessoa tem preconceito contra estrangeiros, antes mesmo de se relacionar com um estrangeiro e de ter uma experiência com uma pessoa “de fora” ela já lança mão de uma teoria, tal como: *eles são perigosos!*

Mas, o corredor começa a ventilar quando outras portas são abertas: a porta do interesse e da curiosidade genuínas, por exemplo.

É quando novas costuras vão acontecendo: a costura do medo com a coragem, a da arrogância com o desamparo, a da raiva com a aceitação.

Agora, ocupada com o acabamento desta escrita, lembro de Machado de Assis (1878/2015) que com seu conto “O elogio da vaidade” costura com maestria a vaidade com a modéstia, numa bela exploração deste continente complexo onde habitam os nossos preconceitos.

Diz ele:

Que eu sou a Vaidade, classificada entre os vícios por alguns retóricos de profissão. Não olheis para este gorro de guizos, nem para estes punhos carregados de braceletes, nem para estas variegadas com que me adorno. Não olheis, digo eu, se tendes o preconceito da Modéstia; mas se não o tendes, reparaí bem que estes guizos e tudo mais, longe de ser uma casca ilusória e vã, são a mesma polpa do fruto da sabedoria; e reparaí mais que vos chamo a todos, sem os biocos e meneios daquela senhora, minha mana e minha rival. (Assis, 1878/2015, n. p.)

Referências

- Assis, M. (2015). Elogio da vaidade. In A. Leite et al. (Orgs.), *Obras completas*. Nova Aguilar. (Trabalho original publicado em 1878)
- Da Cunha, A. G. (2019). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Nova Fronteira.
- Veloso, C. (1978). Sampa. *Muito (dentro da noite azulada)*. Philips.

Giovanna Albuquerque Maranhão de Lima
giovannaamlima@gmail.com

Psicanálise e arte

Laços entre os estilhaços da vida

Cristina De Macedo,¹ Maceió

O narrador é o homem que poderia deixar luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida.”

(Walter Benjamin)

A vida pode ser pensada como uma sucessão de narrativas que não prioriza o que vem primeiro, nem o que vem depois. Esse exercício de memória pode vir a fortalecer fragmentos do que fomos, somos ou poderemos ser. O tempo como dimensão do Ser.

Em *Grande sertão: veredas* (Guimarães Rosa, 1956/2019) vamos nos deparar com uma série de histórias simples e rotineiras, mas que ao se entrelaçarem, produzem expressão de sentimentos, emoções e ideias de maneira imaginativa, subvertendo o cotidiano à condição de transcender para a beleza maior da obra de arte.

Quem pôde assistir a *Autobiografia Autorizada* de Paulo Betti, na ocasião do 112º aniversário do Teatro Deodoro em Maceió; talvez tenha se sentido como eu.

Essa obra é tecida com dor e com esperança – nuvens passeiam no palco, retratos em preto e branco, documentos, músicas e uma casinha que alterna suas cores, registros, versos poéticos, palavras elegantemente alinhadas, visões de si mesmo.

Salta aos olhos, o menino (protagonizado por Paulo) que viu o mar aos dezoito anos. E algumas outras cenas. Ele de mãos dadas com a sua mãe

1 Psicanalista em formação pela Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE). Psicóloga, mestra em Literatura.

aniquilava os perigos do mundo. Flores embaixo de uma cadeira. As internações do pai. A casinha de João de Barro. O Papai Noel com máscara de solda. O Gordo e o Magro. O pagador de promessas. E tantas outras.



Cristina De Macedo e Paulo Betti

O monólogo conduz os expectadores a experimentarem – força-fragilidade – de uma existência na qual poderá se verter como espelho das nossas próprias vivências ao recriar uma nova linguagem, um reencontro conosco, semelhante ao que propicia o setting analítico.

Betti recorre ao acervo da sua vida para nos encantar com a mesma arte do contador de histórias, que traz à baila a figura do narrador de Walter Benjamin. Para esse pensador, a narrativa tem tudo a ver com a sabedoria, e com a transmissão das experiências orais, transmitidas de geração a geração, que com o advento da indústria, do lucro, da pressa encontram-se empobrecidas.

A aventura humana de Betti é mesmo um diálogo interminável entre vida e morte. Nesta singular maneira de dizer, ela consiste, por um lado, em ter se dado conta da “verdade” fundamental dos seres e das coisas ao redor, e, por outro lado, ao fazer perceber por meio da experiência, que os estilhaços de uma vida podem ser agregados, para nos ofertar a magia dos laços inesperados.

Referência

Guimarães Rosa, J. (2019). *Grande sertão: veredas*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1956)

Cristina De Macedo
cristinac.demacedo@gmail.com

Aos colaboradores

Normas para apresentação de trabalhos

Psicanálise em revista é uma publicação oficial da Sociedade Psicanalítica do Recife. Os artigos publicados devem atender aos seguintes requisitos:

- a) O artigo deve ser inédito (excetuam-se os trabalhos publicados em anais de congressos, simpósios, mesas-redondas ou boletins de circulação interna de Sociedades Psicanalíticas locais). Exceções serão consideradas;
- b) o artigo não pode infringir nenhuma norma ética e todos os esforços devem ser feitos de modo a proteger a identidade dos pacientes mencionados em relatos clínicos;
- c) o artigo deve respeitar as normas gerais que regem os direitos do autor;
- d) o artigo não deve conter nenhum material que possa ser considerado ofensivo ou difamatório;
- e) o autor deve estar ciente que ao publicar o artigo em *Psicanálise em revista* ele está transferindo automaticamente o copyright para esta, salvo as exceções previstas pela lei;
- f) o artigo não deve ser encaminhado simultaneamente para outra publicação sem o conhecimento explícito e confirmado por escrito do Editor. A *Revista* normalmente não porá obstáculos à divulgação do artigo em outra publicação, desde que informada previamente. Quaisquer violações dessas regras que impliquem ações legais serão de responsabilidade exclusiva do autor;
- g) os conceitos emitidos são de inteira responsabilidade do autor.

Submissão de manuscritos

O texto deve ser encaminhado à *Psicanálise em revista* em arquivo Word, letra Times New Roman, corpo 12, entrelinhamento 1,5, formato *.doc, com no máximo 40 mil caracteres, incluindo os espaços, para o endereço eletrônico: sprsecretaria@uol.com.br.

Psicanálise em revista baseia-se nas normas da American Psychological Association (APA)¹ no que diz respeito à apresentação das citações no texto, notas de rodapé e referências bibliográficas, disponíveis no site <http://www.rbp.org.br>.

Os manuscritos devem ter as características relacionadas a seguir e obedecer à sequência indicada.

1. Folha de rosto identificada, contendo:

- Título do trabalho em português, inglês, espanhol e francês.
- Nome completo e afiliação institucional de cada um dos autores.
- Nota de rodapé com endereço completo para correspondência, incluindo CEP, telefone e endereço eletrônico de cada um dos autores.
- Nota de rodapé com informações sobre apoio institucional, agradecimentos, origem do trabalho (apresentação em evento, derivado de dissertação ou tese) e outros dados que atendam a exigências éticas – no máximo, em três linhas.

2. Folha de rosto sem identificação, contendo apenas:

- Título do trabalho em português, inglês, espanhol e francês.

3. Resumo e palavras-chave em português, espanhol e inglês

1 American Psychological Association. (2020). *Publication manual of the American Psychological Association* (7ª ed.).

4. Resenhas

As resenhas devem ter no máximo 15 mil caracteres com espaços. O nome do autor da resenha deve constar depois dos dados relativos ao livro resenhado. A titulação e o endereço (incluindo CEP, telefone e email) devem constar em nota de rodapé.

As resenhas apresentadas devem trazer todos os dados necessários à plena identificação da obra resenhada:

5. Padrões gráficos

- Não usar sublinhado nem negrito no corpo do texto.
- Títulos de livros mencionados no texto: em itálico, sem aspas.
- Títulos de artigos mencionados no texto: tipo normal, entre aspas.
- Intertítulos do artigo: em negrito.
- Palavras estrangeiras registradas no *Dicionário Houaiss* ou no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (Volp-ABL) devem ser grafadas sem itálico. O mesmo vale para termos em outros idiomas que já estão amplamente incorporados ao vocabulário psicanalítico em português brasileiro, como setting e reverie. O itálico deve ser usado apenas em palavras estrangeiras que não se enquadrem nos casos citados.
- Substituir números romanos por arábicos na indicação de séculos, nomes próprios e numeração de eventos: século 19, João Paulo 2º, 28º Congresso Brasileiro de Psicanálise etc.

6. Texto

6.1. Citações no texto

6.1.1. Citação de autores no texto

Deve-se indicar o sobrenome do(s) autor(es), seguido do ano da publicação.

6.1.2. Citação obtida através de canais informais (aula, conversa, email etc.)

Acrescentar a informação entre parênteses após a citação ou em nota de rodapé. Ex.: E.-M. Paradis (comunicação pessoal, 8 de agosto de 2019) ou (E.-M. Paradis, comunicação pessoal, 8 de agosto de 2019). Essa referência não aparece na lista ao final do artigo.

6.1.3. Citação de obras antigas e reeditadas

Citar a data da publicação original seguida da data da edição consultada. Ex.: Freud (1898/1976) ou (Freud, 1898/1976).

6.1.4. Citação textual

A transcrição literal de um texto deve ser delimitada por aspas duplas, seguidas do sobrenome do autor, da data e da página citada entre parênteses.

Citação de trecho com 40 ou mais palavras deve ser apresentada em parágrafo próprio, sem aspas duplas. A citação deve ser recuada da margem até o ponto da marca de parágrafo usada no restante do texto, com uma linha em branco antes e outra depois do trecho citado.

6.1.5. Citação indireta

Na citação indireta, ou seja, aquela cuja ideia é extraída de outra fonte, usar a expressão “citado por”. Ex.: Para Matos (1990), citado por Bill (1998), ou Para Matos (1990, citado por Bill, 1998).

6.1.6. Citação de trabalhos em vias de publicação

Cita-se o sobrenome do(s) autor(es) seguido da expressão “no prelo”. Ex.: Magdaleno Jr. (no prelo) ou (Magdaleno Jr., no prelo).

6.1.7. Pontuação e grafia da citação textual

O texto citado deve reproduzir a pontuação e a grafia adotadas pelo autor no documento consultado.

6.2. Notas de rodapé

As notas de rodapé devem ser evitadas sempre que possível, devem aparecer no rodapé da mesma página em que consta a chamada. Os dados das obras mencionadas ao longo do texto devem ser apresentados nas referências, não em nota de rodapé.

6.3. Referências

Apenas as obras citadas no texto e nas notas de rodapé devem ser apresentadas no final do artigo. Sua disposição deve ser em ordem alfabética do último sobrenome do autor e constituir uma lista encabeçada pelo título “Referências”. No caso de mais de uma obra de um mesmo autor, as referências deverão ser dispostas em ordem cronológica/alfabética de publicação.

- Devem ser dispostas em ordem alfabética, de acordo com o último sobrenome do autor. Havendo mais de uma obra do mesmo autor, a disposição obedece à ordem cronológica/alfabética de publicação (cronológica em relação à data da edição consultada).
- Manter a margem, a partir da segunda linha de cada referência, sob a terceira letra da entrada.
- O recurso gráfico itálico é utilizado para destacar o elemento título da publicação.
- Autor

Indica-se o autor ou autores pelo último sobrenome (com apenas a letra inicial em maiúscula), seguido do prenome e demais sobrenomes abreviados. Ex.: Feitosa, M. D.; Paiva, L. M.; Pontalis, J.-B.; Prado Jr., B.

- Título

O título e o subtítulo do livro ou artigo devem ser separados por dois-pontos. O destaque (itálico) deve ser usado apenas no título de livros ou publicações periódicas.

- Edição

Deve ser indicada entre parênteses, logo após o título.

- Local de publicação

A partir da 7ª edição do manual da APA, esta informação não é mais requerida.

- Editora

Deve ser indicada tal como figura no documento, porém abreviando-se prenomes e suprimindo-se termos de natureza jurídica ou comercial dispensáveis.

Quando a editora não for identificada, usar a expressão *sine nomine* abreviada entre colchetes: [s.n.].

Exemplos de referências

6.3.1. Livro

- Com autoria

Amati-Mehler, J., Argentiari, S. & Canestri, J. (1990). *La babele dell'inconscio: lingua madre e lingue straniere nella dimensione psicoanalitica*. Cortina.

Aulagnier, P. (1978). *La violence de l'interprétation*. PUF.

Grier, F. (Ed.). (2005). *Œdipus and the couple*. Karnac.

Hargreaves, E. & Varchevker, A. (Eds.). (2004). *In pursuit of psychic change: the Betty Joseph workshop*. Brunner-Routledge.

- Com autoria institucional

American Psychological Association. (2020). *Publication manual of the American Psychological Association* (7ª ed.).

Obs.: quando a instituição for também a responsável pela edição, não se deve repetir seu nome no campo reservado para a editora.

- Sem autoria específica: entrada pelo título da obra
The world of learning (41ª ed.). (1991). Europa.
 - Com indicação de edição
Milner, M. (1967). *On not being able to paint* (2ª ed.). IUP.
 - Prado Jr., B. (2000). *Alguns ensaios: filosofia, literatura, psicanálise* (2ª ed.). Paz e Terra.
 - Com indicação de tradutor
Mijolla, A. (Org.). (2005). *Dicionário internacional de psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições* (A. Cabral, Trad.). Imago.
 - Com indicação da data original
Bion, W. R. (1994). *Estudos psicanalíticos revisados* (W. M. M. Dantas, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1967)
 - Com indicação de volume
Carterette, E. C. & Friedman, M. P. (Eds.). (1974-1978). *Handbook of perception* (Vols. 1-10). Academic Press.
 - Spillius, E. B. (Ed.). (1990). *Melanie Klein hoje: desenvolvimentos da teoria e da técnica* (B. H. Mandelbaum, Trad., Vol. 2). Imago.
 - Capítulo de livro
Klein, M. (1962). Amor, culpa e reparação. In M. Klein & J. Riviere, *Vida emocional dos civilizados* (O. A. Velho, Trad., pp. 57-113). Zahar.
 - Williams, M. H. (2005). Creativity and the countertransference. In M. H. Williams, *The vale of soulmaking: the post-Kleinian model of the mind and its poetic origins* (pp. 175-182). Karnac.
 - Capítulo de livro com indicação da data da edição original
Freud, S. (1973). El yo y el ello. In S. Freud, *Obras completas* (L. López-Ballesteros y de Torres, Trad., 3ª ed., Vol. 3, pp. 2701-2728). Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1923)
 - Freud, S. (1977). Histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1, pp. 77-102). Imago. (Trabalho original publicado em 1888)
 - Ebook
Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud: na sua época e em nosso tempo* (A. Telles, Trad.). Zahar. <https://amzn.to/3NTKrHd>
- 6.3.2. Periódico científico
- Edição completa (fascículo)
Green, A. (Dir.). (2001). Courants de la psychanalyse contemporaine [Supl.]. *Revue Française de Psychanalyse*, 65.
 - Artigo
Bernardino, L. M. F. (2001). A clínica das psicoses na infância: impasses e invenções. *Estilos da Clínica*, 6(11), 82-91. <http://bit.ly/2MSZwOk>
 - Bicudo, V. L. (1989). Conversando sobre formação. *Jornal de Psicanálise*, 22(44), 13-20.
 - Tuckett, D. (2005). Does anything go? Towards a framework for the more transparent assessment of psychoanalytic competence. *The International Journal of Psychoanalysis*, 86(1), 31-49. <https://doi.org/c9mbrv>
- Obs.: no caso de material online, é possível usar encurtadores de link, como bitly.com e shor-tdoi.org.

- Artigo publicado em suplemento

Kernberg, O. (1993). Discussion: empirical research in psychoanalysis. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 41(Supl.), 369-380.

- Artigo em vias de publicação (no prelo)

Magdaleno Jr., R. (no prelo). A função da identidade psicanalítica: apreensão do método como incorporação de uma ética. *Jornal de Psicanálise*.

6.3.3. Revista

- Texto publicado

Diatkine, R. (1993, 17 de março). Histórias sem fim. *Veja*, 26(11), 7-9.

6.3.4. Jornal

- Artigo

Frayze-Pereira, J. A. (1998, 22 de maio). Arte destrói a comunicação comum e instaura a incomum. *Folha de S. Paulo*, Caderno 5, 24.

- Entrevista

Costa, J. F. (1995, 3 de dezembro). Um passeio no jardim sexológico. *Folha de S. Paulo*, 5.

6.3.5. Trabalho apresentado em evento científico (congresso, seminário etc.)

- Publicado em anais

Perrini, E. (2000). A psicanálise além do divã: na instituição, na supervisão e na psicoterapia. In *Anais do II Encontro de Psicanálise do Núcleo de Psicanálise de Campinas e Região* (pp. 65-67). NPCR.

- Não publicado

Miodownik, B. (2017, 1-4 de novembro). *A morte do pai: a resolução simbólica do assassinato edípico* [Apresentação de trabalho]. xxvi Congresso Brasileiro de Psicanálise, Fortaleza, CE, Brasil.

6.3.6. Dissertação de mestrado e tese de doutorado

Herrmann, L. A. F. (2004). *Andaimos do real: a construção de um pensamento* [Tese de doutorado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Vidille, W. F. (2005). *Práticas terapêuticas entre indígenas do Alto Rio Negro: reflexões teóricas* [Dissertação de mestrado]. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

6.3.7. Trabalho não publicado

Franco Filho, O. M. (1996). *O campo da transferência e a contratransferência na formação analítica: quando o analista é também professor* [Texto não publicado].

6.3.8. Material online

- Artigo em site de jornal ou revista

Balbi, C. (2021, 2 de fevereiro). Por que telas aflitas de Van Gogh não têm a ver com loucura ou orelha cortada. *Folha de S. Paulo*. <http://bit.ly/3cFTwDk>

- Artigo em site de notícias

Nogueira, R. (2019, 27 de janeiro). *Após tragédia em Brumadinho, Instituto Inhotim só deve reabrir em fevereiro*. UOL. <http://bit.ly/36I6MDD>

Obs.: note que, neste caso, o itálico é aplicado no título do texto.

- Publicação em blog

Ferreira, V. (2020, 18 de julho). A pandemia é uma crise simétrica? *Ladrões de Bicicletas*. <https://bit.ly/354C4TP>

- Publicação em rede social

Fundação Biblioteca Nacional [@bibliotecanacional.br]. (2020, 29 de novembro). *Literatura: Mário de Andrade* [Fotografia]. Instagram. <https://bit.ly/3aHUBbs>

Villaça, A. (2019, 21 de março). *Hesitação de Freud diante da arte* [Imagem anexa] [Atualização de status]. Facebook. <http://bit.ly/2OcGtiK>

Obs.: em publicações no Facebook, é preciso indicar entre colchetes a existência de material anexo, como imagens e links.

- Verbetes de enciclopédia ou dicionário virtual

Jacques Lacan. (2021, 13 de janeiro). In *Wikipédia*. <http://bit.ly/3cR4tCe>

Lexikon. (s.d.). Esquizoparanoide. In *Aulete digital*. Recuperado em 18 de fevereiro de 2021, de <http://bit.ly/3aACpBL>

Obs.: para material online atualizado com frequência e cujas versões não sejam arquivadas (dicionários, por exemplo), indicar a data de acesso.

6.3.9. Obra de arte

Da Vinci, L. (1508). *Cabeça de mulher* [Pintura]. Galeria Nacional de Parma, Parma, Itália. <https://bit.ly/3iEzbiQ>

6.3.10. Música

Regina, E. (1979). As aparências enganam [Música]. In *Essa mulher*. WEA.

Mozart, W. A. (2007). Lacrimosa [Música gravada pela Wiener Philharmoniker]. In *Mozart: Requiem*. Deutsche Grammophon. (Trabalho original publicado em 1792)

Obs.: para obras clássicas, o compositor entra como autor; para todas as outras obras, o intérprete entra como autor.

6.3.11. Filme

Huston, J. (Diretor). (1962). *Freud além da alma* [Filme]. Universal.

6.3.12. Vídeo em serviços de streaming

Casa do Saber. (2017, 20 de abril). *Herman Melville: Moby Dick: José Garcez Ghirardi* [Vídeo]. YouTube. <https://bit.ly/2YOWNbn>

6.3.13. Material jurídico

Lei nº 11.340. (2006). <https://bit.ly/2N8YL3D>

7. Imagens e ilustrações

Em caso de apresentação de imagens, tais como fotografias, desenhos e gráficos (estritamente necessários à argumentação), assinalar no texto, conforme numeração sequencial, o lugar em que deverão ser intercaladas. Apresentar imagens em alta definição em arquivos separados. Mencionar a fonte e a autorização para reprodução.

Assinaturas

Pedido de assinatura e números avulsos:

Assinatura individual (compreendendo 2 exemplares, excluindo-se os números especiais e monografias): R\$ 90,00.

Números avulsos: R\$ 50,00.

PSICANÁLISE EM REVISTA
(Órgão Oficial da Sociedade Psicanalítica do Recife)

Nome:.....
Endereço:.....
CEP: Cidade:
Telefone:.....
e-mail:

Indique com um X

- a. Assinatura Anual
b. Números avulsos

Formas de pagamento:

1. Cheque nominal à Sociedade Psicanalítica do Recife
Rua Belarmino Carneiro, 249, Torre
50710-340 Recife, PE
Telefax: 81 3228-1756 3226-0462
sprsecretaria@uol.com.br

(Enviar em envelope, juntando-se este cupom)

2. Em caso de ordem de pagamento, enviar o comprovante de depósito para a Secretaria da Psicanálise em revista

Nota:

Para a solicitação de números atrasados, comunicar-se com a Secretaria da *Psicanálise em revista* no endereço acima.



Belleis Comunicação